



*Para
Robert*

[ROMANCE]

ESCÂNDALOS PRIVADOS

Tradução de Isabel Penteadó



Edições
CHÁ DA CINCO
Uma chancela da Saída de Emergência



TÍTULO: *Escândalos Privados*

AUTORIA: *Nora Roberts*

EDITORIA: *Maria João Costa*

Esta edição © 2008 Edições Chá das Cinco Lda.

Título original Private Scandals © 1993 Nora Roberts.

Publicado originalmente por A Jove Book, 1994

TRADUÇÃO: *Isabel Penteado*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Chá das Cinco, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Chá das Cinco*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Rolo & Filhos II S.A.*

1ª EDIÇÃO: *Setembro, 2008*

ISBN: 978-989-8032-36-2

DEPÓSITO LEGAL: *??????/08*

Chá das Cinco é uma marca registada das Edições Saída de Emergência

Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal

TEL E FAX: 214 583 770

WWW.CHADASCINCO.COM

Para o Papá



PRIMEIRA
PARTE

§

«É chegada a hora de falarmos
de muitas coisas», disse a morsa.»

— LEWIS CARROLL

Chicago, 1992

Estava uma noite sem luar em Chicago, mas para Deanna o momento tinha todas as qualidades de *High Noon*. Era fácil ver-se no papel corajoso e digno de Gary Cooper, preparando-se para confrontar o astuto e vingativo fora-da-lei.

Mas, que diabos, pensava Deanna. Chicago era a *sua* cidade. Angela é que era a forasteira.

Deanna achava que exigir um confronto no mesmo estúdio em que ambas haviam trepado a escorregadia escada da ambição era mesmo típico do sentido de dramatismo de Angela. Mas agora o estúdio era de Deanna, e era o programa *dela* que conseguia a maior fatia do *share* das audiências. Não havia nada que Angela pudesse fazer para mudar isso, a não ser que fosse conjurar Elvis do túmulo e pedir-lhe que cantasse «Heartbreak Hotel» para o público do estúdio.

Deanna esboçou um leve sorriso ao imaginar tal coisa, mas o facto não tinha muita graça. Angela era, acima de tudo, uma adversária de respeito. Ao longo dos anos ela utilizara tácticas abomináveis para manter o seu talk-show sempre no topo da tabela.

Mas o que quer que Angela estivesse a preparar daquela vez não iria resultar. Ela subestimara Deanna Reynolds. Angela podia espalhar rumores e ameaçar fazer os escândalos que quisesse, mas não havia nada que ela pudesse dizer que alterasse os planos de Deanna.

Contudo, Deanna iria ouvir o que ela tinha para lhe dizer. Deanna achava que ia até tentar, uma última vez, chegar a um acordo. Oferecer, se não uma amizade, pelo menos umas tréguas cautelosas. Havia pouca esperança de reconciliação depois de tanto tempo de hostilidade, mas na cabeça de Deanna a esperança era eterna.

Pelo menos até se esgotar.

Concentrando-se no assunto em mãos, Deanna entrou no parque de estacionamento do edifício da CBC. Durante o dia, o parque estava sempre apinhado de carros – técnicos, directores, produtores, novos talentos, secretárias, internos. Deanna costumava ir e regressar com o motorista, evitando a confusão. Dentro do enorme edifício branco, as pessoas andavam numa constante correria para pôr as notícias no ar – às sete da manhã, ao meio-dia e às dez da noite –, o programa *Vamos Cozinhar!* com Bobby Marks, o semanal *A Fundo* com Finn Riley e o mais célebre talk-show do país: *Hora de Deanna*.

Mas naquele momento, pouco depois da meia-noite, o estacionamento estava quase vazio. Havia meia dúzia de carros que pertenciam à equipa que garantia o serviço básico e que estava naquele momento a pas-

sar descontraidamente o tempo na redacção, à espera que algo acontecesse no mundo. Provavelmente na esperança de que quaisquer novas guerras não deflagrassem até terminar o turno da noite.

Desejando estar noutra lugar qualquer, Deanna estacionou num lugar vago e desligou o motor. Durante alguns instantes, deixou-se ficar simplesmente sentada a escutar a noite, o movimento dos carros na rua à esquerda, o barulho do enorme sistema de ar condicionado que mantinha frios o edifício e o equipamento dispendioso. Tinha de controlar as suas emoções confusas e nervos antes de encarar Angela.

Os nervos eram uma segunda natureza na profissão que ela escolhera. Ela tinha de conviver e trabalhar com eles. Os nervos eram algo que podia e iria controlar, principalmente porque perder a calma não lhe serviria de nada. Mas aquelas emoções, tão fortes e contraditórias, eram outra história. Mesmo depois de passado tanto tempo, era difícil esquecer que a mulher que estava prestes a enfrentar era alguém que ela já admirara e respeitara. E em quem confiara.

Por experiência própria, Deanna sabia que Angela era perita em manipular emoções. O problema de Deanna – e muitos afirmavam ser o seu talento – era a incapacidade para esconder os sentimentos. Escancarava-os sempre para quem quisesse ouvir. O que ela sentia era reflectido nos olhos cinzentos, visível no inclinar de cabeça ou na expressão da boca. Alguns afirmavam que era isso que a tornava irresistível e perigosa. Virou o espelho retrovisor para ela. Sim, pensou, conseguia ver as faíscas de fúria nos olhos, e também o ressentimento e a mágoa. Afinal, ela e Angela tinham sido amigas. Ou quase amigas.

Mas também conseguia ver o prazer da expectativa. Aquela era uma questão de orgulho. Aquele combate estava iminente há muito tempo.

Sorrindo um pouco, Deanna retirou um tubo de batom e pintou cuidadosamente os lábios. Não se enfrentava uma arqui-rival sem o mais básico dos escudos. Satisfeita por ter a mão firme como uma rocha, voltou a guardar o batom e saiu do carro. Ficou parada um momento, inspirando o ar balsâmico da noite enquanto se perguntava uma coisa:

Calma, Deanna?

Não, pensou. Estava era acelerada. Se a energia resultava de nervos, não interessava. Bateu com a porta do carro e atravessou a passos largos o parque de estacionamento. Tirou o cartão de identificação de dentro do bolso e passou-o na ranhura ao lado da porta das traseiras. Segundos depois apareceu uma luzinha verde que lhe permitiu baixar o manípulo e empurrar a pesada porta.

Depois carregou no interruptor para acender as luzes das escadas e deixou a porta fechar-se atrás dela.

Deanna achava interessante o facto de Angela não ter chegado antes dela. Devia ter recorrido a um serviço de táxis, pensou Deanna. Agora que Angela se instalara em Nova Iorque, já não tinha um motorista particular em Chicago. Deanna estava surpreendida por não ter visto uma limusina à espera no estacionamento.

Angela nunca se atrasava. Nunca.

Era uma das muitas coisas que Deanna admirava nela.

O som dos saltos dos sapatos de Deanna nos degraus ecoavam enquanto ela descia para o piso inferior. Quando passava o cartão pela ranhura da porta seguinte, indagou-se brevemente quem teria Angela subornado, ameaçado ou seduzido para conseguir entrar no estúdio.

Não muitos anos antes, Deanna descera apressadamente aquelas mesmas escadas, de olhos arregalados de entusiasmo, fazendo recados solicitados por Angela. Estivera pronta a abanar a cauda como um cachorrinho ansioso por qualquer sinal de aprovação. Mas, como qualquer cachorrinho esperto, tinha aprendido.

E quando chegara a traição, e a desilusão lancinante, ela podia ter-se lamentado, mas lambereja as feridas e utilizara tudo o que aprendera – até a aluna se transformar na mestra.

Não devia ter ficado surpreendida ao descobrir o quão rapidamente velhos ressentimentos, há muito mitigados, podiam reacender-se. E desta vez, quando enfrentasse Angela, seria no seu território, segundo as suas próprias regras, pensou Deanna. A miúda ingénua do Kansas estava mais do que preparada para flectir os músculos de uma ambição consciente.

E talvez, quando o fizesse, a atmosfera desanuviasse finalmente e se encontrassem em pé de igualdade. Se não fosse possível esquecer o que acontecera entre as duas no passado, era sempre possível aceitar e seguir em frente.

Deanna passou o cartão na ranhura ao lado das portas do estúdio. A luz passou a verde. Ela empurrou as portas e entrou na escuridão.

O estúdio estava vazio.

Isso agradava-lhe. Chegar primeiro dava-lhe mais uma vantagem, como uma anfitriã que conduz um convidado indesejável para dentro da sua casa. E se casa era onde uma menina se transformava em mulher, onde se aprendia e se discutia, o estúdio era a sua casa.

Sorrindo um pouco, Deanna procurou no escuro o interruptor que controlava um conjunto de luzes no tecto. Ela pensou ter escutado qualquer coisa, algum sussurro que mal perturbava o ar. E uma sensação trespassou aquele óptimo sentido de antecipação. Uma sensação de que não estava só.

Angela, pensou ela. E ligou o interruptor.

Mas assim que as luzes do tecto se acenderam, umas mais brilhantes

e ofuscantes explodiram dentro da sua cabeça. No momento em que sentiu a dor que as acompanhava, mergulhou de novo na escuridão.

*

Deanna recuperou os sentidos, gemendo. A cabeça, cheia de dores, tombou contra as costas de uma cadeira. Zonza, desorientada, levou uma mão à zona mais dorida. Os dedos saíram ligeiramente manchados de sangue.

Ela esforçou-se para focar, atónita por se ver sentada na própria cadeira, no próprio estúdio. Teria perdido alguma coisa? – interrogou-se, confusa, fitando a câmara onde brilhava a luz vermelha.

Mas não havia público de estúdio atrás da câmara, nem técnicos atarefados mais ao longe. Embora as luzes a inundassem com o calor familiar, não estava nenhum programa a decorrer.

Ela tinha ido até ali para se encontrar com Angela, lembrou-se Deanna.

A sua visão turvou de novo, como água perturbada por um seixo, e ela pestanejou para a clarear. Foi então que o seu olhar detectou as duas imagens no monitor. Deanna viu-se a ela própria, pálida e de olhos vidrados. E depois viu, com horror, a convidada sentada na cadeira ao lado da dela.

Angela, num fato de seda rosa decorado com botões pérola. Fiadas de pérolas condizentes em volta do pescoço e em cacho nas orelhas. Angela, com o cabelo louro suavemente penteado, de pernas cruzadas e mãos entrelaçadas sobre o braço direito da cadeira.

Era Angela. Oh, sim, não havia dúvida. Muito embora o seu rosto tivesse sido destruído.

Havia sangue salpicado sobre a seda rosa, ao qual se juntava mais que escorria quase indolentemente do sítio onde aquele rosto encantador e perspicaz deveria estar.

Foi então que Deanna começou a gritar.

1.

Chicago, 1990

Em cinco, quatro, três...

Deanna sorriu para a câmara do seu canto no cenário do *Noticiário do Meio-dia*. — O nosso convidado esta tarde é Jonathan Monroe, um autor local que acaba de publicar um livro intitulado *Quero o que é Meu*. — Levantou o magro volume da pequena mesa redonda que se encontrava entre as cadeiras, inclinando-o em direcção à câmara dois. — Jonathan, o subtítulo

do seu livro é *Egoísmo Saudável*. O que é que o inspirou para escrever sobre uma característica que a maioria das pessoas considera um defeito?

— Bem, Deanna. — O homem riu por entre dentes; um homem baixo com um sorriso radioso e que suava abundantemente sob as luzes. — Eu queria o que é meu.

Boa resposta, pensou ela, mas era óbvio que ele não ia aprofundar sem um pouco de incitamento. — E quem não quer, se formos honestos? — disse ela, tentando pô-lo à vontade com um sentido de camaradagem. — Jonathan, afirma no seu livro que este egoísmo saudável é sufocado por pais e educadores, logo desde a nascença.

— Exactamente. — O sorriso brilhante permanecia fixo enquanto os olhos se moviam em pânico.

Deanna ajeitou-se subtilmente, pousando a mão sobre os dedos rígidos do homem mesmo abaixo do alcance da câmara. Os olhos dela radiavam interesse, o toque comunicava apoio. — O senhor acredita que a exigência dos adultos de que as crianças partilhem brinquedos estabelece um precedente antinatural. — Apertou encorajadoramente a mão dele. — Não acha que partilhar é uma forma básica de cortesia?

— De todo. — E ele começou a explicar-lhe porquê. Embora as explicações fossem dadas de forma hesitante, ela foi capaz de suavizar a inépcia orientando-o durante o segmento de três minutos e quinze segundos.

— Este é o livro *Quero o que é Meu*, de Jonathan Monroe — disse ela para a câmara, em conclusão. — Agora disponível nas livrarias. Muito obrigada por ter estado hoje connosco, Jonathan.

— Foi um prazer. Gostava só de acrescentar que estou actualmente a trabalhar no meu segundo livro, intitulado *Saiam do Meu Caminho, Eu Cheguei Primeiro*. É sobre agressão saudável.

— Desejo-lhe boa sorte com ele. Voltamos dentro de momentos com o resto do *Noticiário do Meio-dia*. — Quando entraram no intervalo, ela sorriu para Jonathan. — Saiu-se muito bem. Agradeço que tenha aceitado o meu convite.

— Espero não ter feito má figura. — Assim que lhe tiraram o microfone, Jonathan pegou num lenço para secar a testa. — É a primeira vez que venho à televisão.

— Saiu-se bastante bem. Penso que isto irá gerar muito interesse pelo seu livro.

— A sério?

— Sem dúvida. Importa-se de me autografar este?

Novamente com um brilho nos olhos, ele pegou no livro e na caneta que ela ofereceu. — A Deanna facilitou as coisas. Eu dei uma entrevista radiofónica esta manhã. O apresentador não tinha lido sequer a contracapa.

Ela pegou no livro autografado e levantou-se. Parte do seu pensamento e a maior parte da energia estavam já na mesa do noticiário do outro lado do estúdio. — Isso complica a tarefa de toda a gente. Obrigada, mais uma vez — disse ela, estendendo uma mão. — Espero que volte cá com o próximo livro.

— Teria muito gosto. — Mas ela já se afastara, desviando-se agilmente de pilhas de cabos para ocupar o seu lugar no plateau do noticiário. Depois de enfiar o livro debaixo da bancada, prendeu o microfone na lapela do fato vermelho.

— Outro chanfrado. — O comentário vindo do seu co-pivô, Roger Crowell, era típico.

— Ele era muito simpático.

— Tu achas que toda a gente é simpática. — Sorrindo, Roger verificou a sua aparência no espelho de mão e fez um ajuste na gravata. Ele tinha um bom rosto para a câmara: maduro, fidedigno, com uns distintos laivos cinzentos nas têmporas do cabelo cor de ferrugem. — Especialmente os malucos.

— É por isso que eu te adoro, Roger.

O comentário provocou risinhos entre a equipa de filmagem. Qualquer resposta que Roger pudesse ter dado foi interrompida pela sinalização do tempo dada pelo assistente de realização. Enquanto o teleponto rolava, Roger sorria para a câmara, preparando o tom para uma peça leve sobre o nascimento de tigres gémeos no zoo.

— E é tudo por agora. Não percam a seguir o programa *Vamos Cozinhar!* Eu sou Roger Crowell.

— E eu Deanna Reynolds. Até amanhã.

Enquanto a música de fecho tocava no auricular, Deanna virou-se para sorrir para Roger. — És um sentimental, amigo. Foste tu próprio que escreveste essa peça sobre os tigres-bebé. Tinha claramente o teu dedo.

Ele enrubescou um pouco, mas piscou o olho. — Só lhes dou o que eles querem, querida.

— E estamos terminados. — O assistente de realização esticou os ombros. — Bom programa, pessoal.

— Obrigada, Jack. — Deanna estava já a desprender o microfone.

— Eh! Queres vir almoçar? — Roger estava sempre pronto para comer, e contrariava o seu romance com a comida com o *personal trainer*. Não se conseguia esconder quilos do olhar impiedoso da câmara.

— Não posso. Tenho uma tarefa.

Roger levantou-se. Abaixo do impecável casaco de sarja azul, usava um par de bermudas garridas. — Não me digas que é para o terror do estúdio B.

Um leve sinal de irritação toldou os olhos dela. — Ok, não digo.

— Eh, Dee. — Roger alcançou-a no extremo do plateau. — Não fiques zangada.

— Eu não disse que estava zangada.

— Não precisas. — Desceram o único degrau largo do lustroso cenário para o chão de madeira cheio de marcas, circundando câmaras e cabos. Empurraram juntos as portas do estúdio. — Estás zangada. Vê-se. Ficas com uma ruga entre as sobrancelhas. Olha. — Puxou-a pelo braço para dentro do gabinete de maquilhagem. Depois de ligar as luzes, pôs-se atrás dela, com as mãos sobre os ombros enquanto olhavam para o espelho. — Vês? Ainda está ali.

Deliberadamente, ela fê-la desaparecer com um sorriso. — Não vejo nada.

— Então deixa-me dizer-te o que vejo. A mulher de sonho de qualquer homem. Sexo hábil e sadio. — Quando ela franziu o sobrolho, ele sorriu apenas. — É esse o aspecto, miúda. Esses olhos enormes e *sex appeal*. Qualidades nada más para uma repórter de televisão.

— E a inteligência? — ripostou ela. — Habilidade para a escrita, coragem.

— Estamos a falar de aspecto. — O sorriso dele aumentou, aprofundando as linhas de expressão em redor dos olhos. Ninguém em televisão se atrevia a referir-se a elas como rugas. — Olha, a minha última co-pivô era uma pirosa. Cabelo todo arranjado, capas de porcelana nos dentes. Preocupava-se mais com as pestanas do que em fazer o trabalho dela.

— E agora lê as notícias na segunda maior estação de Los Angeles. — Deanna sabia como funcionava o meio. Oh, se sabia! Mas não tinha de gostar. — Segundo os rumores, ela está a ser embelezada para a estação.

— É esse o jogo. Pessoalmente, eu gosto de ter alguém com cérebro ao meu lado, mas não esqueçamos o que somos.

— Pensei que fôssemos jornalistas.

— Jornalistas *televisivos*. Tens uma cara que foi feita para a câmara e que diz tudo o que tu pensas, tudo o que estás a sentir. O único problema é que é a mesma longe das câmaras, e isso torna-te vulnerável. Uma mulher como a Angela come meninas do campo como tu.

— Eu não cresci no campo. — A voz dela era seca como um deserto.

— Mais valia que tivesses crescido. — Roger deu um aperto amigável nos ombros dela. — Quem é que é teu amigo, Dee?

Ela suspirou e revirou os olhos. — Tu, Roger.

— Tem cuidado com a Angela.

— Olha, eu sei que ela tem fama de ser temperamental...

— Ela tem fama de ser uma cabra de pedra.

Deanna afastou-se de Roger e destapou um frasco de creme hidratante para remover a maquiagem pesada. Ela não gostava de ver os colegas de trabalho a falarem mal uns dos outros, competindo pela sua atenção, e não gostava de se sentir pressionada a escolher entre eles. Já tinha sido suficientemente difícil conciliar as suas responsabilidades na redacção e no plateau com os favores que fazia a Angela. E, afinal de contas, eram apenas favores. Feitos essencialmente fora das horas de trabalho.

— O que eu sei é que ela só tem sido amável para comigo. Ela gostou do meu trabalho no *Noticiário do Meio-dia* e na rubrica «Canto da Deanna» e ofereceu-se para me ajudar a refinar o meu estilo.

— Ela está a usar-te.

— Ela está a ensinar-me — corrigiu Deanna, pondo de lado discos de algodão usados. Os movimentos dela eram rápidos e eficazes. Ela acertava no centro do balde do lixo com a mesma consistência de um marcador de lances livres no basquetebol. — Há uma razão para a Angela ter o programa com maior audiência no mercado. Ter-me-ia levado anos a aprender os detalhes deste ramo e que aprendi com ela numa questão de meses.

— E achas realmente que ela vai partilhar uma fatia dessa tarte?

Ela fez beicinho porque, claro, queria uma fatia. Uma bem grande. *Egoísmo Saudável*, pensou ela, rindo para dentro. — Não é que eu esteja a competir com ela.

— Ainda não. — Mas ele sabia que era o que acabaria por acontecer. Espantava-o o facto de Angela não ter detectado o brilho de ambição nos olhos de Deanna. Mas também, pensou ele, o ego cegava muitas vezes. Ele tinha motivos para o saber. — Apenas um conselho de amigo: não lhe dêes municações. — Estudou-a uma última vez enquanto ela se maquiava para sair. Deanna podia ser ingénua, reflectiu ele, mas era também teimosa. Ele podia ver isso na inclinação dos lábios e no ângulo do queixo. — Tenho uns especiais para gravar. — Deu-lhe um pequeno puxão nos cabelos. — Até amanhã.

— Tchau. — Assim que ficou sozinha, Deanna começou a batucar com o lápis de olhos no tampo da mesa de maquiagem. Ela não descontava tudo o que Roger dizia. Por ser uma perfeccionista, porque exigia, e recebia, o melhor para o seu programa, Angela Perkins tinha fama de ser dura. E valia a pena, certamente. Há seis anos no ar, o *Programa da Angela* estava no topo das audiências há mais de três.

Como tanto o *Programa da Angela* como o *Noticiário do Meio-dia* eram gravados nos estúdios da CBC, Angela pudera exercer um pouco de pressão para libertar algum do tempo de Deanna.

Também era verdade que Angela só tinha sido amável para Deanna.

Ela mostrara a Deanna uma amizade e uma disponibilidade em partilhar que eram raras no mundo altamente competitivo da televisão.

Seria ingenuidade confiar em amabilidade? Deanna não pensava assim. Nem era tola ao ponto de acreditar que a amabilidade fosse sempre recompensada.

Pensativamente, pegou na escova marcada com o seu nome e passou-a pelo cabelo negro que tocava os ombros. Sem a cobertura de uma pesada maquilhagem teatral, necessária para as luzes e para as câmaras, a sua pele era tão elegantemente clara como porcelana, um contraste dramático com a juba escura e os olhos cinzentos e ligeiramente rasgados. Para acrescentar mais um toque de drama, ela pintara os lábios de rosa-forte.

Satisfeita, apanhou o cabelo num rabo-de-cavalo com dois rápidos movimentos de pulso.

Ela nunca planeara competir com Angela. Embora esperasse vir a usar o que aprendera para dar um empurrão na própria carreira, o que ela queria era um dia ter um lugar próprio na estação. Talvez uma participação no 20/20. E não estava fora do seu pensamento poder expandir a rubrica semanal «Canto da Deanna» nas notícias do meio-dia para um programa de entrevistas independente. Até isso dificilmente competiria com Angela, a rainha do mercado.

Os anos noventa estavam abertos a todo o tipo de estilos e programas. Se ela fosse bem sucedida, seria porque tinha aprendido com a professora. Ela sempre seria grata a Angela por isso.

*

— Se o filho da mãe acha que eu vou dançar consoante a música dele, vai ter uma desagradável surpresa. — Angela Perkins olhava para o reflexo do seu produtor no espelho do camarim. — Ele concordou vir ao programa para promover o novo álbum. Olho por olho, Lew. Vamos dar-lhe exposição nacional, por isso ele vai mesmo ter de responder a algumas perguntas sobre as acusações de fuga ao fisco que lhe estão a ser feitas.

— Ele não disse que não ia responder, Angela. — A dor de cabeça por detrás dos olhos de Lew McNeil ainda era suficientemente incomodativa para que ele desejasse que passasse. — Ele só disse que não poderá dar pormenores enquanto o caso estiver a ser investigado. Ele gostava que te concentrasses na carreira dele.

— Eu não estaria onde estou se deixasse um convidado mandar no meu programa, pois não? — Ela praguejou novamente e depois girou na cadeira para rosnar à cabeleireira. — Puxa-me outra vez o cabelo, querida, e vais apanhar rolos com os dentes!

— Desculpe, Senhorita Perkins, mas o seu cabelo está realmente demasiado curto...

— Faz o que tens a fazer! — Angela olhou-se novamente no espelho e relaxou propositalmente os traços. Ela sabia o quão importante era relaxar os músculos faciais antes de um programa, por mais alta que estivesse a adrenalina. A câmara captava todas as linhas e rugas, como uma velha amiga com que uma mulher se encontra para almoçar. Por isso respirou profundamente, fechando os olhos por um momento num sinal para o produtor se calar. Quando os abriu de novo, estavam límpidos, um azul brilhante como diamante rodeado de pestanas de seda.

E sorriu quando a cabeleireira lhe puxou o cabelo para trás e para cima num ondulado halo louro. Dava-lhe uma boa aparência, decidiu Angela. Sofisticada, mas não ameaçadora. Chique, mas não estudada. Verificou o estilo de todos os ângulos antes de acenar com a cabeça em concordância.

— Está óptimo, Marcie. — Abriu o poderoso sorriso que fez a cabeleireira esquecer a ameaça anterior. — Sinto-me dez anos mais jovem.

— Está maravilhosa, Senhorita Perkins.

— Obrigada. — Relaxada e satisfeita, começou a brincar com as pérolas de marca que tinha em volta do pescoço. — E como é que é o novo homem da tua vida, Marcie? Está a tratar-te bem?

— É maravilhoso. — Marcie sorriu enquanto aplicava uma generosa quantidade de laca no cabelo para segurar o penteado. — Acho que pode ser o tal.

— Bom para ti. Se ele te causar problemas, avisa-me. — Piscou o olho. — Eu endireito-o.

Com uma gargalhada, Marcie recuou. — Obrigada, Senhorita Perkins. Boa sorte para esta manhã.

— Hum-hum. Agora, Lew. — Ela sorriu e levantou uma mão para segurar na dele. O aperto era encorajador, feminino, amigável. — Não te preocupes com nada. Mantém apenas o nosso convidado feliz até entrarmos no ar. Eu cuido do resto.

— Ele quer a tua palavra, Angela.

— Querido, dá-lhe aquilo que ele quiser. — Ela riu; a dor de cabeça de Lew transformou-se em agonia pura. — Não te preocupes tanto. — Angela chegou-se à frente para tirar um cigarro do maço de *Virginia Slims* que estava em cima do tocadour. Acendeu um isqueiro dourado com o seu monograma, um presente do segundo marido. Bufou um fino fio de fumo.

Lew estava a amolecer, pensou ela, tanto pessoal como profissionalmente. Embora ele usasse fato e gravata, como era exigido pelo *dress code* dela, os ombros estavam descaídos como se estivessem a ser puxados para baixo pelo peso cada vez maior da barriga. Angela reparou também que o cabelo estava a ficar mais ralo e que já tinha muitos fios cinzentos. O seu

programa era conhecido pela energia e velocidade. Ela não gostava que o seu produtor parecesse um velhote anafado.

— Depois destes anos todos, já devias confiar em mim, Lew.

— Angela, se atacares o Deke Barrow, vais arranjar-nos problemas em conseguir outras celebridades.

— Isso é treta. Há seis ansiosas por participar no meu programa. Elas querem que eu publicite os seus filmes, os especiais de TV, os livros e os discos, e querem sem dúvida que eu publicite as suas vidas amorosas. Elas precisam de mim, Lew, porque sabem que todos os dias eu tenho uma audiência de milhões de pessoas. — Sorriu para o espelho, e o rosto que viu reflectido era encantador, composto, polido. — E elas querem ver-me a mim.

Lew trabalhava com Angela há mais de cinco anos e sabia exactamente como resolver uma disputa: adulando-a. — Ninguém está a negar isso, Angela. Tu és o programa. Só acho que devias levar as coisas com calma com o Deke. Ele já está na música country há muito tempo, e este regresso tem muitos sentimentos envolvidos.

— Deixa o Deke comigo. — Ela sorriu por detrás de uma nuvem de fumo. — Serei muito sentimental.

Angela pegou nos cartões de notas que Deanna tinha acabado de organizar às sete da manhã. Foi um gesto para que ele se retirasse, o que fez Lew abanar a cabeça. O sorriso de Angela alargava à medida que ela ia passando os olhos pelas notas. A miúda era boa, pensou. Muito boa, muito minuciosa.

Muito útil.

Angela deu mais uma passa contemplativa no cigarro antes de o esmagar no pesado cinzeiro de cristal que estava sobre o tocadour. Como sempre, cada frasco, cada escova, cada tubo estava alinhado numa ordem meticulosa. Havia uma jarra com duas dúzias de rosas vermelhas, que eram compradas todas as manhãs, e um pequeno prato com pastilhas de hortelã-pimenta multicoloridas que Angela adorava.

Ela dava-se bem com a rotina, em ser capaz de controlar o seu ambiente, incluindo as pessoas que a rodeavam. Todos tinham o seu lugar. Ela estava a gostar de criar um para Deanna Reynolds. Algumas pessoas poderiam achar estranho que uma mulher perto dos quarenta, uma mulher vaidosa, tivesse contratado uma mais jovem e bonita que, com o tempo, experiência e ilusão se tornara uma bela mulher. E ela não temia a idade. Não num mundo onde podia tão facilmente ser combatida.

Ela queria Deanna por causa da sua boa aparência, do talento e da juventude. Principalmente, porque o poder sentia o cheiro de poder.

E pela simples razão de que gostava da rapariga.

Oh, ela daria alguns pedacitos de conselho a Deanna, alguma crítica amigável, algumas palavras de enaltecimento e, talvez, a seu tempo, de algum mérito. Mas não tinha intenção de permitir que alguém que ela pressentia como um potencial competidor saísse em liberdade. Ninguém se libertava de Angela Perkins.

Angela tinha dois ex-maridos que tinham aprendido exactamente isso. Eles não se tinham libertado. Tinham sido despachados.

— Angela?

— Deanna. — Angela acenou com a mão num gesto de boas-vindas. — Estava mesmo a pensar em ti. As tuas notas estão maravilhosas. Vão contribuir bastante para o programa.

— Fico contente por poder ajudar. — Deanna levantou uma mão para brincar com o brinco da orelha esquerda, um sinal de hesitação que tinha ainda de aprender a controlar. — Angela, sinto-me pouco à vontade em pedir-te isto, mas a minha mãe é uma grande fã do Deke Barrow.

— E tu querias um autógrafo.

Depois de um sorriso rápido e envergonhado, Deanna mostrou o CD que tinha escondido atrás das costas. — Ela iria adorar se ele pudesse autografar isto.

— Deixa comigo. — Angela batucou com uma unha perfeitamente arranjada na caixa do CD. — E como é que se chama a tua mãe, Dee?

— Marilyn. Agradecia-te imenso, Angela.

— É um prazer, querida. — Esperou um segundo. O seu timing sempre fora excelente. — Ah, e há um pequeno favor que me podias fazer.

— Claro.

— Podias fazer-me uma reserva para dois para jantar esta noite no La Fontaine, às sete e meia? Eu pura e simplesmente não tenho tempo para tratar pessoalmente disso, e esqueci-me de dizer à minha secretária para o fazer.

— Não tem problema. — Deanna tirou um bloco de apontamentos do bolso para tomar nota.

— És um tesouro, Deanna. — Angela levantou-se então para verificar uma última vez o fato azul-claro num espelho alto. — O que achas desta cor? Não é muito desmaiada, é?

Como ela sabia que Angela se afligia com todos os detalhes do programa, desde a pesquisa até ao calçado apropriado, Deanna demorou o tempo suficiente para um estudo sério. O cair suave do tecido assentava lindamente na figura compacta e cheia de curvas de Angela. — Atrevidamente feminino.

A tensão nos ombros de Angela desapareceu. — Perfeito, então. Vais ficar para a gravação?

— Não posso. Ainda tenho artigos para rever para o *Noticiário do Meio-dia*.

— Oh... — A irritação veio à superfície, mas apenas por breves instantes. — Espero que o facto de estares a ajudar-me não te tenha atrasado.

— O dia tem vinte e quatro horas — disse Deanna. — Eu gosto de usá-las todas. Agora, é melhor eu sair da tua frente.

— Tchau, querida.

Deanna saiu e fechou a porta. Toda a gente no edifício sabia que Angela insistia em ficar a sós nos últimos dez minutos que antecediam a subida ao palco. Todos assumiam que ela utilizava esse tempo para rever as notas. Isso era um disparate, claro. Ela estava completamente preparada. Mas preferia que pensassem que estava a rever as suas informações. Ou até que a imaginassem a beber um gole da garrafa de brandy que guardava na mesinha de tocador.

Não que ela tocasse no brandy. A necessidade de o manter ali, mesmo ao alcance, aterrorizava tanto quanto confortava.

Ela preferia que acreditassem nalguma coisa, desde que não soubessem a verdade.

Angela Perkins passava aqueles últimos momentos solitários antes de cada gravação num agitado ciclo de pânico. Ela, uma mulher que exsudava uma imagem de suprema autoconfiança; ela, uma mulher que entrevistara presidentes, realeza, assassinos e milionários, sucumbia, como sempre, a um ataque violento de medo do palco.

Centenas de horas de terapia não haviam feito nada para aliviar os tremores, os suores, as náuseas. Completamente incapaz de lutar contra aquilo, deixou-se cair na cadeira e deixou-se arrastar. O espelho reflectia-a em triplicado, a mulher refinada, perfeitamente arranjada, imaculadamente apresentada. Os olhos vítreos com o terror da autodescoberta.

Angela pressionou as têmporas com as mãos e viajou na estonteante montanha-russa do medo. Naquele dia ela teria um deslize e eles escutariam o sertão do Arkansas na sua voz. Veriam a menina que fora mal-amada e indesejada por uma mãe que tinha preferido as imagens oscilantes no ecrã corroído do minúsculo *Philco* à sua própria carne e sangue. A menina que tanto quisera atenção, tão desesperadamente, que se imaginara dentro daquele televisor para que a mãe focasse aqueles olhos confusos e bêbados pelo menos uma vez e olhasse para ela.

Veriam a menina vestida com roupas em segunda mão e com sapatos que não lhe serviam e que tanto estudara para conseguir tirar notas razoáveis.

Veriam que ela não era nada, ninguém, uma fraude que fizera bluff

para conseguir entrar no mundo televisivo da mesma forma que o pai fazia bluff num jogo de póquer.

E ririam dela.

Ou pior, desligá-la-iam.

O bater na porta fê-la estremecer.

— Estamos a postos, Angela.

Ela respirou fundo. — Vou já. — A sua voz estava perfeitamente normal. Ela era um ás no fingimento. Durante mais alguns segundos, fitou a sua imagem no espelho, observando o pânico desaparecer-lhe dos olhos.

Ela não ia falhar. Nunca iriam rir dela. Nunca a iriam ignorar. E ninguém veria aquilo que ela não permitisse. Levantou-se, saiu do camarim e percorreu o corredor.

Tinha ainda de ver o convidado e passou pela porta da sala verde sem pestanejar. Ela nunca falava com um convidado antes de a gravação ter começado.

O seu produtor estava a aquecer a audiência do estúdio. Havia um burburinho de excitação por parte daqueles suficientemente sortudos para terem conseguido bilhetes para a gravação. Marcie, oscilando em cima de saltos de dez centímetros, apressou-se para uma verificação de última hora ao cabelo e maquilhagem. Uma pesquisadora passou mais alguns cartões a Angela. Angela não falou com nenhuma das duas.

Quando subiu ao palco, o burburinho transformou-se num aplauso ruidoso.

— Bom-dia. — Angela sentou-se na sua cadeira e deixou os aplausos inundarem o estúdio enquanto lhe punham o microfone. — Espero que estejam todos preparados para um grande programa. — Passou os olhos pelo público enquanto falava e ficou satisfeita com o perfil demográfico. Era uma boa mistura de idades, sexo e raça – um visual importante para as panorâmicas da câmara. — Há alguém aqui que seja fã de Deke Barrow?

Ela riu com vontade com a chuva de aplausos que se seguiu. — Eu também — disse ela, embora detestasse música country. — Eu diria que vamos todos deleitar-nos.

Acenou com a cabeça, recostou-se, cruzou as pernas e entrelaçou as mãos sobre o braço da cadeira. A luz vermelha da câmara acendeu. A música da introdução começou a soar no ar.

— «Lost Tomorrows», «That Green-Eyed Girl» e «One Wild Heart». Estes são apenas alguns dos sucessos que transformaram o convidado de hoje numa lenda. Ele faz parte da história da música country há mais de vinte e cinco anos, e o seu corrente álbum, «Lost in Nashville», está a subir nas tabelas. Por favor, uma salva de palmas para Deke Barrow.

Os aplausos ressoaram novamente quando Deke subiu para o palco.

De peito largo, com têmporas grisalhas visíveis debaixo do chapéu de feltro negro, Deke sorriu para a assistência antes de aceitar o caloroso aperto de mão de Angela. Ela recuou, deixando-o saborear o momento.

Parecendo totalmente encantada, Angela juntou-se à ovação da audiência de pé. No final do programa, Deke saíria do palco a cambalear, pensou ela. E nem sequer saberia o que lhe tinha acertado.

*

Angela esperou até à segunda parte do programa para atacar. Como uma boa anfitriã, tinha lisonjeado o convidado, ouvido atentamente as suas anedotas e rido das suas piadas. Agora Deke estava deliciado enquanto Angela segurava no microfone para fãs excitadas que se levantavam para colocar questões. Ela aguardava, astuta como uma cobra.

— Deke, será que vai passar por Danville, no Kentucky, na sua tournée? É a minha terra natal — perguntou uma ruiva corada.

— Bem, de momento não sei dizer-lhe. Mas vamos estar em Louisville no dia dezassete de Junho. Diga aos seus amigos para aparecerem.

— A digressão *Lost in Nashville* vai mantê-lo na estrada durante alguns meses — começou Angela. — Isso é duro para si, não é?

— Mais duro do que costumava ser — respondeu ele com uma piscadela de olho. — Já não tenho vinte anos. — Ergueu e abriu as grandes mãos. — Mas tenho de confessar que adoro. Cantar num estúdio de gravação não tem comparação com o que se sente quando se canta para as pessoas.

— E a tournée tem sido até agora um sucesso. Então não tem qualquer fundamento o rumor de que possivelmente terá de a encurtar devido a problemas com o IRS?

O sorriso simpático desvaneceu. — Não, senhora. Vamos levá-la até ao fim.

— Tenho a certeza de que falo por todos aqui presentes quando digo que tem o nosso apoio nesta questão. Evasão fiscal. — Angela revirou os olhos em sinal de incredulidade. — Até parece que é o Al Capone!

— Não posso realmente falar sobre isso. — Deke arrastou os pés e alargou o nó da gravata. — Mas ninguém lhe está a chamar evasão fiscal.

— Oh! — Ela arregalou os olhos. — Desculpe. O que é que lhe estão a chamar?

Ele moveu-se desconfortavelmente na cadeira. — É uma questão com impostos atrasados.

— «Questão» é uma palavra demasiado suave. Percebo que não possa discutir isto enquanto o assunto está a ser investigado, mas penso que é um ultraje. Um homem como o senhor, que trouxe prazer a milhões, durante duas gerações, estar perante uma potencial ruína financeira porque os seus livros não estavam na mais perfeita ordem.

— Não é assim tão mau...

— Mas teve de pôr à venda a sua casa de Nashville. — A voz dela pingava compaixão. Os olhos brilhavam em consonância. — Eu acho que o país que tem celebrado na sua música deveria mostrar mais compaixão, mais gratidão. Não acha?

Ela tocara no ponto certo.

— Parece que o cobrador de impostos não tem muito a ver com o país sobre o qual tenho cantado nos últimos vinte e cinco anos. — A boca de Deke contraiu, os olhos endureceram como ágatas. — Eles só vêem dólares. Não pensam no quanto um homem trabalhou. Quanto suou para ser alguém. Só nos exploram até a maior parte do que é nosso passar a ser deles. Transformam homens honestos em mentirosos e aldrabões.

— Não está a dizer que fez aldrabice nos seus impostos, pois não, Deke? — Angela sorriu com franqueza quando ele petrificou. — Voltamos dentro de momentos — disse ela para a câmara, e esperou até a luz vermelha apagar. — Estou certa de que a maioria de nós já foi espremida pelo IRS, Deke. — Voltando as costas para ele, levantou as mãos. — Estamos com ele, não estamos público?

Seguiu-se uma explosão de aplausos e de palavras de encorajamento que nada fizeram para apagar a expressão de choque da cara de Deke.

— Não posso falar sobre o assunto — conseguiu ele dizer. — Posso beber um pouco de água?

— Vamos encerrar o assunto, não se preocupe. Vamos ter tempo para mais algumas questões. — Angela virou-se novamente para o público enquanto uma assistente se apressava a levar um copo de água a Deke. — Tenho a certeza de que seria do seu agrado se evitássemos mais discussão sobre este tema sensível. Vamos dar-lhe bastantes aplausos quando regressarmos do intervalo e dar-lhe algum tempo para se recompor.

Com aquela demonstração de apoio e empatia, ela virou-se novamente para a câmara. — Está de novo com o *Programa da Angela*. Temos tempo para mais algumas perguntas, mas a pedido de Deke vamos encerrar qualquer discussão sobre a sua situação fiscal, já que ele não pode defender-se livremente enquanto o caso estiver sob investigação.

E, claro, quando encerrou o programa alguns momentos depois, era precisamente esse o assunto na mente de todos os espectadores.

Angela não se demorou junto do público, juntando-se a Deke no palco. — Foi um programa maravilhoso. — Pegou firmemente na mão flácida dele. — Muito obrigada por ter vindo. E muito boa sorte.

— Obrigado. — Completamente em choque, ele começou a assinar autógrafos até a assistente de produção o conduzir para fora do palco.

— Arranja-me uma cassette — ordenou Angela enquanto seguia a

passos largos para o camarim. — Quero ver a última parte. — Dirigiu-se directamente ao espelho e sorriu para o próprio reflexo.

2.

Deanna detestava fazer reportagens sobre tragédias. Intelectualmente, ela sabia que era seu dever enquanto jornalista transmitir as notícias e entrevistar aqueles que haviam sido atingidos. Ela acreditava, sem qualquer hesitação, no direito do público em ser informado. Mas, emocionalmente, sempre que apontava um microfone em direcção ao sofrimento, sentia-se como a pior espécie de voyeur.

— O tranquilo subúrbio de Wood Dale foi esta manhã cenário de uma tragédia súbita e violenta. A polícia suspeita que uma discussão doméstica tenha resultado na morte de Lois Dossier, trinta e dois anos, uma professora do ensino básico e natural de Chicago. O seu marido, Dr. Charles Dossier, foi detido pelas autoridades. Os dois filhos do casal, de cinco e sete anos de idade, estão ao cuidado dos avós maternos. Pouco depois das oito da manhã, este lar tranquilo e próspero irrompeu em tiroteio.

Deanna acalmou-se enquanto a câmara fazia uma panorâmica da habitação de dois andares atrás dela. Continuou a fazer a reportagem, olhando directamente para a lente da câmara, ignorando a multidão que se juntava, as outras equipas de jornalistas que faziam os seus pontos de situação e a doce brisa que transportava o aroma pungente de jacintos.

A sua voz estava firme, adequadamente indiferente. Mas os olhos estavam cheios de emoção.

— Às oito e quinze da manhã, a polícia respondeu a participações de tiroteio e Lois Dossier foi declarada morta no local. De acordo com os vizinhos, a Sra. Dossier era uma mãe dedicada que participava activamente em projectos da comunidade. Ela era querida e respeitada na vizinhança. Entre os amigos mais chegados, conta-se a vizinha Bess Pierson, que avisou a polícia do que se estava a passar. — Deanna virou-se para a mulher que estava ao seu lado vestida com um fato-de-treino púrpura. — Sra. Pierson, tinha conhecimento da existência de alguma violência no lar Dossier antes desta manhã?

— Sim... não. Nunca pensei que ele lhe pudesse fazer mal. Ainda me custa acreditar. — A câmara fez um zoom à cara inchada e banhada em lágrimas de uma mulher pálida com o choque. — Ela era a minha melhor amiga. Éramos vizinhas há seis anos. Os nossos filhos brincam juntos.

A mulher começou a chorar. Desprezando-se, Deanna agarrou na mão dela com a que tinha livre e continuou: — Conhecendo tanto Lois

como Charles Dossier, concorda com a polícia no que diz respeito a esta tragédia ter resultado de uma discussão doméstica que se descontrolou?

— Não sei o que pensar. Eu sei que eles estavam com problemas conjugais. Havia discussões, gritos. — A mulher olhou para o vazio, traumatizada. — A Lois disse-me que queria que o Chuck fosse com ela a um conselheiro matrimonial, mas que ele se recusava. — Ela começou então a soluçar, tapando os olhos com uma mão. — Ele não queria ir, e agora ela está morta. Oh, Deus! Ela era como uma irmã para mim!

— Corta — disse Deanna bruscamente, e depois pôs um braço à volta dos ombros da Sra. Pierson. — Lamento. Lamento imenso. A senhora não devia estar aqui agora.

— Não paro de achar que é um sonho. Que não pode ser verdade.

— Há algum sítio para onde possa ir? Um amigo ou parente? — Deanna perscrutou o relvado bem cuidado apinhado de vizinhos curiosos e repórteres resolutos. Alguns metros à esquerda estava outra equipa a filmar. O repórter não parava de estragar os *takes*, rindo com a própria atrapalhado. — As coisas não vão acalmar por aqui durante um tempo.

— Pois. — Depois de um último soluço, a Sra. Pierson limpou os olhos. — Vamos esta noite ao cinema — disse ela, afastando-se em seguida.

— Meu Deus! — Deanna observou quando outros repórteres dirigiram os seus microfones em direcção à mulher em fuga.

— O teu coração sangra demasiado — comentou o operador de câmara.

— Cala-te, Joe. — Deanna conteve-se e respirou fundo. O seu coração podia ter estado a sangrar, mas ela não deixaria isso afectar o seu julgamento. O seu trabalho era dar informações claras e precisas e transmitir ao espectador imagens que causassem impacto.

— Vamos terminar isto. Queremos transmiti-lo no *Noticiário do Meio-dia*. Faz um zoom à janela do quarto e depois volta a mim. Certifica-te de que enquadras os jacintos e os narcisos e também o camião vermelho dos miúdos. Percebido?

Joe estudou o cenário com o boné dos White Sox empoleirado no seu crespo cabelo castanho puxado para baixo para fazer sombra nos olhos. Ele conseguia imaginar as imagens, cortadas, enquadradas, montadas. Semicerrou os olhos e acenou afirmativamente com a cabeça. Os músculos agruparam-se sob a camisola quando ele ergueu a câmara. — Estou pronto.

— Então em três, dois, um. — Ela esperou um pouco enquanto a câmara fechava o plano. — A morte violenta de Lois Dossier abalou esta comunidade pacífica. Enquanto os seus amigos e familiares perguntam porquê, o Dr. Charles Dossier foi detido provisoriamente. Deanna Reynolds em Wood Dale, para a CBC.

— Bom trabalho, Deanna. — Joe desligou a câmara.

— Sim, ótimo. — No caminho para a carrinha, pôs duas pastilhas antiácido na boca.

*

A CBC usou novamente a gravação no noticiário da noite, com uma actualização sobre o local onde Dossier estava detido sob acusação de homicídio em segundo grau. Encolhida numa cadeira no seu apartamento, Deanna observou objectivamente quando o pivô passou da história principal para uma peça sobre um fogo num apartamento da zona sul.

— Boa peça, Dee. — Estendida no sofá estava Fran Myers. O cabelo ruivo encaracolado estava assimetricamente preso no cimo da cabeça. Ela tinha um rosto forte e atraente acentuado pelos olhos cor de avelã. A voz era tipicamente Nova Jérсия. Ao contrário de Deanna, ela não crescera numa casa tranquila dos subúrbios num bairro delimitado por árvores, mas num apartamento barulhento em Atlantic City, Nova Jérсия, com uma mãe duas vezes divorciada e um magote de meios-irmãos.

Fran bebericou *ginger ale* e depois apontou com o copo para o ecrã. O movimento foi tão preguiçoso como um bocejo. — Ficas sempre tão bem na televisão. O vídeo faz-me parecer um gnomo rechonchudo.

— Eu tinha de tentar entrevistar a mãe da vítima. — Enfiando as mãos nos bolsos das calças de ganga, Deanna levantou-se de um salto e começou a andar de um lado para o outro, irrequieta. — Ela não atendia o telefone, e, como uma boa repórter, pesquisei a morada. Mas também ninguém atendia a porta. As cortinas estavam corridas. Fiquei na rua com mais um grupo de pessoas da imprensa durante quase uma hora. Senti-me uma vampira.

— Já devias saber que os termos «vampiro» e «repórter» são intermutáveis. — Mas Deanna não sorriu. Fran reconheceu a culpa por detrás dos movimentos nervosos. Depois de pousar o copo, Fran apontou para a cadeira. — Ok, senta-te e ouve um conselho da Tia Fran.

— Não posso receber conselhos de pé?

— Não. — Fran agarrou na mão de Deanna e obrigou-a a sentar-se no sofá. Apesar dos contrastes de origens e estilos, eram amigas desde o primeiro ano de faculdade. Fran já vira muitas vezes Deanna fazer aquela guerra entre intelecto e emoção. — Ok. Pergunta número um: porque é que foste para Yale?

— Porque consegui uma bolsa.

— Não esfregues o teu cérebro na minha cara, Einstein. Para que é que tu e eu fomos para a faculdade?

— Tu foste para conheceres homens.

Fran semicerrou os olhos. — Esse foi apenas um benefício secundário. Pára de engonhar e responde à pergunta.

Derrotada, Deanna soltou um suspiro. — Fomos para estudar, para nos tornarmos jornalistas, para conseguirmos grandes ordenados e trabalhos importantes em televisão.

— Exactamente. E conseguimos?

— Mais ou menos. Temos os nossos diplomas. Eu sou uma repórter da CBC e tu uma assistente de produção no *Conversas de Mulher* na TV por cabo.

— Excelentes pontos de partida. Já te esqueceste do famoso Plano a Cinco Anos de Deanna Reynolds? Se assim é, tenho a certeza de que há uma cópia escrita naquela escrivadinha.

Deanna olhou para o seu orgulho e alegria, a única peça de mobiliário que adquirira desde que se mudara para Chicago. Conseguira a bonita escrivadinha *Queen Anne* patinada num leilão. E Fran tinha razão. Havia uma cópia escrita do plano de carreira de Deanna na gaveta de cima. Em duplicado.

Desde a faculdade ela já alterara um pouco os planos. Fran casara e fixara-se em Chicago e impelira a antiga companheira de quarto a ir até lá tentar a sorte.

— Ano Um — recordou Deanna. — Um trabalho à frente das câmaras em Kansas City.

— Já está.

— Ano Dois: um lugar na CBC, Chicago.

— Conseguído.

— Ano Três: um segmento próprio pequeno e agradável.

— O actual «Canto da Deanna» — disse Fran, brindando ao segmento com o *ginger ale*.

— Ano Quatro: fazer de pivô no noticiário da noite. Local.

— Que já fizeste, diversas vezes, como substituta.

— Ano Cinco: audições e currículos para o solo sagrado: Nova Iorque.

— Que nunca será capaz de resistir à tua combinação de estilo, atratividade para a câmara e sinceridade. A não ser, é claro, que continues a subestimar-te.

— Tens razão, mas...

— Nada de mas. — Fran foi decidida na afirmação e gastou alguma da energia que preferia armazenar pondo os pés sobre a mesinha de centro. — Tu és boa no que fazes, Dee. As pessoas falam contigo porque tens paixão. Isso é uma vantagem num jornalista, não um defeito.

— Não me ajuda a dormir de noite. — Irrequieta e subitamente cansada, Deanna passou uma mão pelo cabelo. Depois de cruzar as pernas em cima do sofá, olhou pensativamente em redor.

Lá estava o raquítico conjunto de mesa e cadeiras que ela precisava de substituir, o tapete puído, a única poltrona sólida que ela tinha mandado forrar num tecido cinza-claro. Só a escrivaninha se destacava, brilhante, um testemunho de um sucesso parcial. Porém, tudo estava no seu lugar: as poucas bugigangas que ela colecionara estavam ordenadas de modo preciso.

Aquele apartamento arrumado não era a casa dos seus sonhos, mas como Fran tinha salientado, era um excelente ponto de partida. E ela tinha toda a intenção de se lançar, tanto pessoal como profissionalmente.

— Lembras-te de, na faculdade, acharmos o quão excitante seria correr atrás de ambulâncias, entrevistar assassinos em série, escrever artigos concisos que prendessem a atenção do espectador? Bem, de facto, é. — Suspirando, Deanna levantou-se para andar de novo de um lado para o outro. — Mas nós pagamos realmente por essa emoção. — Parou por um momento, pegou numa pequena caixa de porcelana e pousou-a de novo. — A Angela deu a entender que bastava eu pedir e podia ser pesquisadora principal no programa dela, com nome no genérico e um aumento significativo no ordenado.

Como não queria influenciar a amiga, Fran contraiu os lábios e manteve o tom de voz neutro. — E estás a pensar nisso?

— Sempre que penso no assunto, lembro-me que estaria a desistir da câmara. — Com uma meia gargalhada, Deanna abanou a cabeça. — Ia sentir falta daquela luzinha vermelha. Percebes? A questão é essa. — Sentou-se no braço do sofá. Os seus olhos estavam de novo cintilantes e cheios de entusiasmo. — Não quero ser pesquisadora principal da Angela. Nem tenho já a certeza de querer ir para Nova Iorque. Acho que quero o meu próprio programa. Estar em cento e vinte mercados. Quero uma comparticipação de vinte por cento nos lucros. Quero vir na capa da *TV Guia*.

Fran sorriu. — Então, o que é que te impede?

— Nada. — Mais confiante, agora que o dissera em voz alta, Deanna ajeitou-se, pousando os pés descalços sobre a almofada do sofá. — Talvez isso seja no Ano Sete ou Oito, ainda não decidi. Mas é uma coisa que quero e que posso fazer. Mas... — Suspirou. — Isso significa fazer reportagens sobre lágrimas e tormento até ser promovida.

— O Plano de Carreira Alongado de Deanna Reynolds.

— Exactamente. — Ela estava contente por Fran ter percebido. — Não achas que sou louca?

— Querida, eu acho que qualquer pessoa com a tua mente meticulosa, a tua presença no ecrã e a tua educada mas forte ambição consegue exactamente o que quer. — Fran meteu a mão na taça de amêndoas doces que estava na mesinha e enfiou três na boca. — Só não te esqueças dos pobres quando isso acontecer.

— Como é que te chamas?

Fran atirou-lhe com uma almofada. — Ok, agora que temos a tua vida decidida, gostava de anunciar um aditamento à Saga *A Minha Vida Nunca é Aquilo Que Eu Estava À Espera* de Fran Myers.

— Foste promovida?

— Não.

— O Richard foi?

— Não, embora uma pequena participação na *Dowell & Fritz* possa estar para breve. — Inspirou profundamente. A tez clara de ruiva ruborizou como uma rosa. — Estou grávida.

— O quê? — Deanna pestanejou. — Grávida? A sério? — Rindo, deslizou no sofá para agarrar nas mãos de Fran. — Um bebé? Isso é maravilhoso! É incrível! — Deanna abraçou Fran com força e depois afastou-se repentinamente para estudar o rosto da amiga. — Não é?

— Podes crer que sim. Não estávamos a planear ter um filho antes de um ou dois anos, mas são precisos nove meses, certo?

— Acho que sim. Estás feliz. Posso ver isso. Só não consigo acreditar... — Calou-se e afastou-se de novo. — Meu Deus, Fran! Estás aqui há quase uma hora e só agora é que me estás a contar!

Toda cheia de si, Fran deu umas pancadinhas na barriga. — Queria tudo o resto fora do caminho para que pudesses concentrar-te em mim. Em nós.

— Sem problema. Tens tido enjoos matinais ou qualquer coisa do género?

— Eu? — Fran ergueu uma sobrancelha. — Com o meu estômago de ferro?

— Pois. O que é que o Richard disse?

— Antes ou depois de ter parado de dançar nas nuvens?

Deanna riu novamente e depois levantou-se de um salto para fazer uma pirueta. *Um bebé*, pensou. Tinha de planear uma festa para o bebé, comprar bonecos de peluche e títulos de poupança. — Temos de festejar!

— O que é que fazíamos na faculdade quando tínhamos de festejar alguma coisa?

— Comida chinesa e vinho branco barato — disse Deanna com um sorriso. — Perfeito, com o ajuste para leite sem álcool.

Fran piscou o olho e depois encolheu os ombros. — Acho que vou ter de me acostumar a isso. Mas tenho um favor a pedir-te.

— Diz.

— Trabalha nesse plano de carreira, Dee. Acho que gostava que o meu filho tivesse uma estrela como madrinha.

*

Quando o telefone tocou às seis da manhã, Deanna acordou para uma resaca. Segurando a cabeça com uma mão, pegou no auscultador com a outra.

— Reynolds.

— Deanna, querida, desculpa acordar-te.

— Angela?

— Quem mais seria suficientemente grosseiro para te ligar a esta hora? — O riso leve de Angela atravessou a linha enquanto Deanna olhava com dificuldade para o relógio. — Tenho um enorme favor para te pedir. Vamos gravar hoje e o Lew está de cama com uma virose.

— Lamento. — Valorosamente, Deanna clareou a voz e conseguiu sentar-se.

— Estas coisas acontecem. É só que nós hoje estamos a tratar de um assunto delicado, e quando pensei nisso, apercebi-me de que serias tu a pessoa perfeita para tratar dos convidados fora do palco. Essa é a área do Lew, como sabes, por isso estou mesmo de pés e mãos atados.

— E o Simon e a Maureen? — O seu cérebro podia estar turvo, mas Deanna lembrava-se da cadeia de comando.

— Nenhum dos dois se adequa a esta tarefa. O Simon faz pré-entrevistas excelentes pelo telefone, e só Deus sabe que a Maureen é uma jóia a tratar do transporte e do alojamento. Mas estes convidados requerem um toque muito especial. O teu toque.

— Eu tinha todo o gosto em ajudar, Angela, mas tenho de estar na estação às nove.

— Eu tratava disso com o teu produtor, querida. Ele deve-me favores. O Simon pode tratar da segunda gravação, mas se conseguisses dar-me uma ajuda esta manhã, ficar-te-ia muito grata.

— Claro. — Deanna atirou o cabelo desgrenhado para trás e resignou-se com uma chávena de café rápida e um frasco de aspirina. — Desde que não haja conflito.

— Não te preocupes com isso. Ainda tenho influência no departamento de informação. Preciso de ti aqui às oito em ponto. Obrigada, querida.

— Certo, mas...

Ainda zonza, Deanna fitou o telefone quando surgiu o sinal de rede. Alguns detalhes tinham sido esquecidos, reflectiu ela. Que raio era o tema daquela manhã, e quem eram os convidados que precisavam de um cuidado tão especial?

*

Deanna entrou na sala verde com um sorriso apreensivo no rosto e uma cafeteira de café acabado de fazer na mão. Já sabia qual era o tópico da con-

versa e examinou cuidadosamente os sete convidados como um soldado veterano inspecionando um campo de minas.

Triângulos conjugais. Deanna inspirou profundamente. Dois casais e a outra mulher que quase destruíra os seus casamentos. Um campo de minas talvez fosse mais seguro.

— Bom-dia. — A sala permaneceu sinistramente silenciosa à excepção do burburinho do noticiário da manhã na televisão. — Chamo-me Deanna Reynolds. Sejam bem-vindos ao *Programa da Angela*. Posso servir-vos mais café?

— Obrigado. — O homem sentado numa cadeira ao canto ajeitou a pasta que tinha aberta sobre o colo e estendeu o copo. Dirigiu a Deanna um rápido sorriso iluminado pelo brilho divertido nos olhos castanho-claros. — Eu sou o Dr. Pike. Marshall Pike. — Baixou a voz enquanto Deanna enchia o copo. — Não se preocupe, eles estão desarmados.

Os olhos de Deanna encontraram os dele e pararam. — Mas têm dentes e unhas — sussurrou ela.

Ela sabia quem ele era, o perito da rubrica, um psicólogo que tentaria fechar aquela particular caixa de Pandora antes dos créditos finais do programa. Na casa dos trinta, calculou ela com a rápida perícia de um polícia ou de um jornalista. Confiante, relaxado, atraente. Conservador, a julgar pelo cabelo louro cuidadosamente penteado e fato bem cortado. Tinha as unhas arranjadas e o sorriso era simpático.

— Eu protejo-a — ofereceu ele — se me proteger a mim.

Ela sorriu também. — Combinado. Sr. e Sra. Forrester? — Deanna parou quando o casal olhou para ela. A cara da mulher estava fixa numa careta ofendida, a do homem num embaraço miserável. — Vão primeiro... com a Senhorita Draper.

Lori Draper, a última porção do triângulo, cheia de entusiasmo. Parecia mais uma chefe de claue enérgica pronta para executar um salto do que uma sedutora de homens. — O meu vestido está bom para a televisão?

Sob o resfolegar da Sra. Forrester, Deanna garantiu-lhe que sim. — Eu sei que o procedimento básico vos foi explicado na pré-entrevista. Os Forrester e a Senhorita Draper vão primeiro...

— Eu não me quero sentar ao lado dela — disse a Sra. Forrester por entre dentes.

— Isso não será problema...

— E também não quero que o Jim se sente ao lado dela.

Lori Draper revirou os olhos. — Meu Deus, Shelly! Já acabámos há meses! Achas que vou saltar para cima dele em frente às câmaras, ou quê?

— Não me admiraria com nada vindo de ti. — Shelly recolheu a mão quando o marido tentava dar-lhe umas palmadinhas. — Não vamos sen-

tar-nos ao lado dela — disse ela a Deanna. — E o Jim também não vai falar com ela. Nunca.

Aquela afirmação avivou as brasas incandescentes no triângulo número dois. Antes que Deanna pudesse abrir a boca, todos começaram a falar ao mesmo tempo. Acusações e azedume encheram a sala. Deanna olhou para Marshall Pike e foi cumprimentada com o mesmo sorriso fácil e o erguer de um ombro elegante.

— Está bem — disse Deanna, numa voz esganiçada, quando se intrometeu na barafunda. — Estou certa de que todos têm razões válidas e alguma coisa para dizer. Porque não guardamos isso para o programa? Todos concordaram vir aqui esta manhã para contarem o vosso lado da história e procurar alguma solução. Tenho a certeza de que podemos chegar a um acordo quanto aos lugares.

Transmitiu o resto das instruções, controlando os convidados da mesma forma que uma educadora de infância controla miúdos recalcitrantes de cinco anos de idade. Com uma alegria determinada e pulso firme.

— Bem, Sra. Forrester... Shelly... Jim, Lori, venham comigo, por favor, para vos podermos instalar e colocar os microfones.

Dez minutos depois, Deanna regressou à sala verde, dando graças a Deus por não ter havido derramamento de sangue. Enquanto o triângulo restante olhava friamente para o ecrã do televisor, Marshall estava de pé a examinar minuciosamente um tabuleiro de bolinhos.

— Muito bem, Senhorita Reynolds.

— Obrigada, Dr. Pike.

— Marshall. — Escolheu um folhado de canela. — É uma situação complicada. Embora o triângulo estivesse tecnicamente quebrado quando a relação terminou, emocionalmente, moralmente, e até intelectualmente, ele mantém-se.

Tem toda a razão, pensou ela. Se alguém que ela amasse a traísse, seria essa pessoa a ficar desfeita — em todos os sentidos. — Presumo que lide com situações similares no seu consultório.

— Muitas vezes. Decidi especializar-me na área depois do meu próprio divórcio. — O sorriso dele era doce e acanhado. — Por motivos óbvios. — Olhou para as mãos dela, reparando que ela usava um só anel: uma grana num anel de ouro antigo na mão direita. — Não está à procura de um serviço da minha especialidade?

— De momento, não. — Marshall Pike era bastante atraente, pensou ela. O sorriso encantador, a estrutura alta e esbelta que fazia até Deanna, que perfazia um metro e setenta e cinco de altura de saltos altos, inclinar a cabeça para cima para ver o interesse lisonjeador nos profundos olhos

castanhos. Mas naquele momento ela precisava de concentrar a maioria da atenção no grupo taciturno atrás dele.

— O programa vai começar já a seguir a este anúncio. — Deanna apontou para o plateau. — Marshall, não vai entrar antes dos últimos vinte minutos, mas ajudaria se assistisse ao programa para formular conselhos específicos.

— Naturalmente. — Ele gostava de olhar para ela, a forma como ela rodava em ponto morto. Ele quase conseguia ouvir o acelerador da energia dela. — Não se preocupe. Já participei três vezes no *Programa da Angela*.

— Ah, um veterano. Precisa que lhe vá buscar alguma coisa?

Os olhos dele deslizaram para o trio atrás e depois regressaram para os de Deanna. — Um colete à prova de balas?

Ela riu baixinho e deu-lhe um apertão no braço. Ele não ia ter problemas, percebeu. — Vou ver o que posso fazer.

O programa revelou-se emotivo, e embora tivessem sido trocadas acusações amargas, ninguém ficou seriamente ferido. Fora do ar, Deanna admirava a forma como Angela mantinha uma mão leve nas rédeas, permitindo que os convidados seguissem o seu próprio caminho e depois pondo-lhes travão quando os ânimos ameaçavam exaltar-se.

Ela também conduzia a assistência. Com um instinto infalível, oferecia o microfone à pessoa certa no momento exacto e depois seguia suavemente para uma questão ou comentário apropriados.

Quanto ao Dr. Pike, não podiam ter escolhido um mediador mais habilidoso, pensou Deanna. Ele exsudava a combinação perfeita de intelecto e compaixão, misturado com o conselho conciso tão necessário para o ambiente.

Quando o programa terminou, os Forrester estavam de mãos dadas. O outro casal deixara de se falar. E as duas *outras mulheres* conversavam como velhas amigas.

Angela acertara em cheio novamente.

*

— Decidiste fazer-nos companhia, Deanna? — Roger beliscou-lhe o braço quando apareceu ao lado dela.

— Eu sei que vocês não podem passar sem mim. — Deanna avançou pela barulhenta sala de redacção em direcção à sua mesa. Os telefones tocavam, os teclados estrepitavam. Numa parede, programas da CBC e das outras três cadeias passavam em monitores. Pelo cheiro, alguém entornara café recentemente. — Qual é a notícia principal? — perguntou a Roger.

— O fogo de ontem à noite na zona sul.

Com um aceno de cabeça, Deanna sentou-se à secretária. Ao contrário da maioria dos outros repórteres, ela mantinha a dela meticulosamente

organizada. Lápis afiados enfiados de ponta para baixo num recipiente de cerâmica em forma de flor, um bloco de notas alinhado ao lado deles. A agenda estava aberta no dia em curso.

— Fogo posto?

— É o consenso geral. Eu tenho a cópia. Temos uma entrevista gravada com o comandante dos bombeiros e um exterior ao vivo no local. — Roger ofereceu-lhe o seu saco de gomas. — E como sou um tipo simpático, fui buscar o teu correio.

— Estou a ver. Obrigada.

— Apanhei uns minutos do *Programa da Angela* esta manhã. — Mastigou alegremente os doces. — Discutir adultério tão cedo não enerva as pessoas?

— Dá-lhes tema de conversa para o almoço. — Ela pegou num abre-cartas de ébano e abriu o primeiro envelope.

— Expondo-se na televisão pública?

Ela levantou uma sobranceira. — Expor-se na televisão pública pareceu ter ajudado o relacionamento dos Forrester.

— A mim pareceu-me que o outro casal saiu dali para o divórcio.

— Às vezes o divórcio é a resposta.

— É isso que pensas? — perguntou ele com delicadeza. — Se o teu marido te estivesse a enganar, perdoavas e esquecias ou assinavas os papéis?

— Bem, ouvia-o, discutia o assunto, tentava descobrir o motivo da traição. Depois enchia o porco adúltero de balas. — Sorriu para ele. — Mas isso sou eu. E, estás a ver? Não nos deu tema de conversa? — Olhou para baixo para a folha que tinha na mão. — Eh! Olha para isto!

Inclinou a folha para que ambos pudessem ler. No centro do papel, escrito a tinta vermelha, estava uma única frase:

AMO-TE DEANNA.

— O velho admirador secreto, hum? — Roger falou descontraidamente, mas havia preocupação nos seus olhos.

— Parece que sim. — Curiosa, Deanna virou o envelope. — Não tem remetente. E também não tem selo.

— Eu acabei de ir buscar o teu correio. — Roger abanou a cabeça. — Alguém a deve ter posto na tua caixa.

— Acho que até é querido. — Ela sentiu um breve arrepio nos braços e riu. — É sinistro.

— Talvez fosse melhor perguntares por aqui, ver se alguém reparou nalguma pessoa de volta da tua caixa de correio.

— Não é importante. — Deanna atirou carta e envelope para o lixo e pegou no seguinte.

— Desculpe.

— Oh, Dr. Pike. — Deanna pousou a correspondência e sorriu para o homem que estava atrás de Roger. — Perdeu-se na saída?

— Não. Na verdade, disseram-me que a poderia encontrar aqui.

— Dr. Marshall Pike, Roger Crowell.

— Sim, eu reconheci-o. — Marshall estendeu uma mão. — Vejo-vos aos dois com frequência.

— Eu também acabei de ver parte da sua participação. — Roger enfiou o saco de doces no bolso. Os seus pensamentos ainda estavam centrados na carta, e ele prometeu a si próprio que a tiraria do lixo assim que lhe fosse possível. — Precisamos de um artigo sobre a exposição canina, Dee.

— É para já.

— Foi um prazer conhecê-lo, Dr. Pike.

— Igualmente. — Marshall voltou-se novamente para Deanna quando Roger se afastou. — Queria agradecer-lhe por ter mantido as coisas sãs esta manhã.

— É uma das coisas que faço melhor.

— Vou ter de concordar. Sempre achei que transmite as notícias com uma compaixão consciente. É uma combinação notável.

— É um elogio notável. Obrigada.

Marshall olhou em volta da sala de redacção. Dois jornalistas discutiam amargamente sobre baseball, os telefones tocavam estridentemente, um estagiário empurrava um carrinho cheio de pastas pelos espaços estreitos entre secretárias. — Lugar interessante.

— É verdade. Teria todo o gosto em levá-lo numa visita guiada, mas tenho artigos para escrever para o *Noticiário do Meio-dia*.

— Então tiro bilhete para a próxima. — Olhou outra vez para ela com aquele sorriso agradável e doce nos cantos da boca. — Deanna, como estivemos juntos nas trincheiras, por assim dizer, estava com esperança de que estivesse disposta a jantar comigo.

— Jantar. — Ela examinou-o então com mais atenção, como faz uma mulher quando um homem deixa de ser simplesmente um homem e se transforma numa possível relação. Teria sido tolice fingir que ele não a atraía. — Sim, acho que estou disposta a isso.

— Esta noite? Por volta das sete e meia?

Ela hesitou. Raramente era impulsiva. Ele era um profissional, pensou ela. Boas maneiras, olhar sedutor. E, mais importante, demonstrara tanto inteligência como sensibilidade sob pressão. — Claro. — Tirou uma folha do bloco de notas e anotou o endereço dela.

3.

— A seguir, no *Noticiário do Meio-dia*, a história de uma mulher que abriu a sua casa e o coração às crianças desfavorecidas de Chicago. E também as últimas sobre desporto com Les Ryder e a previsão do tempo para o fim-de-semana com Dan Block. Junte-se a nós ao meio-dia.

Assim que a luz vermelha apagou, Deanna desprendeu o micro e levantou-se da mesa do estúdio. Tinha artigos para terminar e uma entrevista telefónica marcada, e ainda precisava de rever as anotações para o «Canto da Deanna» seguinte. Durante as duas semanas em que tinha substituído Lew, tinha dedicado mais de cem horas seguidas ao trabalho.

Atravessou as portas do estúdio, e estava a meio caminho da redacção quando Angela a interceptou.

— Querida, tu só tens duas velocidades. Parada e a mexer.

Deanna só parou porque Angela lhe bloqueou a passagem.

— E neste momento estou a mexer. Estou cheia de trabalho.

— Eu nunca te vi a não teres tudo feito a horas. — Para a manter no sítio, Angela pousou uma mão no braço dela. — E isto só demora um minuto.

Deanna estava impaciente. — Podes até ter dois, se conversarmos em movimento.

— Ok. — Angela virou-se e acertou o passo pelo de Deanna. — Tenho um almoço de negócios dentro de uma hora, por isso também estou um pouco atada. Preciso de um pequenino favor.

— Está bem. — Com o pensamento já no trabalho, Deanna entrou na sala de redacção e dirigiu-se à sua mesa. Os seus papéis estavam empilhados de acordo com a prioridade: os apontamentos exactos a serem transcritos e desenvolvidos em artigo, a lista de perguntas para o entrevistado e os cartões para o «Canto da Deanna». Ligou o computador e digitou a *password* enquanto esperava que Angela se explicasse.

Angela demorou um pouco. Não ia à redacção há meses, talvez mais, já que os seus gabinetes e estúdio se localizavam no que os empregados da CBC chamavam «a Torre», uma torre branca estreita que se projectava do edifício. Era uma forma pouco subtil de separar os programas nacionais e não-informativos dos regionais.

— Vou dar uma pequena festa amanhã à noite. O Finn Riley deve chegar de Londres esta tarde e eu pensei dar-lhe uma pequena recepção.

— Hum-hum. — Deanna já estava a tratar da notícia de abertura.

— Desta vez ele esteve fora tanto tempo, e depois daquela coisa desagradável no Panamá, antes de ele ter regressado ao seu lugar em Londres, achei que ele merecia algum descanso e diversão.

Deanna não tinha a certeza que uma guerra pequena e sangrenta devesse ser chamada de «coisa desagradável», mas acenou afirmativamente com a cabeça.

— Já que é tudo tão repentino, preciso de ajuda para organizar as coisas: o catering, as flores, a música... e, claro, a própria festa. Para ter a certeza de que tudo corre sem incidentes. A minha secretária não consegue tratar de tudo e eu quero mesmo que saia perfeito. Se me pudesses dispensar umas horas hoje à tarde... e amanhã, claro.

Deanna lutou contra a sensação de má-vontade e obrigação. — Angela, adorava poder ajudar-te, mas estou ocupada.

O sorriso persuasivo de Angela não se alterou, mas os olhos gelaram. — Não estás marcada para sábado.

— Não, não aqui... embora esteja de serviço. Mas tenho planos. — Deanna começou a batucar com um dedo nas anotações. — Um encontro.

— Entendo. — A mão de Angela dirigiu-se ao colar de pérolas, onde os dedos começaram a esfregar uma esfera lisa e brilhante. — O que se diz é que tens andado muito com o Dr. Marshall Pike.

O noticiário da noite podia trabalhar com factos e informações verificadas, mas Deanna sabia que as redacções e os estúdios de televisão trabalhavam com mexericos. — Saímos algumas vezes nos últimos quinze dias.

— Bem, eu não me queria meter... e espero que não me interpretes mal, Dee. — Para acrescentar intimidade à frase, Angela apoiou uma coxa na mesa de Deanna. — Achas mesmo que ele faz o teu tipo?

Dividida entre a boa educação e o próprio horário, Deanna escolheu as boas maneiras. — Na verdade eu não tenho nenhum tipo.

— Claro que tens. — Com uma leve gargalhada, Angela inclinou a cabeça. — Jovem, bem constituído, o tipo aventureiro. Atlético — continuou ela. — Precisas de alguém que possa acompanhar o ritmo frenético que estabeleceste para ti. E um bom intelecto, naturalmente, mas não totalmente cerebral. Precisas de alguém que consiga expor os seus pontos de vista em rápidas fracções de quinze segundos.

Ela não tinha realmente tempo para nada daquilo. Deanna pegou num dos seus lápis bem afiados e passou-o por entre os dedos. — Isso faz-me parecer um pouco superficial.

— De todo! — Os olhos de Angela arregalaram em protesto enquanto ela ria baixinho. — Querida, só quero o melhor para ti. Detestaria ver um interesse passageiro interferir com o momento da tua carreira, e quanto ao Marshall... Ele é um pouco finório, não é?

A irritação que começou a surgir nos olhos de Deanna foi rapida-

mente refreada. — Não sei o que queres dizer com isso. Eu gosto da companhia dele.

— Claro que sim. — Angela deu umas palmadinhas no ombro de Deanna. — Que mulher jovem não gostaria? Um homem mais velho, experiente, lisonjeiro. Mas deixá-lo interferir no teu trabalho...

— Ele não está a interferir com nada. Saímos algumas vezes nas últimas semanas, só isso. Desculpa, Angela, mas tenho mesmo de voltar ao trabalho.

— Desculpa — disse ela friamente. — Pensei que éramos amigas. Não pensei que um pequeno conselho construtivo te fosse ofender.

— Não ofendeu. — Deanna reprimiu um suspiro. — Mas estou apertada de tempo. Escuta, se eu conseguir arranjar um tempinho mais tarde, farei o que puder para te ajudar com a festa.

Como se um interruptor tivesse sido accionado, o olhar gélido deu lugar ao mais caloroso dos sorrisos. — És uma jóia. Fazemos assim: para provar que não guardo ressentimentos, podes levar o Marshall amanhã à noite.

— Angela...

— Vá, não aceito não como resposta. — Deslizou de cima da mesa. — E se pudesses lá chegar uma ou duas horas antes, ficava-te extremamente agradecida. Ninguém organiza como tu, Dee. Depois falamos melhor sobre isto.

Deanna recostou-se na cadeira quando Angela se afastou a passos largos. Sentia-se cansada.

Com um menear de cabeça, olhou para as suas anotações com os dedos pousados no teclado. Franzindo o sobrolho, relaxou-os de novo. Angela estava errada, pensou. Marshall não estava a interferir com o trabalho dela. Estar interessada em alguém não tinha que entrar em conflito com a ambição.

Ela gostava de sair com ele. Gostava da forma de ele pensar – da forma como ele conseguia abrir a mente para ver ambos os lados de uma situação. E da forma como ele ria quando ela tinha uma opinião e se recusava a mudar de ideias.

Ela gostava do facto de ele estar a deixar a parte física da relação desenvolver-se lentamente, ao ritmo dela. Embora ela tivesse de admitir que estava a tornar-se tentador acelerar as coisas. Há já muito tempo que não se sentia suficientemente segura e forte com um homem para convidar intimidade.

Quando isso acontecesse, ela teria de lhe contar tudo.

Deanna afastou rapidamente a lembrança antes que esta pudesse fincar as garras no seu coração. Ela sabia por experiência própria que era melhor atravessar uma ponte de cada vez.

A primeira ponte era analisar a sua relação com Marshall, se havia uma relação, e decidir até onde queria que esta fosse.

Um olhar para o relógio fê-la gemer.

Ela teria de atravessar aquela ponte pessoal a seu tempo. Colocou os dedos sobre o teclado e começou a trabalhar.

*

A equipa de Angela chamava o seu edifício de escritórios de «cidadela». Ela reinava como um lorde feudal a partir da sua rústica secretária francesa, dando ordens e distribuindo recompensas e castigos em igual medida. Qualquer um que permanecesse na equipa depois de um período experimental de seis meses era leal e diligente e mantinha em segredo as suas queixas.

Ela era, reconhecidamente, rigorosa, impaciente com desculpas e exigente em relação a determinados luxos pessoais. Afinal, ela merecera tais requisitos.

Angela entrou na antessala do seu gabinete, onde a sua secretária executiva estava atarefadamente a tratar de pormenores para a gravação de segunda-feira. Havia outros gabinetes – produtores, pesquisadores, assistentes – ao longo do corredor tranquilo. Há muito que Angela deixara para trás o ruidoso bulício das redacções. Ela utilizara a informação não apenas como ponto de passagem, mas também como catapulta para as suas ambições. Ela só queria uma coisa, e quisera-a desde sempre: ser o centro das atenções.

Na informação, a história era rainha. A transmissora da notícia era notada, certamente, se fosse suficientemente boa. Angela tinha sido muito boa. Seis anos sob a pressão da reportagem em directo custara-lhe um marido, conseguira-lhe um segundo e preparara o caminho para o *Programa da Angela*.

Ela preferia muito mais, e insistia nisso, o silêncio de carpetes espessas e paredes isoladas.

— Tem algumas mensagens, Senhorita Perkins.

— Depois. — Angela escancarou uma das portas que conduziam ao seu gabinete particular. — Preciso de ti aqui, Cassie.

Começou imediatamente a andar de um lado para o outro. Mesmo quando ouviu a secretária fechar a porta atrás dela, continuou a movimentar-se impacientemente, sobre a tapeçaria *Aubusson*, passando pela elegante secretária, afastando-se da larga faixa de janelas, em direcção ao antigo armário que continha a sua colecção de prémios.

Meus, pensou. Ela ganhara-os, possuía-os. E agora nunca mais ninguém a ignoraria.

Parou ao lado das fotografias emolduradas e imagens que adorna-

vam a parede. Retratos de Angela com celebridades em eventos de caridade e cerimónias de prémios. As suas capas na *TV Guia*, na *Time* e na *People*. Fitou-as, respirando profundamente.

— Será que ela já percebeu quem eu sou? — murmurou. — Saberá com quem está a lidar?

Abanou a cabeça e voltou para trás. Era um pequeno erro, lembrou a si mesma. Um erro que podia ser facilmente corrigido. Afinal de contas, ela gostava da rapariga.

Quando já estava mais calma, circundou a mesa e sentou-se na cadeira de cabedal rosa que o director geral da sua agência noticiosa – o anterior marido – lhe oferecera quando o programa atingira o topo das audiências.

Cassie permaneceu de pé. Ela não era tola de se aproximar de uma das cadeiras de mogno com os seus coxins de renda até ser convidada.

— Contactaste o catering?

— Sim, Senhorita Perkins. O cardápio está em cima da sua secretária.

Angela olhou para o menu e anuiu distraidamente com a cabeça. — A florista.

— Confirmaram tudo excepto os lírios — disse Cassie. — Estão a tentar encontrar aqueles que quer, mas sugeriram diversos substitutos.

— Se eu quisesse um substituto, tinha pedido. — Acenou com a mão. — A culpa não é tua, Cassie. Senta-te. — Angela fechou os olhos. Estava a ficar com uma das suas dores de cabeça, uma daquelas enxaquecas terríveis que apareciam de rompante. Suavemente, massajou o centro da testa com dois dedos. A mãe também costumava ter dores de cabeça, recordou. E afogara-as em álcool. — Vai buscar-me um copo de água, por favor. Estou a ficar com uma enxaqueca.

Cassie levantou-se da cadeira e atravessou o gabinete até ao bar reluzente. Era uma mulher calma, no aspecto e na fala. E era suficientemente ambiciosa para ignorar os defeitos de Angela no seu desejo por progredir. Sem nada dizer, escolheu a garrafa de cristal que estava cheia de água mineral e encheu um copo.

— Obrigada. — Angela tomou um analgésico com a água e rezou para que fizesse efeito. Não podia dar-se ao luxo de se distrair durante o almoço de trabalho. — Tens uma lista de confirmações para a festa?

— Está em cima da sua mesa.

— Ótimo. — Angela manteve os olhos fechados. — Entrega uma cópia disso e de tudo o resto à Deanna. A partir de agora é ela que trata dos detalhes.

— Sim, senhora. — Ciente dos seus deveres, Cassie passou por detrás da cadeira de Angela e massajou-lhe suavemente as têmporas. Os minutos

passavam, contados pelo silencioso tiquetaque do relógio de caixa alta do outro lado da sala. Musicalmente, anunciou o quarto de hora.

— Verificaste a previsão do tempo? — sussurrou Angela.

— Prevê-se que esteja céu limpo e que haja uma descida da temperatura para os oito graus.

— Então vai ser preciso usar os aquecedores do terraço. Quero as pessoas a dançar.

Eficientemente, Cassie afastou-se para tomar nota das instruções. Não houve qualquer agradecimento pela sua atenção; não era necessário. — A cabeleireira deverá chegar às duas horas a sua casa. O vestido será entregue o mais tardar às três.

— Está bem, ponhamos tudo isso de lado por agora. Quero que entres em contacto com o Beeker. Quero que descubras tudo sobre o Dr. Marshall Pike. Ele é psicólogo e tem um consultório aqui em Chicago. Quero a informação assim que o Beeker a conseguir em vez de ficar à espera do relatório completo.

Ela abriu de novo os olhos. A dor de cabeça ainda não estava completamente controlada, mas o comprimido já estava a fazer efeito. — Diz ao Beeker que não se trata de uma emergência, mas que é uma prioridade. Entendido?

— Sim, Senhorita Perkins.

*

Às seis da tarde Deanna ainda estava a trabalhar a todo o vapor. Enquanto atendia simultaneamente três chamadas, dava os últimos retoques em notícias que seriam lidas nas notícias da noite. — Sim, compreendo a sua posição. Mas uma entrevista, particularmente uma entrevista televisiva, ajudaria a esclarecer o seu ponto de vista. — Deanna contraiu os lábios e suspirou. — Se prefere assim, claro. Acredito que a sua vizinha esteja disposta a contar-me a história frente às câmaras. — Sorriu quando soou um grito de indignação no auscultador. — Sim, nós preferíamos ter ambas as partes representadas. Obrigada, Sra. Wilson. Estarei aí amanhã às dez.

Deanna viu Marshall caminhando na sua direcção e levantou uma mão num aceno enquanto premia outro botão no telefone. — Desculpe, Sra. Carter. Sim, como eu estava a dizer, compreendo a sua posição. É uma pena o que aconteceu às sua tulipas. Uma entrevista televisiva ajudaria a mostrar o seu lado da questão. — Deanna sorriu quando Marshall passou suavemente uma mão pelos seus cabelos. — Se tem a certeza. A Sra. Wilson concordou em contar-me a história dela na televisão. — Afastando um pouco o auscultador do ouvido, Deanna revirou os olhos para Marshall. — Sim, isso seria óptimo. Estarei aí às dez. Adeus.

— História quente de última hora?

— Ânimos exaltados nos subúrbios — disse Deanna enquanto desligava. — Afinal amanhã vou ter de despender uma ou duas horas nisto. Umhas vizinhas estão envolvidas numa batalha campal por causa de um canteiro de tulipas, uma planta antiga e incorrecta e um *cocker spaniel*.

— Parece fascinante.

— Faça-te um ponto da situação ao jantar. — Ela não objectou quando ele baixou a cabeça, e beijou-o com vontade. O beijo foi amigável, sem a pressão da intimidade. — Estás todo molhado — murmurou ela, saboreando chuva e pele fria.

— Está a chover a cântaros lá fora. Do que eu preciso é de um restaurante quente e de um vinho seco.

— Tenho mais uma chamada em espera.

— Fica à vontade. Queres alguma coisa?

— Uma bebida fresca. As minhas cordas vocais estão arranhadas.

Deanna colocou as ideias em ordem e premiu o botão seguinte. — Sr. Van Damme, lamento imenso pela interrupção. Parece haver um malentendido com a encomenda do vinho da Senhorita Perkins para amanhã à noite. Ela precisa de três caixas de *Taittinger*, e não duas. Sim, isso mesmo. E o vinho branco? — Deanna verificou a lista enquanto o fornecedor recitava a dele. — Sim, está certo. E posso descansá-la quanto à escultura de gelo? — Enviou outro sorriso a Marshall quando ele regressou com uma lata fria de *7-Up*. — Isso é maravilhoso, Sr. Van Damme. E trocou as tartes por miniaturas? Formidável! Acho que temos tudo sob controlo. Então, até amanhã. Adeus.

Com uma longa exalação, Deanna pôs o telefone no descanso. — Está feito — disse a Marshall. — Espero.

— Foi um dia longo para ti?

— Longo e produtivo. — Ela começou automaticamente a arrumar a mesa. — Agradeço que tenhas vindo ter comigo, Marshall.

— A minha agenda era mais leve do que a tua.

— Hum. — Deanna tomou um longo gole de refrigerante e depois pôs a lata de lado e desligou o computador. — E fico a dever-te uma por teres alterado os teus planos para amanhã por causa da Angela.

— Um bom psicólogo deve ser flexível. — Ele observou-a enquanto ela endireitava papéis e organizava apontamentos. — Além disso, parece-me que vai ser uma grande festa.

— Acho que sim. Ela não é mulher para fazer as coisas pela metade.

— E tu admiras isso.

— Claro. Dá-me cinco minutos para me refrescar, e depois prometo focar toda a minha energia em relaxar contigo num jantar.

Quando ela se levantou, ele mexeu-se de forma a que o seu corpo

roçasse no dela. Foi um movimento subtil, uma sugestão subtil. — Pareces-me bastante fresca.

Ela sentiu um arrepio de excitação percorrer-lhe as costas e o calor da consciência desabrochar no estômago. Inclinando a cabeça para olhar nos olhos dele, ela viu desejo, carência e paciência, uma combinação que lhe pôs o coração aos saltos.

Ela sabia que só precisava de dizer sim para esquecerem tudo sobre o jantar e o relaxamento. E por um momento, um momento muito longo e silencioso, desejou que pudesse ser assim tão simples.

— Não me demoro — murmurou.

— Eu espero.

Ele ia esperar, pensou ela quando ele se desviou para a deixar passar. E ela teria que decidir rapidamente se queria continuar com uma relação confortável e amigável ou partir para outra.

— Andas a tratar da cabecinha, Dee?

Ela viu o operador de câmara à porta a comer um chocolate. — Isso é tão foleiro, Joe.

— Eu sei. — Ele sorriu com o chocolate na boca. Havia um botão que dizia DISPONÍVEL preso ao blusão de ganga que ele trazia vestido. As calças tinham buracos nos joelhos. Os técnicos não tinham de se preocupar com a aparência. E era assim mesmo que Joe gostava. — Mas alguém tem de o dizer. Marcaste aquelas duas entrevistas para amanhã de manhã? A guerra das tulipas?

— Sim. De certeza que não te importas de abdicar da tua manhã de sábado?

— Não por mais uns trocos.

— Bom. O Delaney ainda está a trabalhar, não está?

— Estou à espera dele. — Joe deu mais uma dentada no chocolate.

— Temos um jogo de póquer esta noite. Vou dar cabo dele por me ter obrigado a fazer dois turnos de seguida na semana passada.

— Então, faz-me um favor e diz-lhe que as duas entrevistas estão marcadas para amanhã às dez.

— Ok.

— Obrigada. — Deanna afastou-se rapidamente para retocar o cabelo e a maquilhagem. Estava a aplicar batom quando Joe entrou de rompante na casa de banho das senhoras. A porta bateu com força contra a parede, ecoando quando ele se precipitou sobre ela.

— Jesus, Joe! Estás doido?

— Põe-te a mexer, Dee! Temos um trabalho e temos de nos apressar.

— Tirou a mala dela de cima do lavatório com uma mão e agarrou-a pelo braço com a outra.

— Mas o que é que se passa? — Ela tropeçou na ombreira da porta quando ele a arrastou porta fora. — Alguém começou uma guerra?

— Quase tão quente. Temos de ir ao O'Hare.

— Ao O'Hare? Raios! O Marshall está à minha espera!

Lutando contra a impaciência, Joe deixou Deanna soltar o braço. Se ele tinha alguma queixa em relação a ela, era o facto de a visão dela não ser suficientemente limitada. Ela via sempre o periférico quando a câmara precisava de um plano mais fechado.

— Vai dizer ao teu namorado que és uma repórter. O Delaney acabou de saber que vai chegar um avião que está com problemas. É muito importante.

— Oh, Deus! — Ela regressou rapidamente à sala de redacção com Joe no seu encaço. Irrrompendo através do pandemónio, tirou um bloco em branco de cima da secretária. — Marshall, desculpa. Tenho de ir.

— Já percebi. Queres que espere?

— Não. — Passou uma mão pelo cabelo e agarrou no casaco. — Não sei quanto tempo irei demorar. Eu ligo-te. Delaney! — chamou ela.

O coordenador de missões abanou o charuto apagado na direcção dela. — Despacha-te, Reynolds! Vamos fazer uma ligação em directo! Vê se me arranjias um bom furo jornalístico.

— Desculpa! — gritou ela a Marshall. — De onde vem o avião? — gritou a Joe enquanto subiam apressadamente as escadas. As botas de motociclista dele estrepitavam no metal como tiroteio.

— De Londres. Vão transmitir-nos o resto da informação pelo caminho. — Joe abriu a porta exterior e saiu para uma chuva torrencial. A camisola dos Chicago Bulls ficou imediatamente colada ao peito. Gritou no meio da tempestade enquanto abria a carrinha: — É um 747! Mais de duzentos passageiros! Falha no motor esquerdo, algum problema com o radar. Pode ter sido atingido por um relâmpago! — Para acentuar as suas palavras, um relâmpago iluminou o céu negro.

Já encharcada, Deanna entrou para a carrinha. — Qual é a hora prevista de chegada? — Como era costume, ligou o rádio da polícia sob o tablier.

— Não sei. Só espero que consigamos lá chegar antes dele. — Ele ia detestar perder uma só imagem do acidente. Ligou o motor e olhou para ela. — Espera até saberes da bomba, Dee: o Finn Riley está a bordo. Foi o doido que ligou pessoalmente a dar conta do que estava a acontecer.

*

Estar sentado na cabine dianteira do 747 em risco era como andar sobre a barriga de um cavalo selvagem dispéptico. O avião abanava, dava solavancos e estremecia como se tentasse com todas as forças vomitar os passagei-

ros. Algumas das pessoas a bordo rezavam, outras choravam e outras ainda tinham as caras enterradas nos sacos de enjoo, demasiado fracas para fazer alguma coisa a não ser gemer.

Finn Riley não ligava muito a orações. Era religioso à sua maneira. Se sentisse a necessidade, recitaria o Acto de Contrição como havia feito durante todas aquelas sessões sombrias no confessionário quando era criança. Naquele momento, expiação não era uma prioridade.

O tempo estava a esgotar-se – na bateria do computador portátil. Ele teria de passar em breve para o gravador. Finn preferia muito mais escrever artigos já que as palavras fluíam da sua mente para os dedos.

Olhou pela janela. O céu negro explodiu novamente com dardos de luz. Como lanças dos deuses – não, decidiu, apagando a frase. Demasiado piroso. Um campo de batalha, a Natureza contra a tecnologia humana. Os sons eram definitivamente como os de uma guerra, reflectiu ele. As orações, o choro, os gemidos, o ocasional riso histérico. Já os escutara antes nas trincheiras. E o estrondo ressonante dos trovões que abanavam o avião como se este fosse um brinquedo.

Finn utilizou os últimos momentos da bateria descrevendo aquele ângulo.

Quando o computador desligou, ele guardou-o em segurança dentro da pesada mala metálica. Teria de esperar que corresse tudo pelo melhor, pensou Finn enquanto tirava o mini-gravador de dentro da pasta. Ele já vira as consequências de desastres de avião as vezes suficientes para saber que o que sobrevivia dependia apenas da sorte.

— É dia cinco de Maio e são sete horas e dois minutos — recitou Finn para o gravador. — Estamos a bordo do voo 1129 aproximando-nos de O'Hare, embora seja impossível ver quaisquer luzes no meio da tempestade. Um relâmpago atingiu o motor a bombordo há cerca de vinte minutos. E por aquilo que consegui arrancar da hospedeira da primeira classe, há um problema qualquer com o radar, possivelmente devido à tempestade. Estão duzentos e cinquenta e dois passageiros a bordo, e doze tripulantes.

— Você é doido. — O homem que estava sentado ao lado de Finn levantou finalmente a cabeça do meio dos joelhos. A sua cara, totalmente coberta de suor, estava verde-clara. O sotaque inglês estava um pouco indefinido devido a uma mistura de whisky e terror. — Podemos estar mortos daqui a poucos minutos e você está a falar para uma porcaria de uma máquina.

— Mas também podemos estar vivos daqui a alguns minutos. Seja como for, é notícia. — Solidário, Finn retirou um lenço do bolso traseiro das calças de ganga. — Tome.

— Obrigado. — Resmungando, o homem limpou o rosto. Quando

o avião estremeceu de novo, ele encostou a cabeça na cadeira e fechou os olhos. — Você deve ter água gelada a correr-lhe nas veias.

Finn sorriu apenas. O seu sangue não estava gelado, estava a ferver, mas não valia a pena tentar explicar isso a um leigo. Não que ele não sentisse medo, ou que fosse particularmente fatalista. Mas tinha de facto o sentido único de vista curta de repórter. Ele tinha o gravador, o bloco de apontamentos e o portátil. Aqueles eram escudos que davam a ilusão de indestrutibilidade.

Por que outro motivo continuava um operador de câmara a filmar quando havia balas por todo o lado? Porque é que um repórter apontava o microfone para a cara de um psicopata ou corria para o interior de um edifício, em vez de fugir deste, durante uma ameaça de bomba? Porque estava cego pelos escudos do quarto poder.

Ou talvez fossem apenas doidos, meditou Finn.

— Eh! — Ajeitou-se no assento e apontou o gravador. — Quer ser a minha última entrevista?

O seu companheiro abriu os olhos e o que viu foi um homem apenas uns anos mais novo do que ele, de tez pálida escurecida por vestígios de barba um pouco mais escura do que a juba desgrenhada de cabelo cobre ondulado que chegava ao colarinho de um casaco de aviador. Traços fortes e angulares eram suavizados por uma boca aberta num sorriso cativante que revelava um canino torto. O sorriso fez aparecer covinhas que deviam ter suavizado o rosto mas que só o endureceram ainda mais. Como mossas em pedra.

Mas foram os olhos que lhe chamaram a atenção. Eram de um azul profundo e turvo, como um lago envolto em nevoeiro, e estavam cheios de diversão, autocrítica e temeridade.

O homem ouviu um som de borbulhar da própria garganta e ficou espantado ao perceber que se tratava de uma gargalhada. — Vá-se lixar — disse ele, sorrindo de volta.

— Mesmo que cheguemos ao fim da viagem, duvido que ponham isso no ar. Padrões de estação televisiva. É a sua primeira viagem aos Estados Unidos?

— Deus! Você é doido! — Mas o medo começou a diminuir. — Não, faço esta viagem cerca de duas vezes por ano.

— Qual é a primeira coisa que quer fazer se aterrarmos em segurança?

— Ligar à minha mulher. Tivemos uma discussão antes de eu partir. Tolices. — Limpou outra vez o rosto pegajoso. — Quero falar com a minha mulher e com os meus filhos.

O avião perdeu altitude. Ouviu-se a voz do piloto sob o som de gritos e soluços:

— Senhoras e senhores, por favor permaneçam nos vossos lugares com os cintos postos. Vamos aterrar dentro de breves momentos. Para vossa própria segurança, coloquem por favor a cabeça entre os joelhos e agarrem firmemente os tornozelos. Assim que aterrarmos, daremos início aos procedimentos de evacuação de emergência.

Ou vão retirar-nos à pazada, pensou Finn. A imagem dos destroços de um avião da *Pan AM* espalhados sobre a Escócia não lhe saía da cabeça. Ele lembrava-se demasiado bem do que vira, do que cheirara, do que sentira quando transmitira aquela reportagem.

Indagou-se, fatalisticamente, quem estaria em frente do metal retorcido e fumegante e contaria ao mundo a história do destino do voo 1129.

— Como se chama a sua esposa? — perguntou Finn, inclinando-se para a frente.

— Anna.

— Filhos?

— Brad e Susan. Oh, meu Deus! Eu não quero morrer!

— Pense na Anna, no Brad e na Susan — disse-lhe Finn. — Ponha-os dentro da sua cabeça. Vai ajudar. — De olhar frio, examinou a cruz celta que saltara para fora da camisola e que oscilava na sua corrente. Ele também tinha em quem pensar. Fechou a mão sobre a cruz.

— São sete horas e nove minutos. O piloto vai iniciar a aterragem.

*

— Já o consegues ver? Joe, consegues vê-lo?

— Não consigo ver coisa nenhuma através do raio desta chuva! — Joe semicerrou os olhos e levantou a câmara. A chuva deslizava pela pala do boné e caía em cascata em frente do rosto. — Não posso acreditar que ainda não tenham chegado outras equipas. É mesmo do Finn telefonar a dar conta da história para nós termos o exclusivo!

— Por esta altura já devem ter tido conhecimento. — Esforçando-se por ver através da escuridão, Deanna afastou o cabelo molhado dos olhos. Às luzes da pista, a chuva parecia uma saraivada de balas de prata. — Não vamos estar sozinhos aqui por muito tempo. Espero que estejamos certos e que eles utilizem esta pista.

— Estamos certos. Ouviste aquilo? Não me parece que tenha sido um trovão.

— Não, parecia... ali! — Espetou um dedo em direcção ao céu. — Olha! Tem de ser aquilo!

As luzes eram quase imperceptíveis através da chuva torrencial. Ao longe, Deanna ouviu o murmúrio de um motor e depois as sirenes de veículos de emergência. O seu estômago deu uma reviravolta.

— Benny? Estás a receber isto? — Ela levantou a voz para se fazer

ouvir e ficou satisfeita quando ouviu a voz do produtor através do auricular. — Está a descer agora. Sim? — Ela acenou afirmativamente com a cabeça a Joe. — Estamos prontos. Vamos agora ligar em directo — disse ela a Joe, e virou-se de costas para a pista. — Começa comigo e depois segue a chegada do avião. Mantém-te no avião. Já estão com imagem nossa — murmurou ela, ouvindo a loucura que ia na sala de controlo através do auricular. — Em cinco, Joe.

Deanna ouviu a abertura feita pelo pivô e a sua deixa. — Acabámos de detectar as luzes do voo 1129. Como podem ver, a tempestade tornou-se bastante violenta, a chuva está a formar lençóis sobre as pistas. Os oficiais do aeroporto recusaram comentar sobre a natureza exacta do problema com o voo 1129, mas os veículos de emergência estão a postos.

— O que é que consegues ver, Deanna? — disse o pivô a partir do estúdio.

— As luzes, e conseguimos ouvir o motor à medida que o avião desce. — Ela voltou-se quando Joe apontou a câmara para o céu. — Ali! — À luz do relâmpago, foi possível ver o avião, um míssil prateado cintilante descendo a grande velocidade. — Há duzentas e sessenta e quatro pessoas a bordo do voo 1129. — Ela gritava sobre o barulho da tempestade, motores e sirenes. — Incluindo Finn Riley, correspondente da CBC no estrangeiro que regressa a Chicago do seu posto em Londres. Meu Deus — murmurou ela, calando-se em seguida e deixando as imagens contar a história quando o avião se tornou visível.

Estava a oscilar. Ela imaginou-se no interior enquanto o piloto se esforçava para manter o nariz levantado. O som devia ser ensurdecedor.

— Quase — sussurrou ela, esquecendo a câmara, o micro e os espectadores enquanto mantinha o olhar fixo no avião. Viu o trem de aterragem, depois o vermelho-vivo, o branco e o azul do logótipo da companhia aérea estampado na lateral do avião. Só se ouvia ruído no auricular.

— Não consigo ouvir-te, Martin. Espera.

Deanna susteve a respiração quando as rodas tocaram no solo, derraparam e ressaltaram do asfalto. Manteve-a presa enquanto o avião deslizava e oscilava, seguido pelas luzes dos veículos de emergência.

— Está a derrapar! — gritou ela. — Há fumo. Posso ver o que parece ser fumo sob a asa esquerda! Posso ouvir o chiar dos travões, e está a abrandar. Está definitivamente a abrandar, mas há um problema qualquer com o controlo.

A asa afundou, roçando no asfalto e produzindo uma chuva de fagulhas. Deanna observou-as crepitar e extinguirem-se no molhado enquanto o avião guinava. Então, com um solavanco repentino, o aparelho parou obliquamente sobre a pista.

— Pousou. O voo 1129 está no chão.

— Deanna, é-te possível avaliar o prejuízo?

— Daqui, não. Só o fumo que vi na asa esquerda, que corrobora as nossas informações não oficiais de uma falha no motor esquerdo. As equipas de emergência estão a cobrir a área com espuma. As ambulâncias estão a postos. A porta está a abrir-se, Martin. A manga de evacuação está a sair. Consigo ver... sim, estão a ser evacuados os primeiros passageiros.

— Aproxima-te mais — ordenou o produtor. — Vamos passar de novo ao Martin para te dar tempo para te aproximares.

— Vamos aproximar-nos mais do local para vos dar mais informações sobre o voo 1129 que acabou de aterrar no aeroporto de O'Hare. Deanna Reynolds para a CBC.

— Podes avançar! — gritou o produtor. — Agora!

— Porra! — A excitação agudizou um oitavo a voz de Joe. — Que imagens! Que imagens! Está na hora de ganhar um Emmy!

Deanna olhou para ele, mas já estava muito habituada ao estilo do operador de câmara para comentar. — Anda, Joe. Vamos ver se conseguimos algumas entrevistas.

Correram em direcção à pista enquanto mais passageiros deslizavam pela manga de emergência para os braços da equipa de salvamento. Quando chegaram ao ajuntamento de veículos e se prepararam para transmitir, já havia meia dúzia de pessoas em segurança. Uma mulher sentada no chão chorava com a cabeça entre os braços. Com a determinação de um jornalista, Joe começou a gravar.

— Benny, chegámos ao local. Estás a apanhar isto?

— Absolutamente. É bom material. Vamos pôr-vos novamente em directo. Arranja-me um dos passageiros. Arranja-me...

— Riley! — gritou Joe. — Eh! Finn Riley!

Deanna olhou para trás em direcção à manga a tempo de ver Finn deslizar para o chão. Ao ouvir chamar pelo seu nome, ele virou a cabeça. De olhos semicerrados contra a chuva torrencial, focou-os na câmara. E sorriu.

Finn aterrou com facilidade, apesar da mala metálica que trazia. A chuva escorria-lhe do cabelo, do casaco de cabedal e ensopava-lhe as botas.

Num passo acelerado, percorreu rapidamente a distância entre a manga de emergência e a câmara.

— Seu filho da mãe sortudo! — Joe deu um soco no ombro de Finn.

— Bom ver-te, Joe. Dá-me só um minuto. — Sem aviso, agarrou Deanna e pespegou-lhe um beijo na boca. Ela teve tempo para sentir o calor irradiar do corpo dele, para registar o choque de electricidade vindo da boca dele, uma rápida explosão de poder, antes de ele a soltar.

— Espero que não te importes. — Fez-lhe um sorriso sedutor. — Pensei em beijar o chão, mas tu és muito mais bonita. Emprestas-me isso um minuto?

Arrancou o auricular do ouvido dela. — Eh!

— Quem é que está a produzir?

— O Benny. E eu...

— Benny? — Arrancou o microfone das mãos dela. — Sim, sou eu. Então, recebeste o meu telefonema. — Riu baixinho. — Foi um prazer. É sempre um prazer ajudar o departamento de informação. — Escutou por um momento e acenou com a cabeça. — Não tem problema. Vamos entrar em directo em dez — disse ele a Joe. — Guarda-me isto — pediu ele a Deanna, pousando a mala aos pés dela. Afastou o cabelo da cara e olhou para a câmara.

— Aqui é Finn Riley, em directo de O'Hare. Às seis e trinta e dois desta tarde, o voo 1129 que partiu de Londres foi atingido por relâmpagos.

Deanna indagou-se como é que a chuva que escorria da sua roupa não fazia faísca enquanto ela observava Finn a fazer a reportagem. A reportagem *dela*. Dois minutos depois de ter chegado a terra, o sacana já a tinha usurpado, roubado a sua peça e feito dela moça de recados.

Ele era bom. Deanna fumegava enquanto o via a conduzir os espectadores na odisseia do voo 1129 desde Londres. Isso não era nenhuma surpresa. Ela já vira outras reportagens dele – de Londres, sim, e do Haiti, da América Central, do Médio Oriente.

Ela até introduzira algumas delas.

Mas não era essa a questão.

A questão era que ele lhe roubara a peça. Bem, decidiu Deanna, ele podia tê-la empurrado para segundo plano, mas ia descobrir que roubar a sua reportagem não era canja.

As entrevistas eram o seu ponto forte, lembrou a si mesma. Era esse o seu trabalho, pensou, esforçando-se por se acalmar. E era isso que ia fazer. De forma brilhante.

Voltando as costas para Finn, encolheu-se contra a carga de água e foi procurar passageiros.

Momentos depois, sentiu um toque nas costas. Virou-se e ergueu uma sobrancelha. — Precisas de alguma coisa?

— De brandy e de uma lareira. — Finn limpou chuva do rosto. Ele estava a todo o gás, estimulado pelo caos e pela iminência da reportagem. E pelo simples facto de não ser um homem morto. — Entretanto, pensei em completar a peça com algumas entrevistas. Alguns passageiros, alguém da equipa de emergência... alguém da tripulação, se tivermos sorte. Devemos

conseguir fazer tudo a tempo de a introduzir numa reportagem especial antes das últimas notícias.

— Eu já arranjei alguns passageiros que estão dispostos a falar comigo em frente à câmara.

— Bom. Leva o Joe e trata disso enquanto eu vejo se consigo uma entrevista com o piloto.

Ela agarrou-o pelo braço antes que ele pudesse afastar-se. — Preciso do meu micro.

— Ah! Claro. — Ele entregou-lho e depois ofereceu-lhe o auricular. Ela parecia um cão encharcado, pensou ele. Não um rafeiro, de todo. Um daqueles galgos afegãos que conseguem manter a dignidade e o estilo sob a pior das circunstâncias. O prazer que sentia por estar vivo aumentou mais um pouco. Era puro prazer vê-la a fulminá-lo com os olhos. — Eu conheço-te, não conheço? Não fazes o noticiário da manhã?

— Não, há já alguns meses. Agora faço o do meio-dia.

— Parabéns. — Ele observou-a mais intensamente e o azul enevoado dos seus olhos tornou-se mais claro e definido. — Diana... não, Deanna. Certo?

— Tens boa memória. Acho que nunca tínhamos falado um com o outro.

— Não, mas reparei no teu trabalho. Bastante bom. — Mas já estava a olhar para trás dela. — Havia uns miúdos no avião. Se não conseguires entrevistá-los, pelo menos filma-os. — Apontou para onde outros jornalistas se estavam a misturar com os passageiros. — Vamos trabalhar depressa.

— Eu sei fazer o meu trabalho — disse ela. Mas ele já estava a afastar-se. — Ele não parece ter falta de auto-estima.

Ao lado dela, Joe resfolegou. — Ele tem um ego do tamanho da Torre Sears. E não é frágil. A questão é, quando fazes uma peça com ele, sabes que ele a vai fazer bem. E ele não trata a equipa como se fossem uns escravos mentalmente retardados.

— É uma pena que não trate os outros repórteres com a mesma cortesia. — Deu meia volta. — Vamos recolher imagens.

*

Já passava das nove quando regressaram para a CBC, onde Finn foi recebido como um herói. Alguém lhe entregou uma garrafa de *Jameson*, ainda intacta. Tremendo, Deanna foi directamente para a sua mesa, ligou o computador e começou a escrever.

Ela sabia que a notícia ia ter destaque nacional. Era uma oportunidade que não tencionava perder.

Abstraiu-se dos gritos, da risota e das palmadas nas costas e escreveu

furiosamente, recorrendo de vez em quando aos rascunhos que fizera na parte de trás da carrinha.

— Toma. — Deanna olhou para baixo e viu uma mão grande, com dedos longos e uma cicatriz na base do polegar, pousar um copo sobre a mesa. O copo tinha cerca de dois dedos de um líquido castanho-amarelado.

— Eu não bebo em serviço. — Ela esperava soar calma e não afectada.

— Não me parece que um gole de whisky te vá baralhar as ideias. E vai aquecer-te um pouco o estômago — disse ele, mudando facilmente para um sotaque irlandês carregado. — Não estás a pensar manobrar máquinas pesadas, pois não? — Finn contornou a cadeira dela e sentou-se na beira da secretária. — Estás com frio. — Entregou-lhe uma toalha. — Bebe tudo de enfiada. Seca o cabelo. Temos muito trabalho pela frente.

— É isso que estou a fazer. — Mas aceitou a toalha. E, após um momento de hesitação, o whisky. Podia ser apenas um gole, mas ele tinha razão, aqueceu-lhe, de facto, o estômago.

— Temos trinta minutos para redigir a notícia. O Benny já está a editar a filmagem. — Finn esticou o pescoço para conseguir olhar para o monitor dela. — Bom material — comentou ele.

— Seria melhor se saíesses da minha frente.

Ele estava habituado a hostilidades, mas gostava de conhecer a sua fonte. — Estás mordida por eu te ter beijado? Sem querer ofender, Deanna, mas não foi nada pessoal. Foi mais como um instinto primitivo.

— Não estou mordida por causa disso. — Ela falou por entre dentes e começou de novo a escrever. — Estou mordida por me teres roubado a minha história.

Entrelaçando as mãos em volta do joelho, Finn pensou no assunto e decidiu que ela tinha uma certa razão. — Deixa-me fazer-te uma pergunta: o que é que faz uma melhor peça? Tu a noticiaries o que aconteceu, ou eu a fazer uma descrição pormenorizada do voo apenas alguns minutos após a evacuação?

Ela lançou-lhe um olhar furioso e não disse nada.

— Ok. Enquanto pensas no assunto, vamos imprimir o meu texto e ver como se conjuga com o teu.

Ela parou. — O que queres dizer com teu texto?

— Escrevi-o no avião. E também fiz uma curta entrevista ao meu companheiro de viagem. — O divertimento ousado estava de volta aos olhos dele. — Deve ser bom, pela perspectiva humana.

Apesar da irritação, Deanna quase riu. — Escreveste enquanto o avião estava a cair?

— Aqueles portáteis funcionam em qualquer lado. Tens cerca de cinco minutos antes de o Benny aparecer e começar a arrancar os cabelos.

Deanna seguiu-o com os olhos quando Finn se afastou para solicitar uma mesa.

O tipo era claramente um lunático.

*

E um raio de um lunático bastante talentoso, concluiu ela trinta minutos depois.

A montagem da peça estava terminada, os gráficos indicavam menos de três minutos antes de irem para o ar. O texto, revisto, reescrito e com o tempo calculado, foi ligado ao teleponto. E Finn Riley, ainda de camisola e calças de ganga, estava sentado atrás da mesa para apresentar a sua reportagem.

— Boa-noite. Esta é uma reportagem especial sobre o voo 1129. Eu sou Finn Riley.

Deanna sabia que ele estava a ler as notícias, já que fora ela própria a escrever os primeiros trinta segundos. Porém, parecia que ele estava a contar uma história. Ele sabia exactamente que palavra acentuar e quando parar. Sabia exactamente como chegar aos espectadores através da câmara.

Não era um acto íntimo, reflectiu ela, mexendo no brinco. Ele não estava a pôr-se à vontade para uma conversa intimista. Ele estava... a transmitir notícias, decidiu ela. A levar a mensagem. E, de alguma forma, mantendo a distância.

Bom método, pensou ela, já que ele estivera no mesmo avião que estava a descrever.

Mesmo ao ler as próprias palavras, palavras que escrevera enquanto caía do céu num avião avariado com um motor a deitar fumo, a distância manteve-se.

Um sentimento de admiração veio à superfície.

Ela voltou-se para o monitor quando surgiram as imagens e viu-se a si mesma. Cabelo a pingar, olhos arregalados, rosto pálido como a água que caía sobre ela. A voz estava firme. Sim, ela conseguia isso, pensou. Mas não conseguia distanciar-se. O medo e o terror estavam lá e eram transmitidos com a mesma clareza das palavras.

E quando a câmara se moveu para captar o avião derrapando sobre a pista, ela ouviu a própria oração sussurrada.

Demasiado envolvida, percebeu ela, e suspirou.

Foi ainda pior quando viu Finn no ecrã a assumir o controlo da reportagem minutos após ter saído do avião danificado. Tinha a aparência de um guerreiro acabado de sair da batalha – um guerreiro veterano que conseguia discutir cada golpe e ataque de forma concisa e sem qualquer emoção.

E ele estivera certo. Fazia uma peça melhor.

Durante o intervalo publicitário, Deanna subiu até à sala de controlo para assistir. Benny estava a sorrir como um tolo enquanto o suor lhe escorria pela testa larga e enrugada. Ele era gordo e estava permanentemente com o rosto corado, e tinha o costume de puxar tufos do cabelo castanho escorrido. Mas Deanna sabia que ele era um óptimo produtor.

— Tivemos maior audiência do que qualquer outra estação da cidade — estava ele a dizer a Finn através do auricular. — Nenhuma das outras tem imagens da aterragem nem das fases iniciais da evacuação. — Atirou um beijo a Deanna. — Isto é óptimo material. Vamos regressar em dez, Finn. Vamos passar às imagens das entrevistas com os passageiros.

Durante os últimos três minutos e meio, Benny continuou a murmurar para ele próprio, puxando o cabelo.

— Talvez devêssemos ter-lhe vestido um casaco — disse ele a certa altura. — Talvez devêssemos ter arranjado um casaco para ele.

— Não. — Não servia de nada ficar ressentida. Deanna pôs uma mão no ombro de Benny. — Ele está óptimo assim.

— E naqueles últimos momentos no ar, algumas pessoas, como Harry Lile, pensaram na família. Outras, como Marcia DeWitt e Kenneth Morgenstern, pensaram em sonhos ainda não concretizados. Para eles, e todos os outros a bordo do voo 1129, a longa noite terminou às sete e dezasseis, quando o avião aterrou em segurança na pista três. Finn Riley para a CBC. Boa-noite.

— Genérico. Música. E terminámos!

Todos na sala de controlo começaram a aplaudir. Benny recostou-se na cadeira giratória e ergueu os braços em triunfo. Os telefones começaram a tocar.

— Benny, o Barlow James na linha dois.

Gerou-se um burburinho e Benny pôs-se a olhar fixamente para o auscultador do telefone como se aquele fosse uma cobra. Barlow James, presidente do departamento de informação, raramente telefonava.

Todos os olhos estavam em cima de Benny quando ele engoliu em seco e pegou no telefone. — Sr. James? — Benny escutou por uns momentos, o rosto rosado perdendo a cor e depois ruborescendo para um rosa-vivo. — Obrigado. — Escancarando a boca, Benny espetou um polegar para cima e desencadeou novos aplausos. — Sim, o Finn é um num milhão. Estamos contentes por tê-lo de volta. Deanna Reynolds? — Girou na cadeira e olhou para Deanna. — Sim, Sr. James, estamos orgulhosos por tê-la na nossa equipa. Muito obrigado. Eu digo-lhes.

Benny desligou o telefone, levantou-se e começou a abanar o esqueleto fazendo a barriga oscilar sobre o cinto. — Ele adorou — cantou ele. — Ele adorou tudo. Querem os oito minutos completos para as filiais. Ele

adorou-te. — Benny agarrou nas mãos de Deanna e fê-la rodopiar. — Ele disse que gostou do teu estilo fresco e intimista. E do facto de ficares bem toda encharcada.

Com uma gargalhada engasgada, Deanna recuou e deu um encontro em Finn.

— Duas qualidades bastante boas num repórter — disse Finn, sentindo o aroma a chuva e flores de macieira dos cabelos dela enquanto a equilibrava. — Bom trabalho, pessoal. — Largou Deanna para apertar as mãos à equipa de controlo. — Muito bom.

— O Sr. James disse que eras bem-vindo, Finn — disse Benny. Ao relaxar de novo, a barriga vergou confortavelmente sobre o cinto. — E está desejoso por te dar uma sova na partida de ténis da próxima semana.

— Em sonhos. — Pelo canto do olho, viu Deanna descer as escadas. — Obrigado, mais uma vez.

Finn alcançou-a na sala de redacção quando ela estava a vestir o casaco.

— Foi uma boa peça — disse ele.

— Sim, foi.

— Ler notícias não é uma das minhas prioridades, mas ler o teu texto foi um prazer.

— Esta é certamente uma noite para elogios. — Deanna pôs a mala ao ombro. — Obrigada, e bem-vindo de volta a Chicago.

— Precisas de boleia?

— Não. Estou de carro.

— Eu não. — Lançou-lhe um sorriso. As covinhas apareceram encantadoramente. — Provavelmente é muito complicado conseguir um táxi com este tempo.

Ela examinou-o. De saltos tinha quase a mesma altura que ele, e observou atentamente aqueles inocentes olhos azuis. *Demasiado inocentes, especialmente em combinação com aquele sorriso rápido e aquelas covinhas*, pensou ela. Ele queria parecer inocente, decidiu Deanna. E, por conseguinte, parecia que era. Muito hábil.

— Acho que podia dar-te uma boleia até casa, por cortesia profissional.

Ele reparou que o cabelo dela ainda estava molhado e que ela não se dera ao trabalho de retocar a maquilhagem. — Ainda estás irritada comigo?

— Não. Na verdade, estou muito pouco incomodada.

— Podia pagar-te um hambúrguer. — Finn estendeu a mão para brincar com um dos botões do casaco dela. — E talvez conseguisse incendiar-te ligeiramente.

— Essas coisas costumam seguir o seu rumo. De qualquer forma, acho que o teu regresso a casa já foi suficientemente excitante. Tenho de fazer um telefonema.

Finn percebeu que ela estava envolvida com alguém. Era pena. — Então, só a boleia. Fico-te muito grato.

5.

Para algumas pessoas, organizar uma festa era uma tarefa descontraída. Comida, bebida, música e boa companhia misturavam-se a seu bel-prazer.

Para Deanna, era uma campanha. Desde o momento em que Cassie lhe passara a batata, quase vinte e quatro horas antes, nenhum detalhe tinha sido descurado, nenhuma lista ficado por verificar. Como um general orientando as tropas, ela inspeccionou o fornecedor, a florista, o barman, a equipa de limpeza. Arranjou, rearranjou e aprovou. Contou taças de champanhe, discutiu a lista de músicas com a banda e provou pessoalmente as espetadas de galinha com molho de pinhão de Van Damme.

— Incrível — murmurou ela, olhos fechados, lábios ligeiramente abertos enquanto saboreava a comida. — Verdadeiramente espantoso.

Quando abriu os olhos, ela e o jovem fornecedor olharam um para o outro.

— Graças a Deus. — Estavam ambos na enorme cozinha de Angela, e Van Damme ofereceu-lhe um copo de vinho. — A Senhorita Perkins queria a cozinha mundial como tema. Foi preciso bastante planeamento e preparação, num curto espaço de tempo, para arranjar sabores que se complementassem. O *ratatouille*, os cogumelos fritos à Berlim, a pequena *spanakopita*... — A lista continuava.

Deanna não fazia ideia do que fosse o *ratatouille*, mas fez sons apropriados. — Fez um óptimo trabalho, Sr. Van Damme. — Fez-lhe um brinde e bebeu. — A Senhorita Perkins e todos os seus convidados vão ficar deliciados. Agora sei que posso deixar isto tudo nas suas mãos.

Assim esperava. Havia meia dúzia de pessoas na cozinha, mexendo em tachos, arranjando tabuleiros, depenicando. — Temos trinta minutos. — Deu uma última vista de olhos. As bancadas rosa de Angela estavam cheias com tabuleiros e tachos. O ar estava repleto de aromas deliciosos. Os ajudantes de Van Damme corriam de um lado para o outro. Boquiaberta por alguém conseguir funcionar no meio da confusão, Deanna saiu dali.

Deslocou-se rapidamente em direcção à frente da casa. A sala de estar de Angela era toda pastéis e flores. Lírios delicados brotavam de jarras de cristal. Botões de rosa flutuavam em taças frágeis. O tema floral continuava

com as pequeninas violetas que enfeitavam o papel de parede sedoso e o padrão claro dos tapetes orientais espalhados pelo chão.

A sala, como toda a casa de dois pisos de Angela, era uma celebração à decoração feminina, com cores suaves e almofadas. O olhar experiente de Deanna perscrutou as almofadas verdes do sofá, a disposição dos castiçais e a apresentação de rebuçados rosa e verde-claros dentro de tacinhas de cristal. Através das portas fechadas do terraço, ela conseguia ouvir vagamente a banda a acertar a afinação.

Por um momento, imaginou que a casa era sua. *Mais cor*, pensou. Menos arrebiques. Mas ela gostava definitivamente dos tectos altos, das janelas curvas e da lareira aconchegante.

Ela preferiria algumas peças de arte nas paredes. Quadros atrevidos, esculturas sinuosas. E algumas antiguidades bem seleccionadas para misturar com extravagantes peças modernas.

Um dia, reflectiu, desviando ligeiramente uma jarra em cima de uma mesa.

Satisfeita, deu uma última volta pelo piso principal. Tinha acabado de atravessar o hall em direcção às escadas quando a campainha tocou. Demasiado cedo para convidados, pensou ela quando se virou para ir atender. Esperava sinceramente que não fosse uma entrega de última hora.

É quem surgiu à porta foi Finn, com o pôr-do-sol atrás dele. Estava a levantar-se uma brisa, que brincou com o cabelo dele e levou até Deanna o aroma a homem e a anoitecer. Ele sorriu para ela, deixando os olhos percorrê-la desde a ponta dos ténis até ao cabelo desgrenhado.

— Olá! És tu que estás a supervisionar o evento desta noite?

— Por assim dizer. — Ela reparou que ele tinha feito a barba. E pensou que ele não se preocupara em pôr gravata; o fato cinzento-escuro tornava elegante o *look* casual. — Vieste cedo.

— A pedido. — Finn entrou e fechou a porta. — Gosto do vestido festivo.

— Ia agora mesmo subir para me trocar. — E ele estava a empatá-la. Ela deu por si a mexer distraidamente num brinco e baixou rapidamente a mão. — Entra e senta-te. Vou informar a Angela de que estás aqui.

— Qual é a pressa? — perguntou ele, enquanto a seguia até à sala de estar.

— Não tenho pressa nenhuma. Queres beber alguma coisa? O barman está na cozinha, mas posso preparar alguma coisa simples.

— Não te preocupes.

Finn sentou-se no braço do sofá enquanto olhava especulativamente em volta. Deanna não se enquadrava mais na feminilidade ornada da sala do que ele, pensou. Ela lembrava-lhe Titânia. E, embora ele não soubesse

porquê, Titânia lembrava-lhe sexo selvagem num chão de floresta húmido.

— Nada mudou por aqui nos últimos seis meses. Eu sinto-me sempre como se estivesse a entrar no jardim real.

Os lábios de Deanna tremelicaram. Ela reprimiu a necessidade desleal de rir e concordar. — A Angela gosta muito de flores. Vou chamá-la.

— Deixa-a aprontar-se. — Finn agarrou na mão de Deanna antes que ela conseguisse afastar-se. — Ela também gosta muito disso. Nunca te sentas?

— Claro que me sento.

— Quero dizer, quando não estás a conduzir um carro ou a escrever um artigo.

Ela não se deu ao trabalho de soltar a mão. — Ocasionalmente sento-me e como.

— Isso é interessante; eu também. Talvez pudéssemos fazer isso juntos qualquer dia.

Deanna levantou uma sobrancelha e inclinou a cabeça. — Sr. Riley, está a fazer-se a mim?

Ele suspirou, mas o riso permaneceu nos seus olhos. — Senhorita Reynolds, pensei que estava a ser tão subtil.

— Não.

— Não, não estou a ser subtil?

— Não, não estás. E não. — Tirou então a mão de dentro da dele. — É um convite simpático, mas estou envolvida com uma pessoa. — *Talvez*, acrescentou para si mesma. — E mesmo que não estivesse, não me parece que seja sensato misturar relações pessoais e profissionais.

— Isso soa-me bastante definitivo. És sempre assim tão definitiva?

— Sim. — Mas Deanna sorriu. — Definitivamente.

Angela parou à porta e sorriu para disfarçar a irritação. A imagem da sua protegida e do seu amante a sorrirem intimamente um para o outro na sua sala de estar tinha-lhe revolvido o estômago. Embora a sensação de fúria lhe fosse familiar, e até agradável, ela respirou fundo e pôs um sorriso nos lábios.

— Finn, querido! — Correu até ele, fazendo esvoaçar o vestido de seda azul-claro. Assim que Finn se levantou do sofá, ela atirou-se nos braços dele e beijou-o na boca de forma possessiva. — Oh, tive tantas saudades tuas! — sussurrou ela, deslizando os dedos até ao espesso emaranhado do cabelo dele. — Tantas!

Ela causava impacto, pensou Finn. Causava sempre. A oferta de sexo tresloucado era clara na pressão do seu corpo, no calor da sua boca. O cor-

po dele respondeu no momento em que a mente dava um cauteloso passo atrás.

— Também gosto muito de te ver. — Ele afastou-se dela, segurando-a à distância de um braço para a poder examinar. — Estás maravilhosa.

— Oh, também tu! Devias ter vergonha, Deanna! — Mas não desviou os olhos de Finn. — Por não me teres dito que o convidado de honra já tinha chegado.

— Desculpa. — Deanna resistiu à vontade extrema de limpar a rouquidão da garganta. Ela desejava agora ter saído da sala assim que Angela entrara, mas o olhar ávido e cúmplice no rosto da mulher quando correria para Finn imobilizara-a. — Ia agora mesmo fazer isso.

— Ela ia primeiro preparar-me uma bebida. — Finn olhou para Deanna por cima do ombro de Angela. Deanna reparou que ele ainda estava com um olhar divertido. E, se não estava enganada, ligeiramente embaraçado.

— Não sei o que faria sem ela. — Voltando-se, Angela pôs um braço à volta da cintura de Finn, encaixando o corpo no dele de uma forma que só as mulheres pequenas e flexíveis conseguiam fazer facilmente. — Posso contar com a Deanna para tudo. E conto. Oh! Esqueci-me! — Rindo, estendeu uma mão a Deanna como se a estivesse a convidar para entrar no círculo encantado. — Com esta confusão toda, esqueci-me completamente da emoção de ontem à noite. Fiquei doente de preocupação quando soube do avião. — Ela estremeceu e apertou a mão de Deanna. — E queria dizer-te que fizeste um trabalho magnífico no local. Não é mesmo coisa do Finn, sair de uma situação complicada e fazer uma reportagem?

Os olhos de Deanna subiram até aos de Finn e depois voltaram a fixar-se nos de Angela. Havia tanta tensão sexual na sala que ela tinha dificuldade em respirar. — Não sei dizer. Estou certa de que vocês dois gostariam de ficar um pouco a sós antes de os convidados chegarem, e eu preciso realmente de ir trocar-me.

— Oh, claro. Estamos a empatar-te. A Deanna é uma fera com os horários — acrescentou Angela, virando a cabeça para cima para olhar para Finn. — Despacha-te, querida. — A voz dela era um ronrom no momento em que largou a mão de Deanna. — Agora trato eu das coisas.

— Porque não preparo eu mesmo aquela bebida? — Finn afastou-se de Angela quando os passos apressados de Deanna soaram nos degraus.

— De certeza que há champanhe aí atrás — disse-lhe Angela quando ele se dirigiu ao bar de pau-rosa. — Quero brindar o teu regresso com o melhor.

Fazendo-lhe a vontade, Finn tirou uma garrafa do pequeno frigorífi-

co construído nas traseiras do bar. Pensou em diversas formas de tratar da situação com Angela enquanto removia a prata e destorcia o arame.

— Tentei ligar-te várias vezes ontem à noite — começou ela.

— Quando cheguei, deixei o telefone no atendedor automático. Estava bastante cansado. — A primeira mentira, mas não a última, decidiu ele com uma careta enquanto tirava a rolha. O vinho borbulhante subiu até à abertura e depois recuou.

— Compreendo. — Ela foi até ao bar e pôs uma mão sobre a dele. — E agora estás aqui. Foram seis longos meses.

Sem dizer nada, ele serviu o vinho dela e abriu uma garrafa de água gaseificada.

— Não me fazes companhia?

— Por agora fico-me com isto. — Ele tinha um pressentimento de que iria precisar da cabeça fresca naquela noite. — Angela, tiveste muito trabalho. Não era necessário.

— Nada é de mais para ti. — Angela bebeu um pouco de vinho, observando-o sobre o rebordo do copo.

Talvez fosse cobarde manter o bar entre eles. Mas o olhar dele era directo, firme e frio. — Passámos bons tempos, Angela, mas não podemos voltar atrás.

— Vamos seguir em frente — concordou ela. Levou a mão dele aos lábios e chupou-lhe a ponta de um dedo. — Éramos tão bons juntos, Finn. Lembras-te, não lembras?

— Lembro-me. — E o sangue pulsou em resposta. Finn amaldiçoou-se por ser tão irracional como um dos cães de Pavlov. — Mas não vai funcionar.

Os dentes dela morderam-lhe a carne, surpreendendo e excitando-o. — Estás errado — murmurou ela. — Vou mostrar-te. — A campainha tocou de novo e ela sorriu. — Mais logo.

*

Ele sentia-se como se estivesse preso atrás de grades de veludo. A casa estava apinhada de gente: amigos, colegas de trabalho, gente importante da estação, associados, todos celebrando alegremente o seu regresso. A comida era fabulosa e exótica, a música baixa e melancólica. Ele queria fugir.

Finn não se importava de ser rude, mas compreendia que se tentasse sair, Angela faria uma cena que reverberaria de uma costa à outra. Havia demasiadas pessoas do ramo presentes para que uma alteração não fosse noticiada. E ele preferia muito mais transmitir notícias do que ser notícia. Com isso em mente, decidiu aguentar firme, mesmo com o inevitável confronto que teria com ela no fim da interminável festa.

Pelo menos o ar estava limpo e fresco no terraço. Ele era um homem

que conseguia apreciar o cheiro dos rebentos na Primavera e da relva acabada de cortar, da mistura dos perfumes das mulheres e da comida apetitosa. Talvez tivesse preferido ficar sozinho para absorver a noite, mas aprendera a ser flexível quando não havia escolha.

E tinha o talento para ouvir e conversar enquanto a sua mente deambulava. Naquele momento deixou-a viajar até à sua cabana, onde se sentaria à lareira com um livro e um brandy, ou se debruçaria sobre a caixa de iscos a preparar novas armadilhas. Sozinho. A fantasia de estar sozinho mantinha-o são no decurso de conversas sobre audiências e programação.

— É como te digo, Riley, se não reforçarem as noites de terça, vamos sofrer mais um corte no departamento de informação. Põe-me doente pensar nisso.

— Percebo o que queres dizer. Ninguém esqueceu a redução de pessoal de há dois anos. — Avistou Deanna. — Dá-me um minuto, tenho de fazer uma coisa. — Embrenhou-se no meio da multidão no terraço e envolveu-a com os braços. Quando ela retesou, ele abanou a cabeça. — Isto não é um avanço, é uma fuga.

— Oh? — Automaticamente, ela acompanhou os passos dele na dança. — De quê?

— De uma diatribe à política da estação. A programação das noites de terça-feira.

— Ah... — Ela passou com a língua pelos dentes. — Estamos um pouco fracos nesse aspecto, como decerto saberás. A sondagem para as últimas notícias é de...

— Pára. — Ele sorriu para ela quando ela riu e gostou do facto de estarem olhos nos olhos. — Gostas de provocar, não gostas?

— Já mo tinham dito. Saberás, com certeza, que enquanto convidado de honra, deves conviver com os outros convidados.

— Detesto regras.

— Eu vivo segundo elas.

— Então considera esta dança um convívio. Até podemos encetar conversa. Gosto do teu vestido. — Era verdade. As linhas simples e o vermelho-vivo do vestido Adolfo eram uma alternativa bem-vinda aos pastéis com demasiados folhos de Angela.

— Obrigada. — Deanna examinou o rosto dele com curiosidade. Quase conseguia ver a dor latejando nas têmporas. — Dor de cabeça?

— Não, obrigado, já tenho uma.

— Vou buscar uma aspirina.

— Não te preocupes. Vai passar. — Finn aproximou-se e encostou a bochecha à dela. — Já está melhor. De onde és?

— De Topeka. — Ela quase suspirou, quase fechou os olhos antes de

voltar à realidade. Ele era demasiado suave, embora o adjectivo parecesse estranho quando ela se encontrava apertada contra um corpo rijo como ferro.

— Porquê Chicago?

— A minha companheira de quarto da faculdade instalou-se aqui depois de casar e convenceu-me a mudar para cá. O trabalho na CBC facilitou a mudança.

Ela cheirava maravilhosamente bem, pensou ele. O perfume do cabelo e da pele lembravam-lhe vinho aromatizado. Lembrou-se então do seu lago, sarapintado de estrelas, e da música dos grilos na erva alta. — Gostas de pescar?

— Desculpa?

— Pescar. Gostas de pescar?

Ela recuou para olhar para a cara dele. — Não faço ideia. Que tipo de pesca?

Ele sorriu. Não foi apenas a estupefacção nos olhos dela que o fizeram sorrir. Foi o facto de ela estar a levar a pergunta dele tão a sério como uma sobre política mundial.

— Deste o passo certo, Kansas. Neste ramo, uma curiosidade assim deve levar-te directamente ao topo. Deus sabe que tens cara para isso.

— Prefiro pensar que tenho inteligência para isso.

— Se tens, então sabes que a aparência importa em notícias televisivas. O público gosta que os seus mortos, destruição e política corrupta sejam anunciados por um intermediário atraente. E porque não?

— Quanto tempo é que levaste a tornar-te assim tão racional?

— Cerca de cinco minutos depois de ter conseguido o meu primeiro directo na terceira maior estação de Tulsa. — Os pensamentos de Finn precipitavam-se; bastava avançar um milímetro para saborear aquela boca carnuda, sexy e séria. — Venci outros dois candidatos porque ficava melhor no filme.

— E o teu trabalho não interessou para nada?

— Interessa agora. — Brincou com as pontas do cabelo que caíam sobre os ombros dela.

Deanna apercebeu-se de que a sensação dos dedos dele na sua pele era demasiado agradável e mudou de posição. — Onde é que arranjaste a cicatriz?

— Qual?

— Esta. — Pegou na mão dele e mostrou a cicatriz.

— Ah. Numa briga de bar. Em... — Os olhos dele semicerraram enquanto ele tentava localizar o incidente. — Belfast. Um pub pequeno e encantador que pertence ao IRA.

— Hum. — Como precaução, ela manteve a mão dele na dela. Embora o gesto parecesse íntimo, impedia-o de lhe tocar. — Não te parece pouco digno um repórter de televisão tão conhecido envolver-se em zaragatas de bar?

— Tenho direito a alguma diversão, mas isto foi há muito tempo. — O polegar marcado roçou ao de leve no dela, descendo em direcção ao pulso, onde a pulsação começou a gaguejar. — Agora sou muito mais digno. — E sorriu, puxando-a mais para ele.

Todos os músculos do corpo dela se transformaram em água. — Não me parece.

— Põe-me à prova. — Foi um desafio sussurrado para o qual ela não teve resposta. — Anda alguém à tua procura.

Saindo do clima, ela olhou por cima do ombro e viu Marshall. Quando os seus olhares se cruzaram, ele sorriu e ergueu duas taças de champanhe.

— Acho que é a minha deixa para te deixar ir. — E foi o que Finn fez, segurando depois a mão dela por mais um instante. — Qual é a seriedade do vosso envolvimento?

Ela hesitou, olhando para as mãos unidas. O desejo de entrelaçar os dedos era muito forte. — Não sei. — Olhou resolutamente para os olhos dele. — Ainda não decidi.

— Avisa-me quando decidires. — Largou a mão dela e viu-a afastar-se.

— Desculpa ter-me atrasado. — Marshall beijou Deanna ao de leve antes de lhe oferecer uma taça de champanhe.

— Não tem importância. — Ela bebeu um pouco, surpreendida por ter a garganta tão seca.

— Está um bocadinho frio ali fora, não está? — Preocupado, tocou-lhe na mão. — Estás fria. Vem para dentro.

— Está bem. — Ela olhou outra vez para Finn enquanto Marshall a conduzia para a sala. — Desculpa a noite de ontem ter ficado estragada.

— Não te preocupes com isso. — Depois de uma rápida vista de olhos pela sala, Marshall conduziu-a até um canto sossegado. — Ambos temos de lidar com emergências nos nossos trabalhos.

— Eu telefonei-te quando cheguei.

— Sim, eu recebi a mensagem. — O olhar dele desceu até ao copo antes de ele beber. — Decidi deitar-me cedo.

— Então não viste a reportagem.

— Ontem à noite? Não. Mas vi pedaços no noticiário da manhã. Não era com o Finn Riley que estavas ainda agora a dançar?

— Sim.

— Ele acabou por ter uma grande recepção. Não consigo imaginar-me conciso e distante depois de ter estado tão perto da morte. Acho que ele deve ter ganho uma carapaça contra isso.

Deanna franziu o sobrolho. — Eu diria que é mais uma questão de instinto e de treino.

— Ainda bem que o teu instinto e treino não te tornaram tão fria. A tua reportagem a partir do aeroporto foi muito passional e muito genuína.

Ela sorriu fracamente. — Era suposto ser objectiva e informativa.

— Foi muito informativa. — Marshall beijou-a de novo. — E tu estavas linda à chuva. — Envolvido no beijo, ele não reparou na expressão de irritação dela. — Boletins informativos à parte, — disse ele em voz baixa — podemos planear sair daqui cedo para passarmos algum tempo a sós?

Deanna apercebeu-se de que vinte e quatro horas antes teria dito sim. Naquele momento, com o burburinho das conversas ao redor deles, a música a entrar pelas portas do terraço e o borbulhar do champanhe na língua, hesitou. Marshall tocou com um dedo no queixo dela, um gesto que em tempos ela achara encantador.

— Algum problema?

— Não. Sim. — Ela expirou, impaciente com a própria hesitação. Estava na hora de recuar e de fazer uma análise, pensou. — Desculpa, Marshall. A Angela está a contar comigo até ao final desta festa. E, para ser sincera, as coisas estão a ir um bocadinho depressa para mim.

Ele não retirou a mão e ela sentiu-o aproximar-se. — Eu não te queria pressionar.

— Não estavas a pressionar. Não pressionaste. — Deanna enroscou os dedos à volta do pulso dele num gesto simultaneamente apologeticamente e afectuoso. — Eu tenho tendência para ser cautelosa, talvez demasiado cautelosa, nos relacionamentos. Tenho motivos para isso e vou explicar-tos quando puder.

— Não precisas de te apressar. — Ele afastou a mão do queixo dela. — Sabes o quanto quero estar contigo, e não é apenas uma questão sexual.

— Eu sei. — Pondo-se em bicos de pés, encostou a face à dele. E lembrou-se, muito claramente, da sensação do seu rosto encostado ao de Finn quando tinham dançado.

*

Ele estava cansado, e não se cansava com facilidade. Anos a dormir em comboios, aviões e autocarros, de acampamentos no meio da selva, em desertos e atrás de linhas inimigas haviam-no endurecido. Finn gostava dos bons linhos e das almofadas dos hotéis de luxo, mas conseguia dormir igualmente bem num saco-cama tendo como canção de embalar os ecos do fogo de artilharia.

Naquela noite ele só queria uma cama e o esquecimento. Infelizmente havia um assunto pendente. Ele podia ter sido homem para ignorar regras, mas nunca ignorava problemas.

— Aquele era o último. — Angela voltou para a sala de estar, tão fresca e encantadora como horas antes. — Todos ficaram tão contentes por voltarem a ver-te. — Abraçou-o, encostando a cabeça abaixo do ombro dele.

Ele levantou a mão para lhe acariciar os cabelos num gesto já habitual. Ela era macia, pensou. Era como estar envolto numa trepadeira perfumada. Se ele não cortasse as pontas, decerto seria estrangulado.

— Vamos sentar-nos. Precisamos de conversar.

— Eu sei que é difícil acreditar, mas esgotei a conversa. — Ela deslizou uma mão pela camisa dele e depois subiu-a para brincar com o botão de cima. — E tenho estado a noite toda à espera de ficar a sós contigo para te dar a tua verdadeira recepção de boas-vindas. — Inclinou-se para a frente para um beijo. Os seus olhos dardejaram como cobalto dentado quando ele a manteve afastada.

— Angela, desculpa. Não estou interessado em pegar no ponto em que estávamos há seis meses. — Finn manteve as mãos firmes nos ombros dela. — Não terminámos da melhor forma, e eu lamento isso, mas terminámos.

— Não vais castigar-me por ser excessivamente emocional, por dizer coisas no calor do momento. Finn, nós significámos demasiado um para o outro.

— Tivemos um caso — corrigiu ele. — Fizemos sexo. Foi ótimo. E tivemos uma espécie de amizade estranha. Talvez consigamos resgatar a amizade se afastarmos o resto.

— Estás a ser cruel.

— Estou a ser honesto.

— Não me queres? — Atirou a cabeça para trás e riu. O som, como os olhos dela, era vítreo. — Eu sei que queres. Posso senti-lo. — A pele dela estava a brilhar quando ela se aproximou novamente dele. Os lábios entreabertos curvaram quando ela viu os olhos dele fitarem-nos. — Sabes o que posso fazer por ti, Finn. O que te deixarei fazer a mim. Queres tanto quanto eu.

— Não tenho tudo o que quero.

— Mas tiveste-me a mim. Aqui mesmo, neste chão, da primeira vez. Lembras-te? — Com os olhos fixos nos dele, Angela deslizou as mãos pelo peito dele acima, estremeendo de triunfo quando sentiu o bater descompassado do coração dele sob a palma da sua mão. — Eu pus-te doido; tu rasgaste-me a roupa. Lembras-te de como foi? — A voz dela baixou, entrando no sistema dele como mel contaminado.

Ele lembrava-se, e a memória pô-lo doido de desejo. As unhas dela cravadas nas suas costas, os dentes no ombro. Ela fizera-o sangrar e ele não ligara a mínima importância.

— Quero que me possuas outra vez, Finn. — Ela observou o rosto dele quando a sua mão começou a descer.

Os dedos dele fecharam-se sobre as costas dela, amachucando a seda. Ele sabia qual seria a sensação e, por um momento, desejou desesperadamente aquele momento de prazer violento. Mas ele lembrava-se de muito mais do que do sexo urgente e das fantasias estonteantes.

— Não vai acontecer outra vez, Angela. — Afastou as mãos das costas dela. Ela foi rápida. Ele devia ter-se preparado, mas a bofetada violenta fê-lo recuar dois passos.

Os olhos chispavam como sóis, mas ele levantou uma mão e limpou calmamente o sangue do lábio. — Vejo que não foi só esta sala que não mudou.

— É porque eu sou mais velha do que tu, não é? — Ela atirou-lhe as palavras enquanto a fúria contorcia a beleza cuidadosa do seu rosto. — Tu achas que consegues arranjar alguém mais novo, alguém que possas moldar e treinar e ensinar a rastejar.

— Já tivemos esta conversa. Diria que já tivemos todas. — Finn virou-se e dirigiu-se para a porta. Estava quase do outro lado do hall quando ela se atirou aos pés dele.

— Não! Não me deixes! — Angela agarrou-se às pernas dele a soluçar. A rejeição trespassou-a, trazendo-lhe tanto medo quanto dor. Como sempre acontecia. E sempre aconteceria. — Desculpa. — E ela estava a falar a sério. E só piorou as coisas. — Desculpa. Por favor, não me deixes.

— Por amor de Deus, Angela! — Sentindo pena e repulsa, Finn puxou-a para cima. — Não faças isto.

— Eu amo-te. Amo-te tanto. — Com os braços à volta do pescoço dele, chorou encostada ao ombro dele. O amor era tão verdadeiro como a fúria anterior, e igualmente volátil e caprichoso.

— Se eu pensasse que estavas a falar a sério, sentiria pena por nós dois. — Afastou-a e deu-lhe um abanão. Lágrimas. Ele sempre as considerara a arma mais potente e mais dissimulada de uma mulher. — Pára com isso, raios! Achas que podia ter andado a dormir contigo durante três meses e não perceber quando estás a tentar manipular-me? Tu não me amas, e só me queres porque eu me fui embora.

— Isso não é verdade. — Ela levantou o rosto banhado em lágrimas. Tinha uma expressão de dor tão inocente, uma infelicidade tão sincera, que ele quase caiu. — Eu amo-te Finn. E posso fazer-te feliz.

Furioso, tanto com ela como com a própria fraqueza, livrou-se dos

braços dela. — Achas que eu não sei que pressionaste o James para me despedir só porque não querias que eu ficasse com o trabalho de Londres?

— Estava desesperada. — Angela tapou a cara com as mãos e deixou as lágrimas atravessarem os dedos. — Tinha medo de te perder.

— Querias provar que eras tu quem controlava. E se o James não me tivesse apoiado tanto, podias ter estragado a minha carreira!

— Ele não me deu ouvidos. — Ela baixou as mãos e a expressão no rosto era fria. — Nem tu.

— Não. Eu vim aqui hoje porque tinha esperança de que tivéssemos tido tempo suficiente para deixar assentar as coisas. Parece que estava enganado.

— Achas que me podes abandonar? — Ela falou em voz baixa e com uma calma extrema quando Finn se aproximou da porta. As lágrimas estavam esquecidas. — Achas que é simples virares as costas e saíres? Vou arruinar-te. Posso demorar anos, mas juro que te vou arruinar.

Finn parou à porta. Ela estava no meio do hall, o rosto avermelhado do choro, os olhos inchados e duros como pedra. — Obrigado pela festa, Angela. Foi um espectáculo e tanto.

*

Deanna teria concordado. No momento em que Finn se dirigia apressadamente para o carro, ela estava a bocejar no elevador que subia para o seu apartamento. Estava grata por ter o dia inteiro seguinte de folga. Dar-lhe-ia tempo para recuperar e para pensar na sua situação com Marshall.

Mas a única coisa que estava naquele momento na sua agenda era um banho longo e relaxante e uma boa noite de sono.

Tirou as chaves da mala antes de as portas do elevador se abrirem. Cantarolando baixinho, destrancou a porta. Como de costume, ligou o interruptor da luz ao lado da porta ao entrar.

Sossego, pensou. *Maravilhoso e abençoado silêncio*. Trancou novamente a porta e foi directamente ao atendedor de chamadas para verificar as mensagens. Enquanto as passava, descalçou as sabrinas de cetim preto e mexeu os dedos doridos. Estava a sorrir ao ouvir a gravação da voz de Fran a recitar possíveis nomes de bebés quando reparou no envelope perto da porta.

Estranho, pensou. Já lá estaria quando ela entrara? Atravessou a sala, espreitando pelo olho-mágico antes de se baixar para apanhar a mensagem.

Não havia nada escrito no envelope selado. Perplexa, e reprimindo outro bocejo, abriu-o e desdobrou a única folha de papel branco.

Esta continha apenas uma frase dactilografada a tinta vermelha:

DEANNA, ADORO-TE.

6.

— Temos trinta segundos antes de irmos para o ar.

— Vamos conseguir. — Deanna sentou-se na cadeira ao lado de Roger no plateau do noticiário. Através do auricular, escutava as vozes agitadas que se sobrepunham na sala de controlo. A alguns metros de distância, o assistente de realização gritava orientações. Um dos câmaras estava a fumar ociosamente e a conversar com um assistente de produção.

— Vinte segundos. Meu Deus! — Roger limpou as palmas húmidas aos joelhos. — Onde é que o Benny foi buscar a ideia brilhante de adicionar música ao vídeo?

— A mim. — Deanna lançou um breve sorriso apologético a Roger. — Foi apenas uma ideia repentina que tive quando estava a visualizar a filmagem. Vai mesmo tornar a peça perfeita. — Havia alguém a gritar obscenidades através do auricular dela, e o seu sorriso amareleceu ligeiramente. Porque é que ela havia de querer sempre a perfeição? — Sinceramente, eu não sabia que ele se ia agarrar à ideia desta forma.

— Só faltam dez segundos. — Roger olhou uma última vez para o seu espelho de mão. — Se tivermos de preencher, vou deixar isso por tua conta, querida.

— Vai correr tudo bem. — O queixo dela estava teimosamente empinado. Ela ia garantir que tudo corresse bem. Ela ia fazer o melhor minuto e dez que a estação já emitira. As reclamações na sala de controlo transformaram-se num pandemónio de aplausos quando o assistente de realização começou a contagem decrescente. — Já está. — Ela olhou presunçosamente para Roger e depois virou-se para a câmara.

— Boa-tarde, este é o *Noticiário do Meio-dia*. Eu sou Roger Crowell.

— E eu sou Deanna Reynolds. O número de passageiros no voo 1129 que chegou de Londres na passada sexta-feira era de duzentos e sessenta e quatro. Esta manhã, esse número aumentou uma unidade. Matthew John Carlyse, filho dos passageiros Alice e Eugene Carlyse, fez a sua primeira aparição às cinco e um quarto desta manhã. Embora seis semanas prematuro, Matthew chegou com uns saudáveis dois quilos e trezentos.

Enquanto a fita rolava, ao som do trauteio «Baby, Baby», Deanna soltou um suspiro de alívio e sorriu para o monitor. Ideia dela, lembrou a si própria. E estava perfeito. — Belas imagens.

— Nada mal — concordou Roger, e viu-se forçado a sorrir quando o monitor focou a minúscula forma contorcendo-se e guinchando na incubadora. Tinha um pequeno par de asas presas no cobertor. — Quase valeu a úlcera.

— Os Carlyse deram ao filho o nome de Matthew Kirkland, o piloto

que fez aterrar em segurança o voo 1129 no O'Hare na noite de sexta-feira apesar da falha mecânica. O Sr. Carlyse disse que nem ele nem a mulher estavam preocupados em fazer o voo de regresso a Londres no final do mês. O pequeno Matthew não fez comentários.

— Outras notícias... — Roger seguiu para o segmento seguinte.

Deanna olhou para as notícias sobre a mesa, revendo o seu andamento. Quando olhou de novo para cima, viu Finn na parte de trás do estúdio. Estava a baloiçar sobre os calcanhares, de polegares enfiados nos bolsos da frente, mas fez-lhe um aceno de felicitação com a cabeça.

Que diabos estaria ele a fazer ali a observar? A avaliar? Ele tinha direito a uma semana inteira de folga. Porque não estaria ele na praia, nas montanhas, num lugar qualquer? No momento em que olhou de novo para a câmara e pegou na sua deixa, conseguiu sentir os olhos dele sobre ela, friamente azuis e objectivos.

Na altura em que interromperam para o último intervalo comercial antes do «Canto da Deanna», os nervos dela tinham evoluído para uma irritação borbulhante.

Deanna afastou-se da mesa, desceu o degrau e passou apressadamente por cima dos cabos sinuosos. Antes que pudesse cumprimentar o convidado do dia, Finn pôs-se à frente dela.

— És melhor do que eu me lembrava.

— A sério? — Ela deu um esticão rápido à bainha do casaco. — Bem, com um elogio desses posso morrer feliz.

— Foi só um comentário. — Curioso, ele agarrou-lhe no braço para a manter no sítio. — Não consigo decidir-me acerca de ti. Ainda estou na lista negra por te ter tirado a reportagem na outra noite?

— Não estás em lista nenhuma. Eu só não gosto de ser observada.

Ele teve de sorrir. — Então estás na profissão errada, Kansas.

Deixou-a ir. Impulsivamente, agarrou numa das cadeiras desdobráveis fora do alcance da câmara. Ele não tencionara ficar, e sabia que só o fizera para a irritar. Tinha ido até ali naquela tarde, assim como na noite anterior, porque gostava de estar de volta aos estúdios de Chicago.

Naquele momento Finn não tinha muita coisa na vida para além da carreira. Ele preferia assim. Viu Deanna acalmar a convidada com uma conversa fora do ar e reflectiu. Ficaria ela aliviada ou aborrecida, se soubesse que ele não pensara nela durante o resto do fim-de-semana? Anos de experiência haviam-no tornado um perito em compartimentar a vida. As mulheres não interferiam com o trabalho, com a elaboração de uma notícia nem com as suas ambições.

Os meses em Londres tinham aumentado a sua reputação e credibilidade, mas ele estava feliz por estar de volta.

Os seus pensamentos regressaram a Deanna quando a ouviu rir. Um som agradável e cativante, pensou. Sexo subtil. Tinha tudo a ver com ela, decidiu. E aqueles olhos. Estavam calorosos naquele momento, e cheios de um interesse vivo enquanto a convidada publicitava uma exposição de arte marcado para aquela noite.

Naquele momento Finn estava a marimbar-se para a arte. Mas estava interessado, muito interessado em Deanna. Na forma como ela se inclinava para a frente, apenas um pouco, para dar um toque de intimidade à entrevista. Ele não a apanhou uma única vez a olhar para os seus apontamentos à procura da pergunta seguinte.

Mesmo quando interromperam para intervalo, Deanna continuou a dar toda a atenção à convidada. Por consequência, a artista deixou o estúdio com o ego totalmente motivado. Deanna voltou a juntar-se a Roger na mesa para o fecho.

— Ela é boa, não é?

Finn olhou para trás. Simon Grimsley estava mesmo à entrada do estúdio. Era um homem de ombros estreitos, com um rosto longo e afilado com uma expressão de permanente preocupação e dúvida. Mesmo quando sorria, como naquele momento, havia uma expressão nos seus olhos que revelava uma inescapável fatalidade. Ele estava a perder o cabelo, embora Finn soubesse que tinha entrado há pouco na casa dos trinta. Tinha vestido, como sempre, um fato escuro e uma gravata com um nó perfeito. E, como sempre, o traje realçava a sua ossatura.

— Como vai isso, Simon?

— Não perguntes. — Simon revirou os olhos escuros e pessimistas. — A Angela hoje está com um humor de cão. Do pior.

— Isso não é exactamente uma grande novidade, Simon.

— A quem o dizes. — Baixou a voz quando a luz vermelha acendeu. — Atirou-me com um pisa-papéis — sussurrou ele. — *Baccarat*. Uma sorte ela não ter muita força de arremesso.

— Talvez ela pudesse conseguir um lugar nos Cubs.

Simon deu o que pareceu ser uma risadinha e depois abafou-a culposamente. — Ela anda a sentir-se extremamente pressionada.

— Sim, pois.

— Não é fácil manter-se no topo da tabela. — Simon soltou um suspiro de alívio quando o sinal «no ar» apagou. A televisão ao vivo mantinha-o num constante estado de ansiedade. — Deanna. — Acenou-lhe com a mão e quase prendeu o pé num rolo de cabo com a pressa de a alcançar. — Bom programa. Muito bom.

— Obrigada. — Ela desviou o olhar dele para Finn e depois voltou a ele. — Como correu a gravação desta manhã?

— Correu. — Simon fez uma careta. — A Angela pediu-me para te entregar esta mensagem. — Entregou-lhe um envelope rosa-claro. — Parecia importante.

— Ok. — Ela resistiu à vontade de enfiar o bilhete no bolso. — Não te preocupes, eu já vou falar com ela.

— Bem, é melhor eu ir para cima. Aparece durante a gravação desta tarde, se puderes.

— Está bem.

Finn viu a porta fechar-se atrás de Simon. — Nunca vou compreender como é que alguém tão nervoso e deprimido consegue lidar com as pessoas que o *Programa da Angela* convida.

— Ele é organizado. Não conheço ninguém melhor a organizar as coisas do que o Simon.

— Isto não era uma crítica — disse Finn enquanto a acompanhava para fora do estúdio. — Era um comentário.

— Hoje pareces estar cheio de comentários. — Como de costume, Deanna entrou no camarim para refazer a maquilhagem.

— Então, tenho mais um. A tua entrevista com a artista... Myra, não era?... foi consistente.

Uma sensação de prazer apanhou-a desprevenida. — Obrigada. Era um assunto interessante.

— Não precisava de ser. Mantiveste-a com os pés na terra quando ela começou a divagar sobre técnica e simbolismo. E mantiveste a conversa leve e amigável.

— Eu prefiro leve e amigável. — Os olhos dela cruzaram-se com os dele no espelho e cintilaram. — Deixo o Gorbachev e o Hussein para ti.

— Agradecido. — Finn abanou a cabeça enquanto ela retocava o batom. — Tu és muito susceptível. A observação era supostamente um elogio.

Ele tinha razão, pensou ela. Estava a ser desconfiada. — Sabes o que eu acho, Finn? — Deanna alisou o cabelo para trás e virou-se. — Acho que há energia a mais nesta sala. Energia conflituosa.

Ele tinha sentido electricidade desde o momento em que a agarrara numa pista de aeroporto molhada. — E como é que toda essa energia conflituosa te faz sentir?

— Com falta de ar. — Ela sorriu, numa resposta directa à diversão nos olhos dele. — Acho que é por isso que me parece sempre que estás no meu caminho.

— Então acho que deve ser melhor desviar-me e dar-te algum espaço.

— E porque não o fazes? — Pegou no envelope cor-de-rosa que pou-

sara sobre a bancada, mas antes de o conseguir abrir, Finn agarrou-lhe na mão.

— Pergunta: como justificas o teu trabalho enquanto repórter da CBC com o trabalho para a Angela?

— Eu não trabalho para a Angela. Trabalho as notícias. — Com movimentos rápidos e competentes, passou uma escova pelo cabelo e prendeu-o atrás. — Ocasionalmente faço alguns favores à Angela. Ela não me paga.

— Apenas umas compinchas ajudando-se mutuamente?

Ela não ligou à provocação na voz dele. — Eu não diria que a Angela e eu somos compinchas. Somos amigas, e ela tem sido muito generosa comigo. O departamento de informação não tem nada contra a minha ligação pessoal com a Angela nem contra o tempo que lhe dispenso.

— Já ouvi dizer. Mas também, o departamento de entretenimento não deixaria de aplicar um pouco de pressão quando têm o poder de um programa no topo das audiências. — Balançou nos calcanhares, estudando-a. — Faz-me pensar porque é que a Angela se daria ao trabalho só para te usar.

Ela foi aos arames: — Ela não está a usar-me! Estou a aprender com ela! E aprender é algo que considero útil.

— A aprender o quê, exactamente?

Como ser a melhor, pensou ela, mas guardou cautelosamente o pensamento para si. — Ela tem incríveis capacidades de entrevista.

— Isso é verdade, mas as tuas parecem-me suficientemente boas. — Fez uma pausa. — Pelo menos em notícias cor-de-rosa.

Ela quase resfolegou, deleitando-o. — Eu gosto do que faço, e mesmo que não gostasse, isso não era da tua conta.

— Uma frase exacta. — Ele devia ter mudado de assunto, mas sabia muito bem o que Angela conseguia fazer com as garras quando as enterrava. A não ser que estivesse enganado, Deanna sangraria rápida e copiosamente. — Darias ouvidos a um aviso de amigo sobre a Angela?

— Não. Eu própria faço o meu juízo sobre as pessoas.

— Como queiras. Mas pergunto-me... — continuou ele, observando o rosto dela. — Serás tão rija como pensas que és?

— Posso ser ainda mais.

— Vais precisar de ser. — Soltou a mão dela e saiu.

Sozinha, Deanna expirou longamente. Porque é que cada vez que passava cinco minutos com Finn se sentia como se tivesse corrido uma maratona? — exausta e entusiasmada. Afastando-o resolutamente do pensamento, abriu a mensagem de Angela. A caligrafia era uma série de espirais e floreios escritos com uma caneta de tinta permanente:

*Querida Deanna,
Tenho uma coisa de vital importância para discutir contigo.
A minha agenda de hoje está de loucos, mas posso sair por volta das quatro.
Encontra-te comigo para um chá na sala de estar do Ritz.
Acredita, é urgente.*

*Beijos,
Angela*

*

Angela odiava que a fizessem esperar. Às quatro e um quarto já tinha encomendado um segundo cocktail de champanhe e já tinha começado a fumar. Estava prestes a oferecer a Deanna a oportunidade de uma vida, e em vez de gratidão, era tratada com rudeza. Por consequência, falou rispidamente com a empregada de mesa quando esta lhe serviu a bebida, e percorreu com o olhar carrancudo a sala sumptuosa.

A fonte atrás dela tinia musicalmente. Isso acalmava-a um pouco, como o bebericar do champanhe borbulhante. Não era verdadeiramente beber, pensou ela, satisfeita. Era como provar o sucesso.

O dourado e glória do Ritz estavam muito longe do Arkansas, lembrou a si mesma. E ela estava prestes a ir ainda mais longe.

A lembrança dos seus planos suavizou o olhar carregado. O sorriso incentivou a coragem de uma senhora de cabelo pintado de azul que se aproximou para pedir um autógrafo. Angela foi toda afabilidade graciosa. Quando Deanna entrou apressadamente às quatro e vinte, viu Angela a conversar amigavelmente com a fã.

— Desculpa. — Deanna sentou-se à frente de Angela. — Desculpa o atraso.

— Não te preocupes. — Angela sorriu e acenou displicentemente com a mão. — Foi um prazer conhecê-la, Sra. Hopkins. Ainda bem que gosta do programa.

— Não o perco por nada. E a senhora é ainda mais encantadora pessoalmente do que na TV.

— Não é um encanto? — disse Angela a Deanna quando já estavam sozinhas. — Ela vê o programa todas as manhãs. Agora vai poder anunciar no clube de bridge que me conheceu pessoalmente. Vamos pedir uma bebida para ti.

— É melhor chá. Estou de carro.

— Disparate. — Angela chamou a atenção da empregada de mesa, bateu no copo e depois levantou dois dedos. — Recuso-me a comemorar com algo tão passivo como chá.

— Então é melhor eu saber o que é que estamos a comemorar. — De-

anna despiu o casaco. Ela calculava que uma bebida podia facilmente durar os trinta minutos que reservara para o encontro.

— Não até teres o teu champanhe. — Angela sorriu timidamente antes de bebericar o dela. — Preciso mesmo de te agradecer de novo por teres sido incansável na outra noite. Acabou por ser uma festa maravilhosa.

— Não havia muito para fazer.

— Fácil para ti dizer isso. És capaz de manter o controlo sobre todos aqueles pequenos detalhes. — Angela desdenhou-os com um agitar de dedos. — Aborrecem-me. — Pondo de lado o copo, tirou um cigarro. — E o que achas do Finn?

— Teria de dizer que ele é um dos melhores repórteres da CBC ou de qualquer uma das estações. Poderoso. Tem uma forma de ir ao cerne de uma questão e de deixar envolver-se apenas o suficiente para intrigar o público.

— Não, não. Não profissionalmente. — Angela bufou uma impaciente baforada de fumo. — Enquanto homem.

— Não o conheço enquanto homem.

— Impressões, Deanna. — A voz de Angela tornou-se mais ríspida, colocando Deanna de alerta. — És uma jornalista, não és? És treinada para observar. Quais são as tuas observações?

Terreno escorregadio, decidiu Deanna. A estação fervilhara com rumores de história passada e com especulação sobre a existência de um caso entre as duas estrelas. — Objectivamente? Ele é bastante atraente, carismático, e acho que teria de usar de novo a palavra «poderoso». É certamente muito prezado pelos técnicos e os manda-chuvas.

— Especialmente as mulheres. — Angela começou a abanar o pé, um sinal de inquietação. O seu pai também fora carismático, não fora? — recordou ela amargamente. E atraente e, certamente, poderoso, quando estava em maré de sorte. E também a deixara, a ela e à patética mãe bêbada, por outra mulher e um *royal flush*. Mas ela aprendera a partir daí, aprendera muito sobre vingança. — Ele consegue ser muito sedutor — continuou ela. — E muito traiçoeiro. Não se coíbe de usar as pessoas para conseguir o que quer. — Deu uma passa no cigarro e sorriu tenuemente através de uma nuvem de fumo. — Reparei que ele te procurou durante a festa e pensei em dar-te um aviso de amiga.

Deanna ergueu uma sobrancelha, pensando como Angela se sentiria se soubesse que Finn usara precisamente a mesma frase apenas algumas horas antes. — Não é necessário.

— Eu sei que estás envolvida com o Marshall neste momento, mas o Finn consegue ser muito persuasivo. — Angela sacudiu a cinza do cigarro e chegou-se à frente. Rapariga para rapariga. — Eu sei como as notícias voam

pelo estúdio, por isso não há necessidade de fingires que não sabes o que houve entre mim e o Finn antes de ele ter ido para Londres. Receio que, como eu terminei as coisas, ele possa tentar salvar o ego e tentar atacar-me seduzindo alguém de quem gosto. Não queria que sofresses.

— Isso não vai acontecer. — Desconfortável, Deanna recuou no assento. — Angela, estou realmente com pouco tempo. Se era sobre isto que me querias falar...

— Não, não. Estava só a deitar conversa fora. E cá está. — Observou as bebidas serem servidas. — Agora temos as ferramentas apropriadas para um brinde. — Levantou o copo e esperou que Deanna levantasse o dela. — A Nova Iorque. — As taças tiniram alegremente.

— Nova Iorque?

— Toda a minha vida trabalhei nesse sentido. — Após um gole apressado, Angela pousou o copo. A excitação envolvia-a em ondas de agitação. Nada, nem mesmo o champanhe, podia competir com isso. — Agora é uma realidade. O que estou a dizer-te agora é estritamente confidencial. Compreendido?

— Claro.

— Recebi uma oferta da Starmedia, Deanna. Uma oferta incrível. — A voz dela borbulhava como o vinho. — Vou deixar Chicago e a CBC em Agosto, quando terminar o meu contrato. O programa vai passar para Nova Iorque e vou passar a ter mais quatro especiais por ano em horário nobre. — Os olhos dela pareciam vidro azul, os dedos deslizavam pelo copo como pássaros excitados à procura de lugar para aterrar.

— Isso é maravilhoso! Mas pensei que já tinhas chegado a acordo com a CBC e com a agência noticiosa Delacort.

— Verbalmente. — Encolheu os ombros. — A Starmedia é uma agência noticiosa muito mais imaginativa. A Delacort tomou-me como certa. Eu vou para onde sou mais apreciada... e mais recompensada. Vou formar a minha própria empresa de produção. E não vamos produzir apenas o *Programa da Angela*. Vamos fazer especiais, filmes televisivos, documentários. Vou ter acesso ao melhor que há no ramo. — Fez uma pausa, sempre uma mulher do espectáculo. — É por isso que quero que venhas comigo como minha produtora executiva.

— Queres-me a mim? — Deanna abanou a cabeça como que para ordenar as ideias. — Não sou produtora. E o Lew...

— O Lew. — Angela rejeitou o sócio de tantos anos com um aceno de cabeça. — Quero algo novo, fresco, imaginativo. Não, quando der um passo destes, não vou levar o Lew comigo. O lugar é teu, Deanna. Só tens de o aceitar.

Deanna bebeu um gole longo e lento de champanhe. Ela estivera

à espera de uma oferta como pesquisadora principal, e como a ambição apontava noutra direcção, estava preparada para recusar. Mas aquilo, aquilo surgira do nada. E era muito mais tentador.

— Sinto-me lisonjeada — começou ela. *Assarapantada*, corrigiu. — Não sei o que dizer.

— Então vou dar-te uma deixa. Diz sim.

Com uma gargalhada rápida, Deanna recostou-se e examinou a mulher à sua frente. Ansiosa, impulsiva e, sim, implacável. Qualidades nada más, considerando bem as coisas. Também havia talento e inteligência e aqueles nervos que Angela julgava que ninguém via. Era a combinação que a levava até ao topo e que a mantinha lá.

Um lugar de destaque no programa com maior audiência no mercado, pensou Deanna. — Gostava de poder atirar-me de cabeça, Angela. Mas preciso de pensar melhor nisto.

— O que há para pensar? — O vinho crepitava na cabeça de Angela. Deanna conseguiu reagir suficientemente rápido para impedir que uma taça tombasse quando Angela colocou descuidadamente os braços sobre a mesa. — Não se recebem ofertas destas neste ramo todos os dias, Deanna. Aceita-se o que existe quando se pode. Sabes de que quantias estou a falar? O prestígio, o poder?

— Tenho alguma noção.

— Um quarto de milhão por ano, para começar. E todos os benefícios.

Deanna demorou algum tempo a fechar a boca. — Não — disse ela lentamente. — Pelos vistos eu não fazia a mínima ideia.

— O teu próprio gabinete, a tua própria equipa, um carro com motorista ao teu dispor. Oportunidades de viajar e de te relacionares com o melhor.

— Porquê?

Satisfeita, Angela recostou-se. — Porque posso confiar em ti. Porque posso contar contigo e porque vejo um pouco de mim quando olho para ti.

Um arrepio percorreu rapidamente as costas de Deanna. — É um passo muito grande.

— Os pequenos são uma perda de tempo.

— Podem ser, mas eu preciso de pensar melhor nisto. Não sei se sou a pessoa indicada.

— Eu acho que és. — A impaciência de Angela estava de novo a subir à superfície. — Porque é que duvidas?

— Angela, uma das razões porque acho que me estás a oferecer este lugar é porque eu sou uma pessoa boa nos detalhes. Porque sou exaustiva e

obsessivamente organizada. Eu não seria nada disso se não demorasse um tempo a arrumar isto na minha cabeça.

Com um aceno de cabeça, Angela tirou outro cigarro. — Tens razão. Não devia estar a pressionar-te, mas quero-te nisto comigo. De quanto tempo precisas?

— Alguns dias. Posso dar-te uma resposta no final da semana?

— Está bem. — Angela acendeu o isqueiro e estudou a chama por breves instantes. — Vou dizer apenas mais uma coisa. O teu lugar não é atrás de uma secretária num programazito local do meio-dia a ler notícias. Foste feita para coisas maiores, Deanna. Vi isso em ti desde o início.

— Espero que estejas certa. — Deanna expirou longamente. — Espero mesmo.

*

A pequena galeria na Michigan Avenue estava apinhada de gente. Pouco maior do que a garagem suburbana média, a sala de exposições estava brilhantemente iluminada a condizer com os quadros atrevidos e garridos dispostos quase encostados uns aos outros ao longo das paredes. Assim que Deanna entrou, ficou satisfeita por ter seguido o impulso de aparecer. Não só desviava assim o pensamento da espantosa oferta feita por Angela naquela tarde, como podia aprofundar em primeira mão a sua própria entrevista.

O ambiente estava repleto de sons e odores. Champanhe barato e vozes estridentes. E cor, reflectiu ela. Os pretos e cinzentos das pessoas faziam um forte contraste com o carácter vibrante dos quadros. Ela lamentava não ter levado uma equipa de filmagem para fazer uma pequena cobertura.

— Grande evento — murmurou Marshall ao ouvido dela.

Deanna virou-se e sorriu. — Não vamos ficar muito tempo. Eu sei que este não é exactamente o teu estilo.

Ele olhou em volta para as cores frenéticas espalhadas em tela. — Não exactamente.

— Que coisa de doidos. — Fran conseguiu abrir caminho até ao pé deles com a mão de Richard bem agarrada à dela. — A tua rubrica esta tarde teve algum impacto.

— Não sei de nada.

Esticando o pescoço, Fran cheirou o ar. — Cheira-me a comida.

— Chegou a um ponto em que ela é capaz de sentir o cheiro de cachorros-quentes a três quarteirões de distância. — Richard ajeitou-se para pôr um braço à volta de Fran. Ele tinha um rosto bonito de menino que sorria com facilidade. O cabelo louro-claro estava cortado de forma conservadora, mas o pequeno furo no lobo da orelha esquerda ostentara em tempos uma variedade de brincos.

— É o apuramento dos sentidos — reivindicou Fran. — E o meu diz-me que há salsichas enroladas naquela direcção. Já volto. — Arrastou Richard com ela.

— Fome? — Empurrada por detrás, Deanna encaixou-se confortavelmente no braço protector de Marshall.

— Nem por isso. — Usando a vantagem da altura, ele perscrutou a área e conduziu-a para fora do ajuntamento.

— Estás a ser um querido.

— Por ter vindo? É interessante.

Ela riu e beijou-o novamente. — Muito querido. Eu só gostava de dar uma rápida vista de olhos e felicitar a Myra. — Deanna olhou em redor. — Se a conseguirmos encontrar.

— Demora o tempo que precisares. Vou ver se consigo descobrir uns canapés para nós.

— Obrigada.

Deanna abriu caminho através da multidão. Ela gostava da pressão entre os corpos, dos murmúrios de excitação, dos fragmentos de conversas. Já tinha chegado a meio da sala quando um quadro arrojado captou a sua atenção. Linhas sinuosas e manchas vívidas contra um fundo azul profundo texturizado. Fascinada, Deanna aproximou-se. A etiqueta abaixo da fina moldura ébano dizia DESPERTARES. *Perfeito*, pensou Deanna. *Absolutamente perfeito*.

As cores vivas pareciam querer libertar-se da tela, da noite. Enquanto examinava a obra, Deanna sentiu o prazer transformar-se em desejo, e o desejo em determinação. Com um pequeno malabarismo no seu orçamento...

— Gostas?

Deanna sentiu-se subitamente de regresso à realidade. Mas não se deu ao trabalho de se voltar para Finn.

— Sim, muito. Passas muito tempo em galerias?

— De vez em quando. — Pôs-se ao lado dela, divertido com a forma como ela olhava fixamente para o quadro. Todos os pensamentos dela estavam reflectidos nos olhos. — Na verdade, a tua rubrica desta tarde convenceu-me a passar por cá.

— A sério? — Ela olhou então para ele. Ele estava vestido de forma muito semelhante à que estivera quando atravessara a pista de aterragem. O caro casaco de cabedal desapertado, as calças de ganga confortavelmente gastas, botas já bastante surradas.

— Sim, a sério. E devo-te uma, Kansas.

— Porquê?

— Por isto. — Ele acenou com a cabeça em direcção ao quadro. — Acabei de o comprar.

— Tu... — Ela olhou para o quadro e depois para ele novamente. Cerrou os dentes. — Estou a ver.

— Gostei realmente dele. — Finn pousou uma mão no ombro dela e olhou para o quadro. Se continuasse a olhar para ela, sabia que não ia conseguir conter o sorriso. Estava tudo ali, nos olhos dela: a decepção, o desejo, a irritação. — E o preço foi justo. Acho que vão descobrir muito em breve que estão a pedir pouco pelo trabalho dela.

O quadro era dela, raios! Ela já o tinha imaginado pendurado em casa por cima da secretária. Não conseguia acreditar que ele lho tinha tirado de debaixo do nariz. — Porquê este?

— Porque era perfeito para mim. — Com a mínima das pressões sobre o ombro dela, voltou-a para ele. — Eu soube assim que o vi. E quando vejo alguma coisa que quero... — Passou um dedo pelo lado do pescoço dela, com a suavidade de uma pena, enquanto mantinha os olhos fixos nos dela. — Faço o que posso para a conseguir.

A pulsação dela disparou, surpreendendo-a e irritando-a. Estavam agora pé com pé, olhos e bocas ao mesmo nível. E demasiado perto, apenas um pouco perto de mais, fazendo com que ela se visse reflectida no azul de sonho dos olhos dele.

— Por vezes o que queremos não está disponível.

— Por vezes. — Ele sorriu, e ela esqueceu a multidão que os empurrava, o quadro cobiçado atrás dela, a voz dentro da cabeça que lhe dizia para recuar. — Um bom jornalista tem de saber quando avançar depressa e quando ser paciente. Não achas?

— Sim. — Mas ela estava a ter dificuldade em pensar. Eram os olhos dele, a forma como a focavam como se não houvesse mais nada nem ninguém. E ela sabia, de alguma forma, que ele iria continuar a olhar para ela daquela maneira, mesmo que de repente o chão desaparecesse de debaixo dos seus pés.

— Queres que eu seja paciente, Deanna? — O dedo dele subiu até ao queixo e parou.

— Eu... — O ar ficou preso nos pulmões. E, por um momento, um momento inesperado, ela sentiu-se inclinar em direcção a ele.

— Vejo que já encontraste acepipes — disse Marshall.

Ela viu o divertimento sarcástico na cara de Finn. — Sim, Marshall. — A voz dela estava trémula. Lutando para a estabilizar, Deanna agarrou no braço dele como se ele fosse uma rocha em mar revolto. — Cruzei-me com o Finn. Acho que ainda não se conhecem. Dr. Marshall Pike, Finn Riley.

— Claro. Conheço o seu trabalho. — Marshall estendeu uma mão. — Bem-vindo de volta a Chicago.

— Obrigado. Você é psicólogo, correcto?

— Sim. Especializei-me em aconselhamento doméstico.

— Trabalho interessante. A estatística parece apontar para o fim da família tradicional. Contudo, a tendência geral, se olharmos para a publicidade, para o entretenimento, parece ser a de regressar precisamente a isso.

Deanna procurou uma farpa, mas não encontrou nada para além de interesse genuíno no momento em que Finn arrastava Marshall para uma discussão sobre a cultura familiar americana. Ela imaginava que fosse o repórter dentro dele que lhe permitia conversar com qualquer pessoa em qualquer altura sobre qualquer assunto. Naquele momento, ela estava grata.

Confortava-a ter a mão na de Marshall, sentir que, se quisesse, podia fazer parte de um casal. Ela preferia muito mais o romantismo suave de Marshall ao ataque directo de Finn ao sistema nervoso. Se tivesse de comparar os dois, coisa que garantidamente achava que não tinha, daria maior pontuação a Marshall por cortesia, respeito e estabilidade.

Sorriu para ele no momento em que os seus olhares foram de novo arrastados para o quadro dramático e arrebatador.

Quando Fran e Richard se juntaram a eles, Deanna fez as apresentações. Alguns minutos de conversa trivial e despediram-se. Deanna tentou fingir que não sentia os olhos de Finn a observarem-na enquanto se dirigiam para a porta.

— Vê se acalmas o meu coração — sussurrou Fran ao ouvido de Deanna. — Ele é ainda mais sexy pessoalmente do que na televisão!

— Achas?

— Querida, se eu não estivesse casada nem grávida, faria muito mais do que achar. — Fran lançou um último olhar por cima do ombro. — Delicioso.

Dando risadinhas, Deanna empurrou-a suavemente porta fora. — Controla-te, Myers.

— As fantasias são inofensivas, Dee, não me canso de te dizer isto. E se ele tivesse olhado para mim da forma como estava a olhar para ti, eu seria uma poça de hormonas aos pés dele.

Deanna combateu os nervos que sentia no estômago com uma refrescante inspiração de ar primaveril. — Eu não derreto com essa facilidade.

*

Não derreter facilmente fazia parte do problema, pensou Deanna mais tarde. Quando Marshall parou o carro em frente ao prédio dela, ela sabia que ele a acompanharia até à porta. E quando chegassem à porta, ele esperaria ser convidado a entrar. E depois...

Ela simplesmente não estava preparada para o «depois».

A falha era dela, sem dúvida. Ela podia facilmente culpar o passado

pela sua hesitação relativamente à intimidade. E seria totalmente verdade. Ela não queria admitir que a outra parte da hesitação se devia a Finn.

— Não precisas de me levar à porta.

Ele levantou uma mão para brincar com o cabelo dela. — Ainda é cedo.

— Eu sei. Mas tenho de me levantar cedo amanhã. Obrigada por teres ido à galeria comigo.

— Eu gostei. Mais do que estava à espera.

— Ainda bem. — Sorrindo, tocou com os lábios nos dele. Quando ele aprofundou o beijo, puxando-a, ela cedeu. Havia ali calor, paixão reprimida. Um suave gemido de prazer soltou-se-lhe da garganta quando ele mudou o ângulo do beijo. O bater do coração dele disputava com o dela.

— Deanna. — Ele levou os lábios numa pequena viagem pelo rosto dela. — Quero estar contigo.

— Eu sei. — Ela voltou os lábios outra vez para os dele. Quase, pensou ela sonhadoramente. Ela tinha quase a certeza. — Preciso de mais um pouco de tempo, Marshall. Desculpa.

— Sabes o que sinto por ti? — Segurou no rosto dela, examinando-a. — Mas eu compreendo, tem de ser da maneira certa. Porque não saímos daqui por alguns dias?

— Sair?

— De Chicago. Podíamos tirar um fim-de-semana. — Inclinou-lhe o rosto um pouco para trás e beijou-lhe um lado da boca. — Cancun, St. Thomas, Maui. Para onde tu quiseres. — E o outro lado. — Só nós dois. Podíamos ver como nos damos longe do trabalho, de todas as pressões.

— Eu gostava. — Fechou os olhos. — Eu gostava de pensar sobre isso.

— Então pensa. — Havia um brilho de triunfo nos olhos dele. — Verifica a tua agenda e deixa o resto comigo.

7.

Deanna não contara com as alfinetadas da deslealdade. Afinal de contas, a televisão era um negócio. E fazia parte do negócio chegar à frente para fazer o melhor acordo. Mas enquanto as análises de audiências de Maio ocupavam o edifício da CBC, com sondagens sendo discutidas e analisadas todas as noites por todos, desde os manda-chuvas até às equipas de manutenção, ela sentia-se uma traidora.

Os orçamentos do ano seguinte estavam a ser programados com base nas audiências, e as previsões estavam a ser baseadas em assumpções erradas.

Ela sabia que o *Programa da Angela* terminaria antes do início da segunda época. E, com o acordo que fizera, Angela iria competir com o alinhamento diurno da CBC assim como com os especiais do horário nobre.

Quanto mais festivo era o ambiente na redacção, mais culpa alfinetava a consciência de Deanna.

— Algum problema, Kansas?

Deanna ergueu os olhos quando Finn se sentou no canto da sua secretária. — Porque perguntas?

— Tens estado a olhar fixamente para esse ecrã nos últimos cinco minutos. Estou habituado a ver-te mexer.

— Estou a pensar.

— Isso geralmente não te faz parar. — Inclinando-se para a frente, roçou o polegar entre as sobrancelhas dela. — Tensão.

Em defesa, ela chegou-se para trás na cadeira para quebrar o contacto. — Estamos no meio das análises de audiências de Maio. Quem não está tenso?

— O *Noticiário do Meio-dia* está a aguentar-se bem.

— Está melhor do que isso — ripostou ela. Orgulho e lealdade misturados. — Temos um share de vinte e oito por cento. Subimos três pontos desde as últimas análises.

— Assim está melhor. Prefiro ver-te irritada do que triste.

— Eu não estava triste — disse ela por entre dentes. — Estava a pensar.

— Ou isso. — Ele levantou-se então e pegou no saco que tinha pousado no chão.

— Onde é que vais?

— Para Nova Iorque. — Num movimento fácil e hábil, Finn pôs o saco ao ombro. — Vou substituir durante alguns dias o apresentador do programa *Despertar*. As alergias do Kirk Brooks estão a fazer das suas.

Deanna arqueou uma sobrancelha. Ela sabia que o *Despertar* da CBC estava a ter audiências muito fracas, bem atrás do *Bom-Dia América* e do *Hoje*. — Estás a querer dizer que as audiências estão a fazer das delas.

Finn encolheu os ombros e tirou uma das amêndoas doces da taça que estava em cima da mesa dela. — É essa a conclusão a retirar. Os manda-chuvas acham que os espectadores consideram glamoroso alguém que passou por algumas lutas armadas e terremotos. — Fez uma cara de nojo enquanto engolia. — Por isso, vou levantar-me cedo e usar gravata durante uns dias.

— É um pouco mais do que isso. É um programa complicado. Entrevistas, novidades...

— Cavaqueira. — A palavra estava cheia de desdém.

— Não há nada de mal com cavaqueira. Envolve o espectador, dá-lhes protagonismo. E abre portas.

Os lábios dele curvaram para algo entre um sorriso e um ar de desprezo. — Certo. Da próxima vez que eu entrevistar o Kadaffi, a ver se não me esqueço de lhe perguntar a opinião sobre o novo teledisco da Madonna.

Intrigada, ela inclinou a cabeça para trás para o observar. Ela tinha achado que ele era um rebelde temerário que fazia precisamente o que queria e que dava com os executivos em doidos. — Se detestas tanto isso, porque é que vais?

— Eu trabalho aqui — disse ele simplesmente, tirando uma mão-cheia de amêndoas.

Deanna baixou os olhos e brincou com os papéis em cima da mesa. Também ela, pensou com profunda tristeza. Também ela. — Então é uma questão de lealdade.

— Em primeiro lugar. — O que é que se passava dentro da cabeça dela? — indagou-se ele. Era uma pena que ele não tivesse tempo para ficar e descobrir. — Depois pode-se alargar. Se o *Despertar* for pelo cano, os lucros descem. Qual é o primeiro sítio a sentir isso?

— O departamento de informação.

— Podes crer. O programa da manhã está no fundo da tabela, há um par de idiotas que não é capaz de programar uma noite de quinta-feira decente, e antes que o diabo esfregue um olho estão a cortar no pessoal.

— A segunda e a sexta-feiras são fortes — murmurou ela. — E temos o *Programa da Angela*.

— Custa um pouco saber que a Angela e um punhado de sitcoms estão a salvar a nossa pele. — Ele sorriu e encolheu os ombros. — É um negócio estranho. Provavelmente não vais querer dar-me um beijo de despedida.

— Provavelmente, não.

— Mas vais sentir a minha falta. — Havia diversão suficiente nos olhos dele para a fazer sorrir em resposta.

— Não vais para a guerra, Finn.

— Fácil para ti dizer. Fica atenta. — Afastou-se descontraidamente. Deanna viu-o aproximar-se de outra jornalista. A mulher riu e depois deu-lhe um beijo exagerado na boca. Quando soaram os aplausos, ele virou-se e sorriu para Deanna. Com um adeus final para a sala de redacção, atravessou as portas.

Deanna ainda estava a rir baixinho quando voltou ao trabalho. O tipo

podia ter lá os seus defeitos, pensou ela, mas pelo menos conseguia fazê-la rir.

E conseguia fazê-la pensar, admitiu.

Mentalmente, visualizou a lista. Duas colunas, bem alinhadas, especificando motivos para aceitar e para declinar a oferta de Angela. Havia uma em papel em cima da secretária de sua casa. Era só visualizá-la. Com um suspiro, acrescentou uma palavra à coluna «declinar».

Lealdade.

— Deanna?

Deanna pestanejou e levantou os olhos. Atrás de um vaso de porcelana com hibisco vermelho estava um rosto redondo e alegre. Ela demorou um momento a concentrar-se. Mas quando ele ajeitou os óculos de armação metálica sobre o nariz achatado, ela lembrou-se.

— Olá, Jeff. O que é isto?

— Para ti. — Jeff pousou o vaso na mesa e enfiou logo as mãos nos bolsos. Enquanto assistente de edição, Jeff Hyatt sentia-se mais confortável com equipamentos do que com pessoas. Deu a Deanna um sorriso fugaz e depois olhou para as flores. — Bonitas. Cruzei-me com o rapaz das entregas, e como vinha para cá...

— Obrigada, Jeff.

— De nada.

Deanna já o tinha esquecido quando pegou no cartão enfiado entre as flores.

Que tal o Havai?

Sorrindo, acariciou uma das flores. Mais uma palavra para a coluna «declinar», pensou. *Marshall.*

*

— A Senhorita Reynolds chegou, Senhorita Perkins.

— Peça-lhe que aguarde. — Com um cigarro incandescente entre os dedos, Angela franziu o sobrolho ao relatório de Beeker sobre Marshall Pike. Era certamente uma leitura interessante e exigia a sua total atenção. As credenciais dele eram bem merecidas: doutoramento em Georgetown, um ano a estudar no estrangeiro. E, financeiramente, o psicólogo saía-se bem a aconselhar pessoas do jet-set e políticos com casamentos confusos e famílias disfuncionais. Ele complementava a profissão lucrativa dedicando três tardes por semana aos serviços sociais.

De uma forma geral, um perfil bom e honesto de um homem que estudara bem, que trabalhava bastante e que se dedicava a preservar a vida familiar.

Angela sabia tudo sobre perfis e das ilusões que provocavam.

O seu próprio casamento fora um fracasso. Um divórcio tranquilo e civilizado que não causara muita agitação na sociedade de Chicago e não prejudicara certamente a sua vida profissional. Ainda assim, era interessante. Interessante porque Beeker tinha descoberto que o tamanho do acordo de Marshall com a ex-mulher era uma enormidade, assim como a pensão de alimentos. Muito mais do que justificava um casamento curto e sem filhos.

Ele não contestara, reflectiu Angela. Um sorriso fez subir os cantos da sua boca enquanto ela continuava a leitura. Talvez ele não tivesse tido a coragem. Quando um homem de trinta e cinco anos era apanhado a entreter a muito adorável, muito despida e muito nova filha da secretária às duas da manhã, não fica com muito espaço para negociações. Uma menor, por mais solícita que fosse, não deixava de ser menor. E adultério, especialmente com uma miúda de dezasseis anos, era algo que saía muito caro.

Ele tinha sabido como se proteger, pensou Angela ao passar os olhos pelo relatório de Beeker. A secretária recebera uma soma gorda e uma carta de recomendação excelente e mudara-se com a família para San Antonio. A mulher recebera muito mais, mas não abrira a boca. E quando se soubera, – e Angela admirava-o pela sua intrepidez – os boatos haviam-no relacionado com a secretária e não com a filha menor. . .

Então, o elegante Dr. Pike continuara a sua prática como um dos solteiros mais cobiçados de Chicago.

O eminente conselheiro familiar com um fraco por adolescentes. Um tema interessante para um programa, decidiu, e riu às gargalhadas. Não, não, iam manter isto em segredo. Alguma informação valia muito mais do que audiências. Angela fechou a pasta e enfiou-a numa gaveta. Indagou-se o que é que Deanna saberia.

— Ela que entre, Cassie.

Angela era toda sorrisos quando Deanna entrou. — Desculpa ter-te feito esperar. Estava a terminar uma coisa.

— Eu sei que és uma pessoa ocupada. — Deanna mexeu rapidamente num brinco. — Tens alguns minutos?

— Claro. — Angela levantou-se e fez sinal para que ela se sentasse numa cadeira. — E que tal um café?

— Não, não te preocupes. — Deanna sentou-se e obrigou-se a fechar as mãos sobre o colo.

— Não é trabalho nenhum. Queres antes alguma coisa fria? — Encantada, naquele momento, em servir, Angela dirigiu-se ao bar e serviu dois copos de água mineral. — Se não conseguir jantar hoje, vou pedir à Cassie para trazer uns biscoitos daqueles que eu sei que ela guarda na secre-

tária. — Riu suavemente. — Ela não sabe que eu sei. Mas eu faço questão de saber tudo sobre o meu pessoal. — Depois de entregar um copo a Deanna, sentou-se numa cadeira e esticou as pernas. — Tem sido um dia em cheio. E parto de madrugada para a Califórnia.

— Califórnia? Não sabia que ias fazer um directo.

— Não, vou falar numa cerimónia em Berkeley. — *Nada mal, para alguém que serviu à mesa para sair do Estado do Arkansas*, pensou Angela — Estou de regresso para as gravações de segunda-feira. Sabes, Dee, já que apareceste, podias dar uma vista de olhos no meu discurso. Sabes como dou valor à tua opinião.

— Claro. — Sentindo-se péssima, Deanna bebeu um pouco de água. — Não posso fazer isso até depois das cinco, mas...

— Não tem problema. Podes devolver-mo por fax para a minha casa. Dou-te uma cópia.

— Está bem. Angela... — A única forma de tratar do assunto era directamente. — Vim aqui para falar da tua oferta.

— Estava à espera disso. — Relaxada, satisfeita, Angela descalçou os sapatos e tirou um cigarro. — Não consigo expressar o quão deseja estou de me mudar para Nova Iorque, Deanna. É lá que está a força deste negócio, sabes? — Acendeu o isqueiro e deu uma passa longa. — É lá que está o poder. Já pedi ao meu agente para me procurar um apartamento.

Os olhos dela perderam a expressão calculista e tornaram-se sonhadores. Por dentro, ela era ainda a menina do Arkansas que queria ser princesa. — Quero algo com vista, montes de janelas e luz, montes de espaço. Um lugar onde possa sentir-me em casa, onde possa entreter-me. Se encontrar o lugar certo, talvez possamos até filmar lá alguns dos especiais. Os espectadores gostam de dar uma espreitadela na nossa vida pessoal.

Angela sorriu enquanto sacudia a cinza do cigarro. O aspecto suave no olhar intensificou. — Estamos a alcançar coisas, Dee. As mulheres ganharam finalmente uma posição firme no meio televisivo, e vamos até ao topo. Tu e eu. — Esticou o braço e deu um rápido aperto na mão de Deanna. — Sabes, a tua inteligência e a tua criatividade são apenas parte do motivo que me fez escolher-te. — A voz dela era persuasiva e soava a sinceridade. — Posso confiar em ti, Dee. Posso relaxar quando estás por perto. Não preciso de te dizer o quanto isso significa para mim.

Deanna fechou os olhos por um momento enquanto a culpa lhe ardia no estômago.

— Não me parece que tenha existido outra mulher de quem me sentisse tão próxima — concluiu Angela.

— Angela, eu quero...

— Vais ser mais do que minha produtora executiva; vais ser o meu

braço-direito. De facto, eu devia pedir ao meu agente que procurasse também um sítio para ti. Por perto — murmurou ela, imaginando as conversas de raparigas que nunca tinha tido na juventude. — Vai ser maravilhoso, para ambas.

— Angela, tem calma. — Com uma meia gargalhada, Deanna levantou uma mão. — Acho que compreendo o quanto este negócio com a Starmedia significa para ti, e estou entusiasmada por ti. Tens sido maravilhosa comigo, a tua ajuda, a tua amizade, e desejo-te todo o sucesso do mundo. — Aproximando-se, Deanna pegou na mão de Angela. — Mas não posso aceitar o lugar.

O brilho nos olhos de Angela desapareceu. A boca retesou. A rejeição inesperada quase a deixou sem ar. — Tens a certeza de que percebeste o que te estou a oferecer?

— Oh, sim. Sim — repetiu ela, apertando a mão de Angela entre as dela antes de se levantar para começar a andar de um lado para o outro. — E, acredita, pensei muito nisto. Tive dificuldade em concentrar-me no resto. — Virou-se para trás. — E não posso.

Muito lentamente, Angela endireitou-se na cadeira. Cruzou as pernas. Esse simples gesto erradicou toda a suavidade. — Porquê?

— Por uma série de motivos. Primeiro, tenho um contrato.

Com um som algures entre a repugnância e o divertimento, Angela fez um gesto de desdém. — Já cá andas há tempo suficiente para saber o quão facilmente isso é contornável.

— Pode ser, mas quando o assinei, empenhei a minha palavra.

Dando mais uma passa contemplativa, Angela semicerrou os olhos. — És assim tão ingénua?

Deanna compreendeu as palavras como um insulto. Mas levantou apenas um ombro. — Há outros factores. Mesmo sabendo que não tencionas levar o Lew, sentir-me-ia culpada em ir no lugar dele, principalmente por não ter a experiência que ele tem. Não sou produtora, Angela. E embora seja extremamente tentador esquecer isso e aceitar a oferta... o dinheiro, a posição, o poder. Meu Deus, Nova Iorque! — Soltou um sopro que lhe fez abanar a franja. Ela ainda não se tinha apercebido totalmente do quanto queria todas aquelas coisas até elas terem estado ao seu alcance e ela ter tido de as deixar. — E a oportunidade de trabalhar contigo. De trabalhar realmente contigo. Isso não é fácil para mim recusar.

— Mas é o que estás a fazer. — O tom de Angela era frio. — É precisamente isso que estás a fazer.

— Não é só por mim. Há outros factores que estão no caminho, por mais que me tenha esforçado por reposicioná-los. As minhas ambições es-

tão à frente da câmara. E estou feliz em Chicago. O meu trabalho, a minha casa, os meus amigos estão aqui.

Angela sacudiu o cigarro com movimentos bruscos e curtos, como os tiros de uma metralhadora. — E o Marshall? Ele também pesou nessa decisão?

Deanna pensou no vaso de hibiscos vermelhos sobre a secretária. — De algum modo. Sinto algo por ele. Queria dar uma oportunidade a esta relação.

— Devo dizer-te que estás a cometer um erro. Estás a deixar pormenores e sentimentos pessoais nublar o teu raciocínio profissional.

— Não me parece. — Deanna atravessou a sala para se sentar de novo e chegou-se à frente. Era uma coisa complicada, recusar uma oferta sem parecer ingrata, pensou. Particularmente quando a oferta assumira todas as conotações de um favor a uma amiga. — Analisei isto sob todos os ângulos. É isso que faço... Por vezes, o que faço de mais. Não foi fácil recusar a tua oferta, e não o faço de ânimo leve. Sempre me sentirei grata e incrivelmente lisonjeada por teres tido confiança suficiente em mim para me convidares.

— Então vais sentar-te a ler notícias? — Foi a vez de Angela se levantar. A fúria fervilhava tão intensamente dentro dela que ela conseguia senti-la sob a pele. Ela oferecera à rapariga um banquete e ela ia contentar-se com as migalhas. Onde é que estava a gratidão? Onde é que estava o raio da lealdade? — A decisão é tua — disse ela friamente ao sentar-se atrás da secretária. — Porque é que não pensas mais uns dias? Durante o fim-de-semana, enquanto estou fora, para o caso de mudares de ideias? — Abanou a cabeça para cortar qualquer comentário de Deanna. — Falamos de novo na segunda-feira — disse ela como despedida. — Entre gravações. Marca para as... — A sua mente funcionava freneticamente enquanto ela passava as páginas da agenda. — Onze e um quarto. — O sorriso foi caloroso e de novo amigável quando olhou para Deanna. — Se nessa altura ainda tiveres a mesma opinião, não discuto contigo. Justo?

— Está bem. — Parecia mais gracioso, e certamente mais fácil de concordar. — Vejo-te na segunda-feira, então. Boa viagem.

— Obrigada. — Esperou deliberadamente até Deanna chegar à porta. — Ah, Dee. — Sorriu e levantou um envelope. — O meu discurso?

— Claro. — Deanna voltou a atravessar a sala para agarrar no envelope.

— Tenta devolver-mo antes das nove. Preciso do meu sono de beleza.

Angela esperou até a porta se fechar antes de cruzar as mãos sobre a mesa. Os dedos ficaram brancos com a pressão. Ficou um longo momento a olhar fixamente para a porta fechada, respirando ofegantemente. Não lhe valia de nada enfurecer-se, disse para si mesma. Não, não

desta vez. Com Deanna ela tinha de ser fria, calma e concisa para rever os factos.

Ela oferecera a Deanna um lugar de poder, a sua própria amizade inestimável, a sua confiança. E ela preferia ler notícias ao meio-dia porque tinha um contrato, um apartamento arrendado e um homem.

Seria possível ser-se assim tão despreziosa? – indagou-se Angela. Tão simples? Tão estúpida?

Relaxou as mãos e obrigou-se a recostar na cadeira e a acalmar a respiração. Independentemente da resposta, Deanna ia aprender que ninguém rejeitava Angela.

Mais calma, Angela abriu uma gaveta e pegou no relatório sobre Marshall. A expressão no seu rosto não era dura, nem estava cintilante de raiva. Os lábios tremeram para um beicinho, uma expressão infantil por se ser rejeitada. Deanna não ia com ela para Nova Iorque, pensou. E ia arrepender-se amargamente.

*

Deanna tinha acabado de sair para a antessala quando o seu sentimento de culpa se transformou numa onda de prazer inesperado.

— Kate! Kate Lowell!

A mulher de pernas altas e delgadas voltou-se, ajeitando a gloriosa melena de cabelo flamejante. O seu rosto – a compleição clara, os ossos delicados, os olhos doces e a boca generosa – era tão espantoso quanto famoso. O sorriso rápido e aberto foi automático. Ela era nada mais nada menos do que uma actriz.

— Olá.

— Aquele aparelho de dentes fez de facto um bom serviço. — Deanna riu. — Kate, sou eu, a Dee! Deanna Reynolds.

— Deanna. — A tensão nervosa por debaixo do sorriso desapareceu. — Oh, meu Deus! Deanna! — O risinho contagioso que derretia os homens disparou. — Não posso acreditar.

— Imagina como me sinto. Devem ter passado uns catorze ou quinze anos!

Para Kate, por um belo momento, foi como se tivesse sido na véspera. Ela conseguia lembrar-se de todas as longas conversas; a inocência de confidências femininas.

Sob o olhar fascinado de Cassie, as duas mulheres atravessaram a sala e abraçaram-se. Mantiveram-se agarradas uma à outra por um momento.

— Estás maravilhosa — disseram em simultâneo, rindo em seguida.

— É verdade. — Kate recuou, mas manteve a mão de Deanna na dela. — Estamos. A uma grande distância de Topeka.

— Maior para ti. O que faz a mais nova estrela de Hollywood em Chicago?

— Uns pequenos negócios. — O sorriso de Kate diminuiu. — Um pouco de promoção. E tu?

— Eu trabalho aqui.

— Aqui? — Os vestígios do sorriso caloroso desapareceram. — Para a Angela?

— Não, lá em baixo. Na redacção. *Noticiário do Meio-dia*, com Roger Crowell e Deanna Reynolds.

— Não me digam que duas das pessoas de que mais gosto se conhecem. — Angela saiu do gabinete, a anfitriã graciosa. — Kate, querida, desculpa ter-te feito esperar. A Cassie não me disse que estavas aqui.

— Acabei de chegar. — A mão que ainda segurava na de Deanna ficou tensa e depois relaxou. — O meu avião teve um atraso esta manhã, por isso tenho estado a correr o dia todo.

— Terrível, não é? Até uma mulher com o teu talento está sujeita aos caprichos da tecnologia. Agora, diz-me... — Aproximou-se para pôr uma mão possessiva no ombro de Deanna. — Como conheces a nossa Dee?

— A minha tia vivia na mesma rua que a família da Deanna. Eu passei alguns Verões no Kansas quando era pequena.

— E eram amiguinhas. — O riso de Angela foi de deleite. — Que encantador! E a Deanna tem mantido em segredo as suas relações com a fama. Francamente!

Com um movimento subtil, não menos potente pela sua elegância, Kate mudou de posição. O gesto facilitou a saída de Angela do círculo. — Como está a tua família?

— Estão todos bem. — Desorientada com a tensão que se sentia no ar, Deanna tentou encontrar a fonte nos olhos de Kate. Tudo o que conseguiu ver, ou lhe foi permitido ver, foi o suave dourado amarelo-acastanhado. — Não perdem um único filme teu. Nem eu. Lembro-me de quando encenavas peças no quintal da tua tia.

— E tu escrevia-las. Agora apresentas as notícias.

— E tu é que as fazes. Estiveste incrível no filme *Decepção*, Kate. Chorei sem parar.

— Fala-se em Óscar. — Suavemente, Angela avançou para colocar um braço em volta dos ombros de Kate. — Como poderia ser de outra forma, quando a Kate desempenhou tão eficientemente o papel da jovem mãe heróica que luta para manter a guarda do filho? — As duas trocaram um olhar, cortante como lâmina. — Eu assisti à estreia. Não houve uma única pessoa que não chorasse.

— Oh, imagino que tenha havido uma. — O sorriso de Kate foi brilhante e curiosamente felino. — Ou duas.

— Adoraria dar-vos tempo para porem a conversa em dia, meninas. — Angela pressionou os dedos no ombro de Kate em sinal de aviso. — Mas estamos atrasadas.

— Vou deixar-vos ir. — Enfiando o discurso de Angela debaixo do braço, Deanna recuou. — Quanto tempo vais ficar em Chicago?

— Parto amanhã. — Kate também recuou. — Foi bom ver-te.

— E a ti. — Estranhamente magoada, Deanna virou-se e retirou-se.

— Não é querido? — Angela fez um gesto para que Kate entrasse no gabinete e depois fechou a porta. — Encontrares uma amiga de infância, que por acaso é minha protegida, aqui mesmo no meu escritório. Diz-me, Kate, tens mantido contacto com a Dee? Tens partilhado todos os teus segredos com ela?

— Só um tolo partilha segredos por vontade própria, Angela. Agora, não percamos tempo com conversa inútil. Vamos ao que interessa.

Satisfeita, Angela sentou-se à secretária. — Sim, vamos.

*

Para Finn Riley, Nova Iorque era como uma mulher: uma mulher fatal de pernas longas e pele macia que conhece os cantos ao bairro. Ela era sexy; era alternadamente desleixada e chique. E Deus sabia o quão perigosa.

Talvez fosse por isso que ele preferia Chicago. Finn adorava mulheres e tinha um fraco pelas de pernas altas e tipo perigoso. Mas Chicago era um homem grande e entroncado, com suor na camisa e cerveja fria na mão. Chicago era um arruaceiro.

Finn confiava mais numa briga honesta do que numa sedução.

Ele sabia movimentar-se em Manhattan. Vivera lá por um curto período com a mãe durante uma das separações experimentais dos pais. Ele perdera a conta a quantas separações experimentais tinham ocorrido antes do divórcio inevitável.

Recordava-se do quão sensatos ambos tinham sido. O quão civilizados e frios. E recordava-se de ser arrastado para governantas, secretárias, pré-escolas, para ser poupado, supostamente, daquela bem coreografada discórdia. Na verdade, ele sabia que nenhum dos pais se sentira confortável com um menino que fizera perguntas directas e que não se dera por satisfeito com as respostas lógicas e cobardes.

Então ele vivera em Manhattan, em Long Island, em Connecticut e em Vermont. Passara Verões em Bar Harbor e na Martha's Vineyard. Passara algum tempo nas paredes santas de três das melhores pré-escolas de Nova Inglaterra.

Talvez fosse por isso que ainda era tão irrequieto. Assim que come-

çava a criar raízes, sentia-se na obrigação de as arrancar e de mudar para outro lugar.

Agora estava de regresso a Nova Iorque. Temporariamente. Onde conhecia a zona mais pobre assim como conhecia o elegante apartamento da mãe no Central Park.

Ele nem podia dizer se preferia uma ou outra coisa. Tal como não podia dizer que se importava de trabalhar alguns dias no *Despertar*.

Naquele momento, Finn pôs Nova Iorque de lado e concentrou-se na bola que rodopiava em direcção ao seu nariz. Era muito mais espírito competitivo do que autodefesa. E Deus sabia que a utilização do court era uma alternativa bem-vinda às horas que ele passara sentado no sofá do plateau nos últimos quatro dias.

Bateu na bola com a raquete, emitindo um grunhido de esforço que se perdeu quando a bola colidiu com a parede. O poder repercutiu-se pelo braço acima, o eco da colisão reverberando na sua cabeça. A adrenalina percorreu-o quando o adversário devolveu a bola.

Ele recebeu-a com uma pancada sólida. O suor escorria satisfatoriamente pelas costas abaixo, humedecendo a T-shirt puída da CBC. Durante os cinco minutos seguintes, só existiu colisão e eco da bola, o cheiro de suor e o som de uma respiração ofegante.

— Filho da mãe. — Barlow James encostou-se à parede. — Estás a dar cabo de mim.

— Merda. — Finn não quis saber da parede. Deslizou directamente para o chão do Vertical Club. Todos os músculos do seu corpo se queixavam. — Da próxima vez trago uma arma. Será mais fácil para ambos. — Agarrou numa toalha e secou o rosto. — Quando é que vais envelhecer?

A gargalhada de Barlow ressoou nas paredes do court de raquetebol. Ele era um homem musculado com um metro e noventa e cinco de altura. Aos sessenta e três anos, não mostrava sinais de abrandamento. Enquanto caminhava em direcção a Finn, puxou a tira elástica cor-de-laranja fluorescente do cabelo prateado. Finn sempre achara que Barlow tinha uma cara que pertencia ao Monte Rushmore: rochosa, enorme e poderosa.

— Estás a ficar mole, miúdo. — Barlow tirou uma garrafa de *Evian* do saco de ginástica e atirou-a a Finn. Ficou com a segunda, esvaziando-a em grandes goles. — Quase te apanhei daquela vez.

— Tenho andado a jogar com britânicos. — Como já tinha quase recuperado o fôlego, Finn sorriu para ele. — Eles não são tão malvados como tu.

— Bom, bem-vindo aos Estados Unidos. — Barlow estendeu uma mão, ajudando Finn a levantar-se. Era como ser-se agarrado por um ur-

so-pardo amistoso. — Sabes, a maior parte das pessoas teria considerado o trabalho em Londres uma promoção, até mesmo uma grande jogada.

— É uma cidade agradável.

Barlow suspirou. — Vamos para o duche.

*

Vinte minutos depois estavam estendidos em mesas de massagem a serem sovados por massagistas.

— Um ótimo programa o desta manhã — comentou Barlow.

— Tens uma boa equipa, escritores consistentes. Dentro de pouco tempo já serás competitivo.

— O tempo é mais curto do que costumava ser neste negócio. Eu costumava detestar o raio dos gestores. — Revelou os dentes num esgar. — Agora *sou* o raio de um gestor.

— Pelo menos és um gestor com imaginação.

Barlow não disse nada. Finn manteve-se em silêncio, sabendo que havia um propósito para aquele encontro informal.

— Dá-me a tua opinião sobre os estúdios de Chicago.

— São acanhados — disse cautelosamente Finn. — Raios, Barlow. Foste director daqueles estúdios durante mais de dez anos, sabes bem com o que estamos a trabalhar. Tens uma combinação sólida de experiência e sangue novo. É um bom local de trabalho.

— As taxas de audiência do noticiário do fim de tarde local são fracas. Do que precisamos é de uma apresentação mais forte. Gostava que eles passassem o *Programa da Angela* para as quatro, para puxarem o público dela.

Finn encolheu os ombros. Ele não ignorava as audiências, mas detestava a sua importância. — Há anos que ela está no horário das nove em Chicago e na maior parte do Midwest. Podes ter dificuldade em conseguir isso.

— É mais complicado do que pensas — murmurou Barlow. — Tu e a Angela... já não há nada entre vocês?

Finn abriu os olhos e ergueu uma sobrancelha. — Vais ter uma conversa de pai para filho, Papá?

— Espertalhão. — Barlow riu por entre dentes, mas o olhar era penetrante. Finn conhecia aquele olhar. — Estava a pensar se vocês teriam retomado no ponto em que deixaram.

— Onde deixámos foi na retrete — disse Finn secamente. — E não.

— Hum. Então a relação está amigável ou tensa?

— Em público, amigável. Realisticamente, ela está-me com um ódio de morte.

Eram boas notícias, pensou Barlow, porque ele gostava do rapaz. Eram más notícias porque significava que era capaz de não poder usá-lo.

Decidindo o que havia de fazer, mudou de posição sobre a mesa, enrolando-se no lençol e dispensando as duas massagistas.

— Tenho um problema, Finn. Um boato desagradável que me soou aos ouvidos há alguns dias.

Finn sentou-se. Em qualquer outra altura teria feito uma piada por dois homens meio despidos e a cheirar a ginsengue estarem envolvidos em intensa conversação. — Queres que chegue aos meus ouvidos?

— E que pare aí.

— Está bem.

— O que se diz é que a Angela Perkins se vai embora; de Chicago, da CBC e da Delacort.

— Não ouvi dizer nada. — Reflectindo, Finn desviou o cabelo do rosto. Como qualquer repórter, ele odiava notícias em segunda mão. Mesmo que a notícia fosse apenas um rumor. — Olha, está na altura de ela renovar contrato, certo? Provavelmente foi ela que começou o boato para fazer com que o manda-chuva lhe oferecesse outro camião de dinheiro.

— Não. A verdade é que ela tem mantido a coisa em segredo. O que eu soube é que o agente dela anda a anunciar negociações, mas que não revela ao certo do que se trata. A notícia escapou da Starmedia. Finn, se ela sair, vai ser um grande rombo.

— Isso é problema do departamento de entretenimento.

— O problema deles também é nosso. Sabes isso.

— Porra!

— Exactamente. Só estou a dizer-te isto porque achei que se tu e a Angela ainda estivessem...

— Não estamos. — Finn franziu o sobrolho. — Vou ver o que consigo descobrir quando regressar.

— Agradeço-te. Agora, vamos comer alguma coisa. Vamos falar sobre magazines informativos.

— Recuso-me a fazer um magazine informativo. — Era uma velha discussão, a que eles deram continuação de forma perfeitamente amigável enquanto arrastavam os lençóis para dentro do balneário.

*

— O Havai parece-me perfeito — disse Deanna ao telefone.

— Ainda bem que achas. Que tal a segunda semana de Junho?

Agradada com a ideia, Deanna serviu-se de uma caneca de café e levou-a, mais ao telefone sem fios, até à mesa onde pusera o computador portátil. — Vou tratar disso. Ainda não tirei férias desde que comecei a trabalhar na estação, por isso não me parece que vá haver qualquer problema.

— Porque é que eu não vou até aí? Podíamos conversar melhor e olhar para alguns folhetos.

Deanna fechou os olhos, sabendo que não conseguia ignorar o insistente sinal sonoro luminoso no ecrã do computador. — Quem me dera que pudessemos. Tenho de voltar ao trabalho. Apareceu-me uma coisa de última hora que me reteve. — Ela não mencionou a hora que tinha passado a melhorar o discurso de Angela. — Ter de fazer de pivô este fim-de-semana atou-me de pés e mãos. Que tal pequeno-almoço no domingo?

— Por volta das dez? Podíamos encontrar-nos no Drake. Ver os folhetos e decidir o que preferimos.

— Perfeito. Estou desejosa.

— Também eu.

— Desculpa por esta noite.

— Não tem importância. Eu também tenho trabalho. Boa-noite, Deanna.

— Boa-noite.

Marshall desligou. Mozart estava a tocar na aparelhagem de som, um fogo calmo ardia na lareira e o aroma a óleo de limão pairava no ar.

Depois de terminar o brandy, dirigiu-se às escadas e subiu para o quarto. Quando entrou, com o som de violinos soando nos altifalantes instalados na parede, despiu o fato. Por debaixo usava seda.

Era um pequeno capricho. Ele gostava de coisas macias e caras. E gostava, confessadamente e sem vergonha, de mulheres. A sua mulher brincara muitas vezes com esse facto, e até apreciara a sua admiração pelo sexo oposto. Até, é claro, o ter encontrado numa situação de intimidade a admirar a jovem Annie Gilby.

Ele estremeceu ao lembrar o regresso da mulher, um dia antes do previsto, de uma viagem de negócios. A expressão na cara dela quando entrara no quarto e o encontrara a fazer amor de forma exuberante com Annie. Tinha sido um erro terrível. E trágico. O seu argumento, perfeitamente justificado, de que a preocupação da mulher com a carreira e a falta de acção dentro do quarto o tinham tornado presa fácil, caíra em ouvidos moucos.

Ela não se interessara nada pelo facto de a rapariga o ter seduzido completa e deliberadamente e ter jogado com as fraquezas dele e com as suas frustrações. Tinha havido outras mulheres, sim. Mas tinham sido apenas distrações passageiras, libertações sexuais discretas enquanto a mulher estivera fora ou envolvida com o próprio negócio de decoração. E não valia a pena falar delas.

Ele nunca magoaria propositadamente Patrícia, garantiu Marshall a si mesmo quando escolhia um par de calças de algodão escuras e uma camisa. Ele amara-a totalmente e sentia muito a falta dela.

Ele era um homem que precisava de estar casado, que precisava de ter uma mulher com quem conversar, com quem partilhar a vida e a casa. Uma

mulher inteligente e viva, como Patrícia. Verdade, ele precisava do estímulo da beleza. Isso não era um defeito. Patrícia fora bela e ambiciosa, tinha um sentido de estilo e de gosto perfeitos.

Resumindo, ela fora perfeita para ele. Excepto na incapacidade para compreender algumas falhas muito humanas.

Quando as descobrira, fora implacável como uma pedra. E ele perdera-a.

Embora ainda sentisse a falta dela, compreendia que a vida continuava.

Agora encontrara outra pessoa. Deanna era linda, ambiciosa e inteligente. Era a companhia ideal para ele. E ele queria-a; quisera-a desde que vira pela primeira vez o rosto dela no ecrã da televisão. Agora era mais do que uma imagem: era realidade. Ele ia ser muito cauteloso com ela.

Sexualmente, era um pouco reprimida, mas ele conseguia ser paciente. A ideia de a levar para fora de Chicago, para longe das pressões e distrações, tinha sido brilhante. Assim que ela se sentisse relaxada, segura, iria entregar-se. Até lá, ele ia conter as suas necessidades, as suas frustrações.

Mas esperava que não fosse por muito mais tempo.

8.

— O Maui — disse Fran com a boca cheia de *cheeseburger*. — Um fim-de-semana. Isso é tão não-Deanna.

— Ai é? — Deanna fez uma paragem na refeição e considerou. — Talvez seja, e eu vou gostar de cada minuto. Reservámos uma suite num hotel mesmo na praia onde o folheto diz que se conseguem ver as baleias. Binóculos — disse ela de repente, e tirou um bloco de dentro da mala. — Preciso de um bom par.

Fran esticou o pescoço e leu a lista arrumadinha que Deanna tinha começado. — Isso é que é a nossa Deanna. Vais comer essas batatas fritas todas?

— Não, serve-te à vontade. — Já embrenhada na lista, Deanna empurrou o prato na direcção de Fran.

— Um fim-de-semana no Havai parece uma coisa bastante séria. — Fran mergulhou as batatas em ketchup. — É?

— Podia ser. — Ela olhou de novo para a amiga e o rubor nas suas faces dizia tudo. — Acho mesmo que podia ser. Sinto-me confortável com o Marshall.

Fran fez uma careta. — Querida, tu sentes-te *confortável* com um velho par de chinelos.

— Não é esse tipo de confortável. Consigo relaxar quando estou com ele. Eu sei que ele não me vai pressionar, por isso posso... deixar as coisas acontecerem simplesmente. Quando sentir que é a hora certa. Posso conversar com ele sobre qualquer coisa.

As palavras saíam rapidamente. Demasiado rápido, reflectiu Fran. Se bem conhecia Deanna, e conhecia, apostaria um mês de salário em como a melhor amiga estava a tentar a todo o custo convencer-se a si própria.

— Ele tem um incrível sentido de justiça — continuou Deanna. — Interessamo-nos por muitas coisas idênticas. E é romântico. Não sabia o quão maravilhoso seria ter alguém que me manda flores e que prepara jantares à luz de velas.

— Isso é porque andavas sempre à procura da armadilha.

— Pois. — Deanna soltou um pequeno suspiro e fechou o bloco de notas. — Vou falar-lhe sobre o Jamie Thomas.

Num gesto automático de apoio, Fran esticou o braço e cobriu a mão de Deanna com a sua. — Ainda bem. Isso quer dizer que confias nele.

— Sim. — Os olhos dela escureceram com determinação. — E quero ter um relacionamento normal e saudável com um homem. Se Deus quiser, vou ter um. E não vou ser capaz de ter isso até lhe contar o que aconteceu comigo. Ele vai jantar a minha casa amanhã.

Fran largou as batatas e cruzou os braços sobre a mesa entre as duas. — Se precisares de apoio moral, só tens de ligar.

— Não vai haver problema. Tenho de voltar — disse ela depois de olhar para o relógio. — Tenho de fazer um pequeno serviço noticioso às oito e meia.

— Também tens hoje o das dez da noite, não tens? — Fran enfiou uma última batata na boca. — O Richard e eu vamos ver-te, bem agarradinhos na cama. E eu vou garantir que ele esteja nu.

— Obrigada. — Deanna contou as notas para pagar a conta. — Isso vai dar-me uma ótima imagem enquanto eu estiver a ler as notícias.

*

Era quase meia-noite quando Deanna se enfiou na cama. Como sempre, verificou o despertador e depois certificou-se de que havia um lápis e um bloco ao lado do telefone em cima da mesa-de-cabeceira. O telefone tocou no preciso momento em que ela ia apagar a luz. Instintivamente, pegou no auscultador com uma mão e no lápis com a outra.

— Reynolds.

— Foste maravilhosa esta noite.

A onda de prazer fê-la sorrir enquanto se recostava comodamente nas almofadas. — Marshall. Obrigada.

— Só queria que soubesses que estive a ver. É a melhor coisa a seguir a estar contigo.

— É bom saber. — Era uma sensação gloriosa, aninhar-se na cama, agradavelmente sonolenta, com a voz do homem que ela achava que podia amar ao ouvido. — Estive a pensar no Havai o dia todo.

— Também eu. E em ti. — Ele tinha a imagem dela gravada parada no ecrã e excitava-se silenciosamente com a imagem e a voz dela. — Devo muito à Angela Perkins por nos ter juntado.

— Eu também. Dorme bem, Marshall.

— Obrigado. Boa-noite, Deanna.

Aconchegada e contente, Deanna desligou o telefone. Abraçando-se, riu e começou a sonhar acordada. Ela e Marshall caminhando ao longo da praia enquanto o Sol coloria a água. Brisas suaves. Palavras doces. O suave aperto no estômago era uma sensação agradável. Normal, pensou. Certamente isso provava que ela era uma mulher normal com desejos normais. Ela estava pronta a dar o passo seguinte para os realizar. Estava desejava para isso.

Apenas alguns segundos depois de ter desligado o candeeiro e de se ter deitado para dormir, o telefone tocou outra vez. Rindo baixinho, levantou o auscultador no escuro.

— Olá — murmurou ela. — Esqueceste-te de alguma coisa?

Apenas o silêncio como resposta.

— Marshall? — A sua voz sonolenta transformou-se em espanto. — Estou? Quem está aí? — E depois em desconforto quando o silêncio continuou. — Estou? Está alguém aí? — O clique suave fê-la estremecer.

Número errado, garantiu Deanna a si mesma enquanto desligava. Mas estava com frio. E foi preciso muito tempo para conseguir voltar a aquecer e a adormecer.

*

Havia outra pessoa acordada no escuro. A luz fantasmagórica do ecrã do televisor era o único alívio. Deanna sorria, olhando para dentro do quarto, olhando directamente para os olhos da sua assistência de um. A sua voz, tão suave, tão doce, tão sedutora, não parava de tocar no gravador:

«*Sou Deanna Reynolds. Boa-noite. Sou Deanna Reynolds. Boa-noite. Sou Deanna Reynolds. Boa-noite.*»

— Boa-noite. — A resposta sussurrada foi suave, pouco mais do que um ronronar de prazer.

*

Angela tinha planeado meticulosamente cada detalhe. De pé, no meio do gabinete, rodopiou lentamente num círculo. Estava tudo pronto. Havia uma suave fragrância a jasmim no ar que vinha do vaso de flores sobre a mesa ao

lado do sofá. O televisor, ao menos uma vez, estava desligado. Os acordes tranquilos de Chopin saíam pelas colunas da aparelhagem. Beeker tinha sido muito minucioso no relatório. Marshall Pike preferia música clássica, cenários românticos e uma mulher com estilo. Ela tinha vestido o mesmo fato que usara para as gravações daquela manhã, mas tinha despido a blusa. O casaco tinha um decote em V e era possível ver um pouco de renda negra.

Às dez horas em ponto, ela respondeu ao sinal sonoro na secretária.
— Sim, Cassie.

— O Dr. Pike chegou, Senhorita Perkins.

— Ah, bom. — Um sorriso felino atravessou-lhe o rosto quando se encaminhou para a porta do gabinete. Ela gostava de homens pontuais. — Marshall. — Estendeu as duas mãos para segurar nas dele, aproximando-se e inclinando a cabeça para oferecer a face. E para lhe dar uma interessante visão da renda preta. — Agradeço-te imenso por teres arranjado tempo para mim.

— Disseste que era importante.

— E é. Cassie, podias ir pôr aquelas cartas no correio? Depois podes ir almoçar. Não vou precisar de ti até à uma. — Voltando-se, conduziu Marshall para dentro do gabinete, certificando-se de que deixava a porta alguns centímetros aberta. — Que posso oferecer-te, Marshall? Uma bebida fresca? — Deslizou com um dedo ao longo do casaco. — Alguma coisa quente?

— Nada, obrigado.

— Bem, então sentemo-nos. — Pegou novamente na mão dele e levou-o até ao sofá. — É muito bom ver-te de novo.

— Também é um prazer para mim rever-te. — Estupefacto, observou-a recostar-se, a saia trepando até à coxa quando cruzou as pernas.

— Sabes o quão satisfeita estou com a ajuda que me deste no programa, mas pedi para que viesses hoje até aqui para discutir algo mais pessoal.

— Oh?

— Tens andado muito com a Deanna.

Ele relaxou e esforçou-se para manter o olhar no rosto dela e o impedir de descer. — Sim, é verdade. Na verdade, tenho andado para te ligar e te agradecer por indirectamente nos teres juntado.

— Eu gosto muito dela. Assim como tenho a certeza de que tu também gostas — acrescentou ela, pousando levemente uma mão na coxa dele. — Toda aquela energia, aquele entusiasmo de juventude. Uma linda rapariga.

— Sim, é verdade.

— E tão querida. Íntegra, na verdade. — Os dedos de Angela acariciaram levemente a perna dele. — Não é o teu tipo habitual.

— Não sei o que queres dizer.

— És um homem que se sente atraído pela experiência, por uma certa sofisticação. Excepto num caso revelador.

Ele retesou e recuou. — Não sei do que é que estás a falar.

— Sabes, sim. — O tom de voz dela manteve-se agradável, tranquilo. Mas os olhos tinham aguçado como duas lâminas azuis. — Sabes, Marshall, eu sei tudo sobre ti. Sei da tua escorregadela imbecil com uma tal Annie Gilby, de dezasseis anos. E tudo sobre a tua ligação, diria, pré-Deanna, com uma certa mulher que vive em Lake Shore. De facto, fiz questão de saber tudo o que há para saber sobre ti.

— Mandaste seguir-me? — Ele esforçou-se por se mostrar indignado, mas o pânico já se sobrepusera a tudo o resto. Ela podia arruiná-lo, com um simples comentário no seu programa. — Que direito tens tu de te intrometeres na minha vida privada?

— Nenhum. É isso que torna tudo tão excitante. E é excitante. — Ela começou a brincar com o botão de cima do casaco. Quando os olhos dele se desviaram em direcção ao movimento, ela olhou para o relógio antigo atrás dele. *Onze e dez*, pensou ela, com a cabeça fria, com sangue-frio. *Perfeito*.

— Se achas que podes usar algum tipo de chantagem para arruinar a minha relação com a Deanna, estás muito enganada. — Ele tinha as palmas das mãos suadas do medo e da terrível excitação. Ele ia resistir. Tinha de resistir. — Ela não é nenhuma criança. Ela vai compreender.

— Pode ser que sim, ou não. Mas eu compreendo. — Com os olhos fixos nos dele, Angela desabotoou o primeiro botão do casaco. — Eu compreendo. Mandei a minha secretária embora, Marshall. — A voz dela baixou o tom e tornou-se mais espessa. — Para poder ficar a sós contigo. Porque é que achas que me dei a tanto trabalho para investigar a tua vida? — Abriu o segundo botão e brincou com o terceiro e último.

Ele não sabia se conseguia falar. Quando tentou pronunciar as palavras, sentiu-as como grãos de areia na garganta. — Que tipo de jogo é este, Angela?

— Do tipo que tu quiseses. — Atirou-se para a frente, rápida como uma cobra, e agarrou o lábio inferior dele com os dentes. — Eu quero-te — sussurrou ela. — Quero-te há muito tempo. — Sentando-se em cima dele, pressionou a cara dele contra os seios apertados pela renda negra. — Tu também me queres, não queres? — Ela sentiu a boca dele abrir e procurar desesperadamente por carne. O olhar dela iluminou-se, cortante e quente, cintilando de poder. Ela tinha vencido. — Não queres? — perguntou ela, segurando a cabeça dele entre as mãos.

— Sim. — Ele estava já a puxar a saia dela para cima.

*

Deanna esperava impacientemente que o elevador chegasse ao décimo sexto andar. Ela não tinha realmente tempo para manter o compromisso com Angela. Mas sentia-se obrigada por aquela combinação invencível de bons modos e afecto. Olhou novamente para o relógio de pulso enquanto entravam e saíam pessoas no sétimo.

Angela ia ficar chateada, pensou. E não havia forma de evitar. Deanna esperava que a dúzia de rosas que levava suavizassem a recusa.

Ela devia a Angela muito mais do que flores, pensou. Muita gente não via a pessoa generosa e dedicada que era Angela Perkins, ou quão vulnerável. Só viam o poder, a ambição, a necessidade da perfeição. Se Angela fosse homem, essas características seriam elogiadas. Mas como era mulher, eram consideradas defeitos.

Quando saiu do elevador, no décimo sexto andar, Deanna prometeu a si mesma que seguiria o exemplo de Angela e as críticas que fossem para o diabo.

— Olá, Simon.

— Dee. — Ele passou por ela, duas vezes, e depois parou de repente e correu para trás. — Não é o aniversário dela. Diz-me que não é o aniversário dela.

— O quê? Ah. — Vendo o horror na cara dele enquanto fitava o ramo de flores, ela riu. — Não. Estas são de agradecimento.

Ele suspirou, pressionando os olhos com os dedos. — Graças a Deus. Ela matava-me se eu me tivesse esquecido. Ela já estava insuportável hoje de manhã porque o avião se atrasou a chegar ontem à noite.

O sorriso amigável de Deanna desapareceu. — Tenho a certeza de que estava apenas cansada.

Simon revirou os olhos. — Pois, pois. E quem não estaria? Eu também sofro de jet-lag. — Para mostrar a sua completa solidariedade para com as mudanças bruscas no humor da chefe, cheirou profundamente as flores. — Bem, isso deve melhorar o humor dela.

— Espero que sim. — Deanna continuou a percorrer o corredor, pensando se Angela iria levar Simon para Nova Iorque. Se não ia levar Lew... quantas pessoas da equipa seriam despedidas? Simon, o eterno celibatário e coca-bichinhos, podia ser um pouco nervoso, mas era leal.

A pontada de culpa por saber, quando ele não sabia, que a carreira dele estava por um fio, fê-la tremer.

Deanna encontrou a antessala vazia. Perplexa, olhou de novo para o relógio. Cassie devia ter ido tratar de algum assunto. Com um encolher de ombros, aproximou-se da porta de Angela.

Ouviu primeiro a música, baixa, encantadora. O facto de a porta estar aberta alguns centímetros era raro. Deanna sabia que Angela era obsessiva

no que dizia respeito a mantê-la bem fechada quer estivesse no gabinete ou não. Encolheu os ombros e bateu ao de leve.

Então começou a ouvir outros sons, não tão encantadores como a música. Bateu novamente, fazendo com que a porta abrisse mais um pouco.

— Angela?

O nome ficou preso na sua garganta no momento em que viu os dois corpos lutando em cima do sofá. Ela teria recuado imediatamente, com o embaraço ardendo-lhe nas faces, mas reconheceu o homem, e o calor dissipou-se e deu lugar ao choque.

As mãos de Marshall estavam nos seios de Angela, a cara enterrada entre eles. Enquanto observava, aquelas mãos, que ela admirara pela sua elegância, deslizaram para puxar a saia de linho. E enquanto ele fazia isso, Angela virou a cabeça, lentamente, no momento em que o seu corpo se arqueava para a frente. O olhar dela cruzou-se com o de Deanna.

Mesmo sob o efeito do choque, Deanna conseguiu ver o sorriso rápido, o prazer malicioso, antes da aflição. — Oh, meu Deus! — Angela deitou-se contra o ombro de Marshall. — Deanna! — A voz dela continha o terror que ela não conseguia transmitir nos olhos.

Ele virou a cabeça. Os olhos, escuros e vítreos, fitaram os de Deanna. Todo o movimento parou subitamente, horrivelmente, como se um botão os tivesse posto em pausa. Deanna quebrou o quadro com um grito abafado. Virou-se e correu, pisando as rosas que deixara cair aos pés.

A sua respiração era irregular quando chegou ao elevador. Ela sentia dor, uma dor terrível irradiando do peito. Carregou vezes sem conta no botão para descer. Desnorteada, deu meia volta e correu para as escadas. Não conseguia parar, não conseguia pensar. Tropeçou, impedindo uma queda mais por instinto do que por desígnio. Sabendo apenas que tinha de sair dali, precipitou-se escada abaixo, piso após piso, a respiração ofegante ecoando atrás dela.

Quando chegou ao rés-do-chão, bateu furiosamente na porta. Bateu repetidamente, chorando, até conseguir controlar-se o suficiente para rodar o manípulo. Ao sair, esbarrou directamente em Finn.

— Eh! — A diversão apareceu e desapareceu num abrir e fechar de olhos. Assim que viu a cara dela, o riso fugiu. Ela estava pálida como um lençol, os olhos loucos e molhados. — O que se passa? — Finn agarrou-a pelos ombros, arrastando-a para a luz do Sol. — O que é que aconteceu?

— Deixa-me! — Ela contorcia-se contra ele. — Raios, deixa-me em paz!

— Não me parece. — Instintivamente, envolveu-a com os braços. — Pronto, querida. Vou só segurar-te e podes desabafar.

Embalou-a, acariciando-lhe o cabelo enquanto ela chorava contra o ombro dele. Ela não se retraiu e deixou todo o choque e dor saírem com as lágrimas. A pressão que sentia no peito diminuiu com elas, como um inchaço aliviado com água fria. Quando sentiu que ela estava mais calma, Finn conduziu-a pelo parque de estacionamento até a um muro baixo.

— Vamos sentar-nos. — Tirou um lenço do bolso e pô-lo nas mãos dela. Embora odiasse as lágrimas de uma mulher, fugir às de Deanna marcá-lo-ia como o pior tipo de covarde. — Podes recompor-te e contar ao Tio Finn o que aconteceu.

— Vai para o Inferno — resmungou ela, e assoou o nariz.

— É um bom começo. — Delicadamente, afastou o cabelo dela das bochechas húmidas. — O que aconteceu, Deanna?

Ela virou a cara. Havia demasiada preocupação, demasiada solicitude nos olhos dele. — Acabei de descobrir que sou uma idiota. Que não tenho sentido de avaliação e que não se pode confiar em ninguém.

— Parece um currículo para um pivô de informação televisiva. — Como ela não sorriu, ele pegou-lhe na mão. — Não tenho whisky comigo e deixei de fumar no ano passado. O melhor que posso oferecer-te é um ombro.

— Parece-me que já usei isso.

— Eu tenho outro.

Em vez de se encostar, ela sentou-se direita e fechou com força os olhos por um momento. Talvez fosse uma idiota, mas ainda tinha orgulho. — Acabei de ver uma mulher que considerava amiga com um homem que estava a considerar como amante.

— Isso é pesado. — E ele não tinha as palavras certas para aliviar a situação. — O psicólogo?

— Sim, o Marshall. — Os lábios dela tremeram. Com um esforço, estabilizou-os. As lágrimas que vertera não a envergonhavam, mas tinham acabado. Ela pretendia manter as coisas assim. — E a Angela. No gabinete dela.

Resmungando uma imprecação, ele olhou para as janelas do décimo sexto andar. — E com certeza não terás entendido mal a situação.

A gargalhada dela foi seca como pó. — Sou uma observadora experiente. Quando vejo duas pessoas a apalparem-se, estando uma meio nua, sei o que estão a tramar. Não preciso de corroboração para fazer a reportagem.

— Também me pareceu. — Ele manteve-se em silêncio por um momento. A brisa sussurrava através do relvado atrás deles e fazia oscilar a rampa de tulipas que soletrava CBC num amarelo-vivo. — Eu podia reunir

uma equipa — reflectiu Finn — e ir até ao décimo sexto andar com uma câmara, luzes e um micro, e fazer da vida dele um inferno.

Desta vez a gargalhada dela foi menos tensa. — Entrevistá-lo na cena do crime? É uma proposta tentadora.

— Não, a sério, eu ia gostar. — Quanto mais pensava nisso, mais acreditava que era a solução perfeita. — Dr. Pike, enquanto respeitável conselheiro familiar, como é que explica o facto de ser apanhado de calças em baixo num local de trabalho antes do meio-dia? Esta foi uma visita profissional? Uma nova forma de terapia que gostasse de partilhar com o público?

— As calças não estavam em baixo... ainda — disse ela com um suspiro. — Eu interrompi-os. E apesar de a tua oferta ser tentadora, tenho de resolver a situação sozinha. — Deanna devolveu o lenço usado. — Raios! Fizeram de mim parva! — Saltando do muro, Deanna cruzou os braços com força em volta do corpo. — Ela planeou isto tudo. Não sei porquê, nem sei como, mas planeou. Vi isso nos olhos dela.

Aquela notícia não o surpreendia. Nada sobre Angela o surpreendia. — Pisaste-lhe os calos ultimamente?

— Não. — Ela levantou uma mão para desviar o cabelo do rosto e depois parou. *Nova Iorque*, pensou ela, e quase riu de novo. — Talvez tenha — disse suavemente. — E esta é uma espécie de vingança pelo que ela vê como ingratidão. — Furiosa, Deanna virou-se novamente para ele. — Ela sabia o que eu sentia por ele e fez uso disso. E que timing! Menos de uma hora antes de eu ter de ir para o ar. — Olhou para o relógio e depois cobriu o rosto com as mãos. — Oh, Deus! Só tenho vinte minutos!

— Calma. Vou até lá abaixo e digo ao Benny que não te sentes bem. Eles arranjam um substituto.

Ela considerou a oferta por um momento. Mas depois lembrou-se do sorriso malicioso de satisfação de Angela. — Não. Ela ia gostar muito disso. Eu posso fazer o meu trabalho.

Finn estudou-a. A cara dela estava marcada das lágrimas e os olhos estavam inchados e inflamados, mas ela estava determinada. — Fazem-nas duras no Kansas — disse ele em tom de aprovação.

O queixo dela elevou-se mais um pouco. — Podes crer.

— Vamos levar-te até à maquilhagem.

Ela não disse nada até terem atravessado o parque de estacionamento e as portas. — Obrigada.

— De nada. Tens algum colírio?

Ela fez uma careta quando começaram a subir os degraus. — Está assim tão mau?

— Oh, está pior.

Ele manteve a conversa leve enquanto a conduzia até à maquilha-

gem. Levou-lhe gelo para os olhos, água para a garganta e depois ficou para conversar enquanto ela escondia o pior do estrago com cosméticos. Mas ele estava a pensar, e os seus pensamentos não eram nada leves. Nada gentis.

— Está muito melhor — comentou ele. — Tenta um pouco mais de blush.

Ele tinha razão. Deanna passou com o pincel nas maçãs do rosto e viu o reflexo de Marshall no espelho. A mão tremeu antes de ela pôr o pincel de lado.

— Deanna, tenho andado à tua procura.

— Oh? — Ela sentiu Finn encolher-se ao lado dela, como um gato grande e feroz prestes a saltar, e pousou uma mão no braço dele. E percebeu com surpresa que ao mínimo sinal da parte dela ele atacaria. E não era uma imagem tão desagradável como ela queria pensar. — Tenho estado aqui — disse ela friamente. — Tenho um programa para fazer.

— Eu sei. Eu... — Os olhos dele fixaram-se nos dela, meigos, castanhos e suplicantes. — Eu espero.

— Não há necessidade. — *Estranho*, pensou ela. Sentia-se poderosa. Invencível. Parecia não haver qualquer relação entre a mulher que era naquele momento e a que saíra a soluçar do escritório de Angela. — Ainda tenho alguns minutos. — Calmamente, encostou-se à bancada e sorriu para Finn. Havia vermelhidão nos olhos que nada tinha a ver com lágrimas. — Não te importas de nos deixar a sós?

— Claro. — Ele estendeu a mão e tocou-lhe no queixo com a ponta do dedo. — Estás bonita assim, Kansas. — Com um último olhar cortante para Marshall, saiu a passos largos.

— Era necessário trazê-lo para o meio dos nossos assuntos?

Deanna interrompeu-o com um olhar. — Ainda tens a lata de me criticar numa altura destas?

— Não. — Os ombros de Marshall descaíram. — Não, claro que não. Tens razão. É que para mim isto já é suficientemente complicado e embaraçoso sem que o boato se espalhe pela redacção.

— O Finn tem coisas mais interessantes para discutir do que a nossa vida sexual, Marshall. Garanto-te. Agora, se tens alguma coisa para dizer, é melhor dizeres. Só tenho alguns minutos.

— Deanna. — Ele avançou e ter-lhe-ia tocado, mas a faísca nos olhos dela foi um sinal de aviso. — Não tenho desculpa para o que aconteceu... ou quase aconteceu. Mas quero que saibas que não existe nada entre mim e a Angela. Foi um impulso — continuou ele, falando rapidamente quando Deanna permaneceu calada. — Puramente físico e sem qualquer significado. Não tem nada a ver com o que sinto por ti.

— Claro que não — disse ela após um momento. — E eu acredito em ti. Acredito que foi sexo impulsivo e sem significado.

Ele sentiu-se inundar de alívio. Não a tinha perdido. Os olhos dele iluminaram-se quando estendeu a mão para tocar nela. — Eu sabia que tu ias compreender. Soube assim que te vi que eras uma mulher suficientemente generosa para me aceitar, para me compreender. É por isso que eu sei que fomos feitos um para o outro.

Rígida como pedra, ela olhou fixamente para ele. — Tira as mãos de cima de mim — disse calmamente. — Imediatamente.

— Deanna. — Quando ele a apertou ainda mais, ela tentou lutar contra um pânico súbito, uma lembrança rápida e horrível, e empurrou-o.

— Eu disse agora. — Solta, Deanna recuou e respirou profundamente para se acalmar. — Eu disse que acreditava em ti, Marshall. E acredito. O que fizeste com a Angela não teve nada a ver com os teus sentimentos por mim. Contudo, teve tudo a ver com os meus por ti. Eu confiava em ti, e tu traíste essa confiança. Isso torna impossível separarmo-nos como amigos. Por isso vamos simplesmente separar-nos.

— Estás magoada neste momento. — Tinha um músculo a tremer na face. — Por isso não estás a ser razoável. — Era como Patrícia, pensou ele. Tão parecida com Patrícia.

— Sim, estou magoada — concordou ela. — Mas estou a ser muito razoável. — Um sorriso ténue pairou na boca dela, tão insultuoso como uma bofetada. — Eu costumo ser sempre razoável. Não estou a chamar-te nenhum dos nomes que me estão a ocorrer neste momento.

— Tu vês isto como culpa minha. Como uma fraqueza. — Confiante nas suas capacidades como mediador, ele mudou de tática. — O que ainda não foste capaz de ver é a tua parte nisto. A tua responsabilidade. Estou certo de que concordarás que nenhuma relação bem sucedida é resultado dos esforços de uma pessoa. Durante todas as semanas que estivemos juntos eu fui paciente e fiquei à espera que tu permitisses que a nossa relação evoluísse para a fase natural e muito humana do prazer físico.

Ela não pensava que ele a pudesse chocar de novo. Mas enganara-se. — Estás a dizer-me que por eu não ter ido para a cama contigo, te forcei a voltares-te para a Angela?

— Não estás a ler as entrelinhas, Deanna — disse ele pacientemente. — Eu respeito os teus desejos, a tua necessidade de evoluíres lentamente. Ao mesmo tempo, preciso de satisfazer as minhas próprias necessidades. A Angela foi certamente um erro...

Ela acenou lentamente com a cabeça. — Estou a ver. Ainda bem que esclarecemos isto antes que fosse mais longe, Marshall. Agora vou dizer-te muito razoavelmente que vás para o Inferno.

Ela tinha começado a sair, com os olhos a enublarem-se, quando elle bloqueou a passagem. — Não acabámos, Deanna.

— Eu acabei, e é só isso que interessa. Ambos cometemos um erro, Marshall. Um erro muito grande. Agora sai da minha frente antes que eu cometa outro e nos envergonhe arrancando-te a pele da cara.

Ele desviou-se de maneira hirta. — Estarei à tua espera para discutir isto quando estiveres mais calma.

— Oh, eu estou calma — murmurou ela enquanto se dirigia para o estúdio. — Estou totalmente calma, canalha.

Empurrou as portas do estúdio, atravessou-o a passos largos e assumiu o seu lugar atrás da mesa de pivô.

Finn observou-a até ao primeiro intervalo. Assim que se convenceu de que ela estava controlada, saiu e dirigiu-se ao elevador.

*

Angela assistia às notícias do meio-dia no seu gabinete enquanto bebia uma taça comemorativa de champanhe. Ela não queria saber das palavras ou das imagens, mas estava interessada, até fascinada, por Deanna. A miúda parecia tão fria e doce como um gelado, pensou Angela. Excepto nos olhos. Angela teria ficado extremamente decepcionada se não tivesse visto a fúria contida no olhar de Deanna.

— Em cheio — murmurou ela, deliciada.

Venci, pensou de novo, mas não conseguiu evitar uma certa admiração.

Sentada na cadeira de pele atrás da secretária, bebericava e sorria, e finalmente ergueu o copo num brinde silencioso a Deanna.

— Ela tem estilo, não tem? — disse Finn à entrada da porta.

Para seu orgulho, Angela não se assustou. Continuou a bebericar e a olhar para o ecrã. — Completamente. Ela podia ir longe neste meio com o professor certo.

— É esse o papel que pretendes ter aqui? — Finn atravessou a sala e deu a volta à mesa para se pôr atrás da cadeira de Angela. — Vais ensinar-lhe os teus métodos, Angela?

— Os meus métodos funcionam. A Dee seria a primeira a dizer-te o quão generosa tenho sido com ela.

— Ela assusta-te, não é? — Finn baixou as mãos até aos ombros de Angela, segurando-a com firmeza enquanto olhavam ambos para a imagem de Deanna.

— Porque é que assustaria?

— Porque ela tem mais do que estilo. Tu também tens muito disso. Ela tem inteligência, mas isso tu também tens. E coragem e vontade. Mas ela ultrapassa-te, Angela. Porque ela tem classe. Uma classe inata. — Os de-

dos dele enterraram-se quando ela começou a mexer-se. Ele não fazia ideia de como acertara em cheio. — Isso é algo que tu nunca terás. Podes usar as tuas pérolas e os teus fatos de mil dólares; não quer dizer cheta. Porque não podes usar classe. Não a podes comprar e não a podes fingir. — Fez girar a cadeira dela, inclinando-se sobre ela por forma a ficarem cara a cara. — E nunca a terás. Por isso ela mete-te medo e tu tiveste de descobrir uma forma de lhe mostrar quem é que mandava.

— Ela foi a correr ter contigo, Finn? — Angela estava abalada, muito mais do que queria admitir, mas levantou o copo e bebericou delicadamente, muito embora a bebida lhe parecesse agora mais uma muleta. — Estava chocada e devastada e a chorar à procura de consolo?

— És mesmo uma cabra, Angela.

— E tu sempre gostaste disso. — Os olhos dela riram por cima da borda do copo. Depois encolheu os ombros. — A verdade é que lamento que ela tenha ficado assim tão magoada. Não se pode negar que o Marshall não era o homem certo para ela, mas eu sei que ela gostava dele. Simplesmente ele sentia-se atraído por mim e eu por ele. — Como queria acreditar naquela desculpa, acreditava. A voz dela transmitia sinceridade. — As coisas descontrolaram-se e eu culpo-me inteiramente. Foi uma coisa impensada.

— Uma ova. Tu não respiras sem pensar primeiro.

Ela sorriu de novo, olhando para ele. — Não sejas ciumento, Finn.

— És patética. Achavas que este truque a ia derrubar?

— Se ela o amasse, teria derrubado. — Contraindo os lábios, examinou as unhas. — Talvez eu lhe tenha feito um favor.

Ele riu. — Talvez sim. De certeza que a mim fizeste. — Finn olhou para ela e sorriu. — Eu quero-a e tu acabaste de limpar o caminho.

Ele não teve que se desviar do copo que ela atirou. Este atingiu a janela bem longe da sua cabeça. O cristal estilhaçou-se. Encantado, Finn enfiou as mãos nos bolsos.

— A tua pontaria continua uma porcaria.

Naquele momento não houve riso, nem nenhum do arrependimento de que ela se convencera sentir. Só raiva. — Achas que ela te vai querer depois de ouvir o que eu tenho para lhe dizer?

— Achas que ela vai dar ouvidos a alguma coisa que tu digas depois desta encenação? — Havia um humor rebelde nos olhos dele. — Desta vez passaste das marcas. Ela não vai aparecer aqui a choramingar. Ela vai ser forte. E vai ficar melhor. E tu vais começar a olhar por cima do ombro.

— Achas que estou preocupada com uma jornalistazinha engraçadinha? — perguntou ela. — Só preciso de fazer um telefonema e ela passa à história. Assim simplesmente. — Estalou os dedos. — Quem é que achas

que tem mantido esta estação fora do buraco durante os últimos dois anos? E para onde é que achas que irei quando sair daqui?

— Então sempre vais sair. — Ele meneou a cabeça e oscilou sobre os calcanhares. — Bem, parabéns e *bon voyage*.

— Exactamente. Quando estrear a nova época, estarei em Nova Iorque e o *Programa da Angela* será produzido pela minha própria companhia. As empresas afiliadas da CBC virão rastejar aos meus pés para pagar o que eu quiser para transmitirem o meu programa. Dentro de dois anos, serei a mulher mais poderosa na televisão.

— Pode ser até que consigas — concordou ele. — Durante um tempo.

— Ainda estarei no topo enquanto tu andas à cata de dois minutos no último noticiário. — Ela tremia agora, a sua firmeza espicaçada por agulhas de insegurança. — As pessoas querem-me. Admiram-me. Respeitam-me.

— Eu respeitava certamente.

Finn e Angela voltaram-se para a porta, onde Deanna se encontrava pálida sob a maquilhagem. Ela reparou, sem qualquer surpresa, que Angela tinha destruído a maior parte dos botões de rosa e que os colocara proeminentemente sobre a secretária.

— Deanna. — De lágrimas nos olhos, Angela atravessou a sala. — Não sei como poderei desculpar-me.

— Pára com isso. Já que só estamos nós três aqui, podemos ser sinceros. Eu sei que planeaste a cena toda, que arranjaste forma de eu entrar naquele preciso momento.

— Como podes dizer uma coisa dessas?

— Vi a tua cara. — A voz dela era ríspida, mas ela acalmou-se. Não ia perder o controlo. — Vi a tua cara — repetiu ela. — Não sei ao certo se foi porque querias provar que eu estava errada em relação ao Marshall, ou se foi por eu não ter podido aceitar a tua proposta. Talvez tenha sido uma combinação de ambas.

Mágoa, tão genuína como as pérolas que tinha ao pescoço, fez tremer a voz de Angela. — Devias conhecer-me melhor.

— Sim, devia. Mas quis acreditar em ti. Quis sentir-me lisonjeada por seres minha amiga, por veres alguma coisa em mim. Por isso não vi para lá da superfície.

— Então. — Pestanejando com as lágrimas, Angela virou as costas. — Vais pôr de lado a nossa amizade por causa de um homem.

— Não, vou pô-la de lado por causa de mim. Queria que soubesses isso.

— Dei-te o meu tempo, a minha ajuda, o meu afecto. — Voltou-se de novo para Deanna. — Ninguém me rejeita.